



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANA FLÁVIA NICOLAU CONRADO

**PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA
REGIÃO GLEBA LINDÓIA DE LONDRINA/PR**

Londrina
2022

ANA FLÁVIA NICOLAU CONRADO

**PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA
REGIÃO GLEBA LINDÓIA DE LONDRINA/PR**

Texto Final de Dissertação de Mestrado (Banca de defesa), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Linha de pesquisa: Desigualdades, Cidadania e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria de Sousa Lima

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Conrado, Ana Flávia Nicolau.

PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA REGIÃO GLEBA LINDOIA DE LONDRINA/PR / Ana Flávia Nicolau Conrado. - Londrina, 2022.
113 f.

Orientador: Ângela Maria de Sousa Lima.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Juventudes - Tese. 2. Sociabilidades - Tese. 3. Bairros periféricos - Tese. 4. Práticas Juvenis - Tese. I. de Sousa Lima, Ângela Maria. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 316

ANA FLÁVIA NICOLAU CONRADO

**PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA
REGIÃO GLEBA LINDÓIA DE LONDRINA/PR**

Texto Final de Dissertação de Mestrado (Banca de defesa), apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria de
Sousa Lima
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profa. Dra. Lígia Wilhelms Eras
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

Prof. Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Profa. Dra. Suely Aparecida Martins
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -
UNIOESTE

Londrina, 27 de janeiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aqueles que ajudaram a manter minha fé e persistência em continuar e finalizar essa pesquisa durante um momento tão sensível e dolorido que foi a pandemia de Covid-19.

Aos meus pais, Samuel e Silvana, que mesmo com todas as dificuldades, com suas simplicidades e humildades, nunca deixaram de investir em minha educação e formação profissional, me incentivando a ler desde criança e me mostrando que eu era capaz de estudar em uma Universidade Pública.

Aos meus avós, Valdira e Paulo, por sempre acreditarem em mim e estarem ao meu lado, ouvindo e oferecendo colo e café todas as tardes. Sem dúvida, são meus maiores exemplos de vida. Agradeço também a minha tia Shirley e ao meu primo Filipe, por todos os momentos divertidos, pelas piadas, pelas conversas, por sempre me colocarem para cima nos momentos difíceis.

Gostaria de agradecer ao meu melhor amigo e companheiro Thiago, por estar presente durante toda essa etapa, me apoiando, ouvindo meus desabafos e minhas angústias. Sem dúvidas, foi com quem pude sempre contar em todos os momentos. Obrigada por fazer as coisas ficarem mais leves e me acalmar diversas vezes.

Aos amigos e amigas que cresceram comigo no bairro e que se dispuseram a auxiliar na coleta de dados dessa pesquisa. Aos meus queridos amigos e amigas da caminhada acadêmica, que se mantiveram presentes em minha vida. E, em especial para minha amiga Lorena, minha fiel parceira da pós-graduação, com quem compartilhei e encontrei amizade verdadeira em todos os momentos. Amigos e amigas, não caberiam nessas páginas tudo que tenho a agradecer-los, mas saibam que são extremamente importantes e estão guardados em meu coração.

Com um enorme carinho e admiração, agradeço a minha amiga e orientadora professora Dra. Ângela Maria de Sousa Lima, por acreditar em mim desde a licenciatura em Ciências Sociais, por não desistir de mim todas as vezes que me viu com imensas dificuldades pelo caminho. Sem dúvida, a pessoa que mais me inspirou em toda essa minha trajetória acadêmica. Obrigada por me ajudar nos momentos cruciais, por todos os conselhos que ultrapassaram âmbitos profissionais. Levarei-os sempre comigo por toda a vida.

Agradeço à Universidade Estadual de Londrina e todo o curso de Ciências Sociais, ao Programa de Pós-graduação PPGSOC/UEL e a todos os do centes que contribuíram para minha formação humana e profissional. Muito obrigada Rosely Rosely Fernandes, encarregada da Seção de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais da UEL, por me salvar e ajudar em todos os trâmites burocráticos durante todo esse processo. E faço menção especial à Professora Dra. Angélica Lyra de Araújo, agradeço-a pelas conversas e caronas nas noites em que saíamos da Universidade depois de eventos e aulas. Tenho enorme estima pelo seu empenho e amor pelo que faz.

Agradeço também a Bolsa de Demanda Social concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me deu suporte financeiro imprescindível para a realização dessa dissertação, sem esse apoio não teria condições de chegar até aqui, com isso elucido a importância do investimento público na nossa ciência, nas pesquisadoras e pesquisadores brasileiros.

Agradeço à Professora Dra. Leila Sollberger Jeolás, por ser extremamente solícita e atenciosa, auxiliando-me com dicas e com as demandas do Comitê de Ética. E, ao Professor Dr. Alexandre Barbosa Pereira, pela disponibilidade em colaborar com essa pesquisa, por suas produções relevantes na área e pela participação na banca de qualificação.

Agradeço também pela disponibilidade e interesse dos professores Dr. Francisco Willams Ribeiro Lopes, Dra. Lígia Wilhelms Eras e suplências Dra. Suely Aparecida Martins e Dr. Márcio Ferreira de Souza, em participarem da minha banca de defesa. É uma honra compartilhar esse singelo texto de dissertação e compartilhar desse momento com os senhores.

A todos aqueles que não consegui mencionar, mas que contribuíram, de alguma forma, na minha trajetória: **MUITO OBRIGADA!**

Dedico ao lugar que nasci, cresci e vivo
“Lembra do corre que é feito no cotidiano...”
(Rincon Sapiência / Oldila)

CONRADO, Ana Flávia Nicolau. **Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindoia de Londrina/Pr.** Texto Final de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. da Universidade Estadual de Londrina - UEL como requisito para a obtenção do título de Mestra em Sociologia, 2022.

RESUMO

Nesse trabalho pretendo registrar as percepções de jovens das classes populares acerca das suas diferentes práticas culturais e experiências de sociabilidades, especificando trocas, condições juvenis e formas de manifestação, compreendendo-as na relação com a escola, com o bairro, com os espaços de lazer e com as demais malhas sociais e culturais onde estão imersas na Região Gleba Lindoia de Londrina-PR. Assim, a principal problematização gira em torno dos eixos escola, bairro, sociabilidades e juventudes. Nesse percurso, a pergunta que norteia a pesquisa é: Como se dão as práticas culturais e as sociabilidades das juventudes da (e na) região da Gleba Lindoia e que modificações estas vivências sociais e culturais sofreram no contexto da pandemia da Covid-19? A principal hipótese é de que essas juventudes dessa região, em geral filhas da classe trabalhadora, transitam em experiências culturais e de sociabilidades únicas, construídas historicamente dentro desse pedaço da periferia do município, compartilhando algumas práticas sociais comuns, dadas as especificidades da região, do mesmo modo em que outras experiências de trocas, de vivências coletivas e de lazer foram recriadas em função da pandemia da Covid-19. Para tentar problematizar sociologicamente tais indagações, o estudo ocorreu através da etnografia e da coleta de dados, utilizando questionário *survey* (por *google forms*), com posterior entrevistas em profundidade, realizadas após a banca de qualificação, com a autorização do Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UEL. O uso deste caminho metodológico, inspirado pela etnografia e pelas contribuições da Antropologia e Sociologia das Juventudes, me permitiu modificar, desestabilizar ou evidenciar novas formas de compreender o meu referencial teórico, dando vida e concretude para uma visão mais plural, diversa e mais desnaturalizada da categoria social juventudes em Londrina-Paraná.

Palavras-chave: juventudes; sociabilidades; bairros periféricos; práticas juvenis.

CONRADO, Ana Flávia Nicolau. **Cultural Practices and Youth Sociabilities in the Gleba Lindoia Region of Londrina/PR**. Final Master's Dissertation Text, presented to the Graduate Program in Sociology. from the State University of Londrina - UEL as a requirement for obtaining the title of Master in Sociology, 2022.

ABSTRACT

In this work I intend to register the perceptions of young people from the popular classes about their different cultural practices and experiences of sociability, specifying exchanges, youth conditions and forms of manifestation, understanding them in the relationship with the school, with the neighborhood, with the leisure spaces. and with the other social and cultural networks where they are immersed in the Gleba Lindoia Region of Londrina-PR. Thus, the main problematization revolves around the school, neighborhood, sociability and youth axes. In this path, the question that guides the research is: How are the cultural practices and sociabilities of youths in (and in) the region of Gleba Lindoia and what changes have these social and cultural experiences undergone in the context of the Covid-19 pandemic? The main hypothesis is that these youths from this region, in general daughters of the working class, transit in cultural experiences and unique sociability, historically built within this part of the periphery of the municipality, sharing some common social practices, given the specificities of the region, the in the same way that other exchange experiences, collective and leisure experiences were recreated due to the Covid-19 pandemic. To try to sociologically problematize such questions, the study took place through ethnography and data collection, using a survey questionnaire (by google forms), with subsequent in-depth interviews, carried out after the qualification board, with the authorization of the Research Ethics Committee. with Human Beings from UEL. The use of this methodological path, inspired by ethnography and by the contributions of Anthropology and Sociology of Youth, allowed me to modify, destabilize or highlight new ways of understanding my theoretical framework, giving life and concreteness to a more plural, diverse and more denaturalized view of social category youths in Londrina-Paraná.

Key-words: youths; sociabilities; suburbs; youth practices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rendimento por salário e por bairro de Londrina (PR).....	31
Figura 2 – Alfabetização por bairro de Londrina (PR)	32
Figura 3 – Rendimento de até meio salário-mínimo por bairro de Londrina (PR).....	33

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Texto Introdutório do Questionário.....	51
QUADRO 2 – FILIPE - DADOS PERFIL - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS.....	54
QUADRO 3 – INGRID – DADOS PERFIL – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:	55
QUADRO 4 – KAREN – DADOS PERFIL – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:	56
QUADRO 5 – GRELHA 1 - EIXO EXPÊRIÊNCIAS COM O COLÉGIO	60
QUADRO 6 – GRELHA 2 - LAÇOS COM A REGIÃO	65
QUADRO 7 – GRELHA 3 - LUGARES QUE FREQUENTA OU FREQUENTAVA	70
QUADRO 8 – GRELHA 4 - ATIVIDADES QUE DESENVOLVE	72
QUADRO 9 – GRELHA 5 – EXPERIÊNCIAS NA PANDEMIA	78

LISTA DE IMAGENS

1 – IMAGEM 6: MAPA 1 - Bairros e Regiões de Londrina.....	28
2 – IMAGEM 1: Avenida das Maritacas Sentido Bairros	39
3 – IMAGEM 2: Avenida das Maritacas - Posto de Saúde	40
4 – IMAGEM 3: Supermercado 88 - Faixada.....	40
5 – IMAGEM 4: PEPSI - Entrada/Saída pela Avenida das Maritacas.....	41
6 – IMAGEM 5: PEPSI - Aparelhos para Exercícios.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPESMEL	Escola Profissional e Social do Menor de Londrina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
UEL	Universidade Estadual de Londrina
FILO	Festival Internacional de Londrina
LONDRIX	Festival Literário de Londrina
UBS	Unidade Básica de Saúde
PR	Paraná
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
MEC	Ministério da Educação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IPEM PR	Instituto de Pesos e Medidas do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	UMA PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO	16
1.2	ORGANIZAÇÃO DA IDA AO CAMPO E METODOLOGIAS	19
2	A REGIÃO GLEBA LINDÓIA	25
2.1	AVENIDA DAS MARITACAS: OBSERVAÇÕES SOBRE AS SOCIABILIDADES JUVENIS NO CENTRO DA REGIÃO	36
3	APRESENTANDO AS JUVENTUDES DA REGIÃO GLEBA LINDÓIA	42
3.1	JUVENTUDES E JUVENTUDES DA REGIÃO GLEBA LINDÓIA.....	42
3.1.1	Caracterização Sociológica Das Juventudes Da Região Gleba Lindóia: Dados Do Questionário	51
3.2	COMPREENDENDO OS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE E AS PRÁTICAS DAS JUVENTUDES DA REGIÃO.....	59
3.2.1	Experiências Juvenis Com O Colégio Estadual.....	59
3.2.2	Laços Com E Na Região	65
3.2.3	Experiências Juvenis Com Lugares E Atividades.....	69
4	EXPERIÊNCIAS JUVENIS DURANTE A PANDEMIA	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	89
	ANEXOS	92

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pela Antropologia começou ainda na graduação. Talvez porque, através dela, tive um dos primeiros contatos com uma literatura a respeito das culturas juvenis e suas expressões. Desde as primeiras aulas, minha professora de Antropologia, no início da graduação, contava-nos sobre elementos de sua pesquisa, enfatizando relações com o risco, os rachas, as juventudes, os estilos. Ao adentrar em um curso de graduação em Ciências Sociais, vindo de escola pública, sendo uma jovem filha de classe trabalhadora e que desde os 11 anos de idade começou a ter de repartir seu tempo entre escola e trabalho, não tive muita informação do que se tratava aquele ambiente acadêmico e universitário. Apenas sabia que era a UEL (Universidade Estadual de Londrina).

Não imaginava que o ambiente acadêmico poderia me proporcionar estudar alguns temas tão relacionados com a minha própria formação enquanto jovem, pois acreditava ser isso algo tão distante da minha realidade. Pois, claro, que mesmo estando diariamente circulando entre escola e trabalho, dava um jeito de viver minhas experiências, consumir músicas, filmes e estilos nos quais me identificava. Do mesmo modo, trocar essas experiências com meus amigos na escola, na igreja, nas tardes na qual matava trabalho para fazer pesquisa da escola, ou para assistir um filme com as meninas.

Sendo assim, o tema “juventudes” permaneceu no meu imaginário e meu primeiro contato com a produção acadêmica a respeito das juventudes se deu no período de Licenciatura em Ciências Sociais, onde também comecei a interagir com a Sociologia das Juventudes, em um artigo científico final da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, em 2017, intitulado “O Ambiente Escolar Sociocultural: Educação, Juventudes e Etnografia”, realizado a partir da observação participante em um colégio central na cidade de Londrina-PR, apresentado no X Seminário de Estágio do Curso de Ciências Sociais em 2018.

A partir disso, foi possível fazer uma análise cuja problematização girava em torno do ambiente escolar, das juventudes e das práticas de pesquisa etnográficas. O intuito dessa primeira análise foi mostrar como o fazer etnográfico no período de estágio obrigatório dentro da escola (durante um ano e meio) permitia captar as diferentes formas de manifestações das juventudes do Ensino Médio, mais especificamente os estudantes do Ensino Médio do período matutino de uma região

central de Londrina. Porém, essa análise também nos mostrou os limites colocados contra estes jovens em relação às suas práticas ou manifestações culturais e sociais, quando localizadas no ambiente escolar.

Nesse sentido, nesse trabalho sigo caminho na pesquisa a respeito das juventudes. Dessa vez, me propus a pesquisar as juventudes da região onde nasci, cresci e moro até hoje há 25 anos. Durante o processo de construção do meu projeto de pesquisa do Mestrado, passei por diversas situações que me fizeram descolar minhas percepções para a região Gleba Lindóia como um todo e para o acompanhamento das sociabilidades desses jovens fora da escola, porém entendendo que nessa pesquisa a escola é essencial para compreender as dinâmicas de sociabilidade. Ao mesmo tempo, pretendo seguir construindo contextualizações recorrentes das dinâmicas da região Gleba Lindóia em relação aos espaços ocupados pelos jovens dessa região. Ao decorrer dessa pesquisa busco por responder a seguinte questão: Como se dão as práticas culturais e as sociabilidades das juventudes da (e na) região da Gleba Lindóia e que modificações estas vivências sociais e culturais sofreram no contexto da pandemia da Covid-19?

O objeto dessa pesquisa são as práticas culturais e as diversas sociabilidades vivenciadas por jovens das classes populares de uma região caracterizada como Gleba Lindóia que possui bairros da região leste de Londrina-PR, sendo eles, Lindóia, Mister Thomas, Indusville, Parque das Indústrias Leves, Jardim Alemanha, Vila Isabel, Vila Romana e Eucaliptos. A partir desse objeto, seguirei especificando as experiências dessas juventudes em torno de experiências na escola, de lazer e trabalho, que se dão em torno ou por relações estabelecidas, direta ou indiretamente, com os espaços e instituições presentes na região, antes¹, e durante a pandemia da Covid-19.

A principal hipótese é de que essas juventudes da região, em geral filhas da classe trabalhadora, transitam em experiências culturais e de sociabilidades únicas, dentro desse pedaço da periferia do município, compartilhando algumas práticas sociais comuns, dadas as especificidades da região e que outras experiências de trocas, de vivências coletivas e de lazer foram recriadas em função da pandemia

¹ Importante destacar que por mais que a etnografia não tenha sido realizada antes do momento pandêmico, por meio da coleta de dados por questionário *survey* e entrevistas semiestruturadas essas juventudes nos deram uma perspectiva de como eram suas formas de sociabilidade e práticas anteriormente ao período de pandemia.

da Covid-19. Temos também como hipótese que as sociabilidades desses jovens são construídas através do Colégio Estadual presente na região.

E, para testar nossas hipóteses, meus objetivos específicos, divididos em seções e subseções, constituem-se em:

1. Apresentar socioeconomicamente a cidade de Londrina-PR e dentro dela localizar a Região Gleba Lindóia, a partir de dados encontrados em pesquisas, artigos e na observação da etnografia; Fazer uma contextualização da região Gleba Lindóia através da observação da etnografia e de dados encontrados sobre a região. Pretendo situar simbologias, espaços coletivos de trocas e de lazer; assim como algumas centralidades importantes de sociabilidade na região.

2. Apresentar as juventudes da Região Gleba Lindóia que participaram dessa pesquisa e descrever os dados coletados nos questionários sobre os jovens que participaram da pesquisa; Problematizar as juventudes e suas práticas e sociabilidades a partir das discussões presentes nas Ciências Sociais, mais especificamente na Antropologia das Juventudes e na Sociologia das Juventudes. Discutir as questões em torno de como as juventudes foram se formatando na contemporaneidade, alocando autores como Feixa (2006; 2004), Groppo (2011), Pereira, (2007; 2016; 2020), Maffesoli (1987), Magnani (2010; 2002), Dayrell (2003), etc.

3. Apresentar, descrever e analisar os dados do questionário e das entrevistas da observação participante sobre as experiências das juventudes no momento pandêmico, de forma a compreender como as dinâmicas de sociabilidade se alteraram durante a pandemia, para tentar traçar melhor as atividades das juventudes durante esse período.

1.1 UMA PANDEMIA NO MEIO DO CAMINHO

É certo dizer que as pesquisas direcionadas a temas que abordo, em grande parte, se caracterizam pelas técnicas e métodos qualitativos, por exemplo, as pesquisas citadas ao decorrer desse trabalho, em sua grande maioria, recorreram às etnografias, observações participantes, às entrevistas e às narrativas.

Posso dizer que desde o início de meu Mestrado sempre tive como escolha seguir esse mesmo caminho das pesquisas qualitativas. Porém, com a pandemia da Covid-19, que chegou quando eu estava prestes a começar meu campo, em 2020, as

coisas começaram a “bagunçar”. Até ter certeza exatamente do que faria na parte empírica, o tempo foi passando. Foi me sobrando pouco tempo para esse campo, misturado com toda a angústia e ansiedade advindas dessa nova realidade objetiva.

Para que não fiquem extremamente longas as explicações do porquê ressaltar esse assunto no texto, vou apenas pontuar desafios e, em seguida, discorrer a respeito de estratégias metodológicas e técnicas nas quais me apoiei para a realização dessa pesquisa. Posso dizer que no caso desta dissertação, foram exatamente esses desafios, em meio a pandemia, que acabaram por moldar e conduzir minha pesquisa. Por isso, não poderia deixá-los de lado ao falar sobre minha metodologia. Impossível também escrever como se não estivesse passando por um momento de pandemia, o que acarretaram riscos preocupantes para sair em campo.

Bem, o que de fato não foi um novo desafio em meio a pandemia? Esse necessariamente não é um problema individual, limitado ao campo dessa pesquisa. Além disso, sabemos que classe social, gênero, raça, entre outros marcadores, mostram como esse momento social e histórico tem impactado de diferentes e desiguais formas para a multiplicidade dos grupos sociais. Porém, acredito que todos e todas que estão lendo esse texto enfrentaram os mais diversos desafios durante esse processo.

Não há dúvida de que dentre todos esses desafios, a vida acadêmica foi uma delas. Realizar pesquisa, assistir ou dar aula por meio remoto, entre outras coisas, nos recolocaram de outra maneira no mundo e no Programa de Pós-graduação de Sociologia na UEL. Além disso, a saúde mental foi uma pauta extremamente em alta durante esse período, pois essa tendeu a ser debilitada por conta de tudo que estava acontecendo, socialmente, politicamente, economicamente e sanitariamente.

Por essas questões, acredito que além de falar sobre métodos, ciência, pesquisa em si, é importante pontuar que foi muito difícil produzir academicamente nesse momento. Afinal, como foi dito, essa pesquisa se passa por uma região na qual nasci, cresci e vivo até o momento de entrega dessa dissertação, uma região à periferia de Londrina-PR, na qual a grande parte das pessoas não tiveram a opção de ficar em casa em meio ao contágio do Covid-19.

Realizar o campo e a construção dessa pesquisa ao mesmo tempo em que perdi entes queridos ou que via os meus perderem seus entes queridos para o novo Coronavírus não foi uma tarefa comum e nem fácil. Tenho ciência de que não estive

sozinha nessa, e que esse foi um sentimento coletivo, que se torna até um dado sociológico. No momento em que entreguei o Relatório da Dissertação para a Banca de Qualificação, por exemplo, a média diária era de mais de 3 mil mortos no Brasil – média de mortes diárias nos dias 10 a 17 de abril de 2021. (GAZETA DO POVO, 2021² - pela Covid-19 no Brasil).

Dito isso, gostaria de recapitular alguns trechos dessa minha trajetória, na relação com as escolhas metodológicas no campo de pesquisa. Encabecei o Mestrado em agosto de 2019 com o seguinte tema de pesquisa “Culturas Juvenis no Ensino Médio sua relevância para a construção dos espaços socioculturais escolares”. O processo de reelaboração desse projeto logo começou, o que é bastante comum. Em janeiro/fevereiro de 2020, depois de uma orientação intensa, ~~eu~~ defini junto com minha orientadora Ângela, meu objeto de pesquisa, as metodologias que gostaria de desenvolver, os sujeitos que queria ouvir e como iria ao campo.

Esse foi o momento em que decidi descolar as culturas juvenis para o bairro, indo também para além da escola. Junto com isso, como tinha o apoio da professora de Sociologia do Colégio Estadual do bairro e do Colégio em si, iríamos realizar um grupo focal com jovens estudantes do Colégio Estadual. Defini que faria a realização de etnografia dentro da escola e aos arredores desta instituição, inclusive auxiliando no processo de escrita do projeto de Doutorado da mesma docente, preocupada em compreender as relações dessas juventudes com o mundo do trabalho.

Com tudo definido, chegou março de 2020 e com ele a pandemia da Covid-19 no Brasil. As medidas de prevenção contra a contaminação do vírus que estavam sendo adotadas; quarentena, isolamento, distanciamento social e regras de etiqueta respiratória que incluíam o uso de máscara, principalmente em locais públicos, a não aglomeração, a suspensão das aulas no Colégio e na UEL ainda em março, reuniões remotas com o Colegiado da pós-graduação para saber como continuar o curso. Parece que tudo desabou, atrelado ao medo de perder pessoas tão queridas, mais idosas do nosso convívio.

Passei a repensar se realmente tomaria como base os rumos etnográficos. Tudo que eu planejei fazer parecia ter virado um grande nó a ser desfeito. Como observaria comportamentos, vivências, trocas concretas e sociabilidades? Como

² Gazeta do Povo. Números do Coronavírus: Entenda o avanço da Covid-19 no Brasil e no mundo. Disponível em <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> Acesso em abril de 2021.

andaria pelos arredores do Colégio? Como viria, sob olhar etnográfico, por dentro do Colégio, das salas de aula? Tudo aquilo que me pareceria ser extremamente relevante para a coleta de dados tinha fugido das minhas mãos. Não podia sair de casa, ou encontrar estas juventudes no mesmo bairro onde residia. Entrei em um impasse angustiante sobre o que faria com meu objeto, com minha metodologia. Me senti perdida diante das minhas perguntas de pesquisa.

Durante esse processo, posso dizer que havia duas questões em mente: Por que terei que fazer mudanças? Preciso levar em consideração mesmo a pandemia em minha pesquisa? E o que me guiou durante essas escolhas foi olhar para o que eu tinha em mãos. Simmel (1983) dizia que transformações são recorrentes da vida individual- social. Para ele, os processos sociais estão em constante fazer, desfazer, refazer. O objeto da Sociologia é essa multiplicidade de interações (não é estático). Ou seja, a Ciência Social não é estática. Sendo assim, minha pesquisa não necessariamente seria estática nesse processo. Quando nos propomos a fazer ciência, temos que pensar a partir de uma realidade proposta. A realidade e demais aspectos da dimensão social tinham mudado naquele momento. Minha pesquisa deveria mudar também.

Ao mesmo tempo era muito arriscado uma pesquisa social no meio do furacão, pesquisar ao mesmo tempo que vivenciava essa realidade, levei em consideração o que Weber (2006) nos propõe, quanto mais ampla a importância cultural de um problema, menos se pode dar a ele uma resposta universal a partir do conhecimento empírico. Nesse caso, “[...] nenhum evento traz escrito na testa que é econômico, só adquire esse caráter quando é iluminado por um interesse específico nosso” (WEBER, 2006, p.33).

Tive que traçar estratégias que me realocassem no campo, me instigassem nas escolhas. Foi aí que minhas estratégias seguiram a partir das seguintes questões: Será que eu preciso mesmo jogar fora todas as abordagens metodológicas que construí até agora? Ou apenas repensá-las e recontextualizá-las? O que eu preciso fazer de diferente na pandemia para conseguir dissertar, sem perder de vista a etnografia?

1.2 ORGANIZAÇÃO DA IDA AO CAMPO E METODOLOGIAS

Durante esse processo, após decidir continuar com a pesquisa de campo e direcioná-la agora de acordo como momento vivido, real, pandêmico, fui passando por momentos diversos durante esse processo de isolamento na Região Gleba Lindóia. Isso me levou a entender que eu teria de observar o campo a partir de lugares diferentes daqueles que imaginei.

Decidi por compreender as juventudes, seus processos de sociabilidades e práticas perpassadas pela prática etnográfica, que ocorreu entre dezembro de 2020 a junho de 2021. E, além disso, pela aplicação de um questionário *survey* e entrevistas semiestruturadas que ocorreram entre março de 2021 a junho de 2021.

Nesse caso, precisei colocar em pauta o paradoxo: ir ao campo sem necessariamente sair de casa, ou sair minimamente de casa para preservar minha vida e a vida de meus familiares. Se fosse etnografar e andar pelos lugares que planejava pelo bairro teria de ser de máscara e sempre manter mãos higienizadas.

E isso necessariamente me fez especificar melhor essa entrada em campo, pois algumas questões atravessavam quem eu era ali dentro daquela região, sendo elas: a) usar máscara e adotar essa postura de distanciamento e/ou isolamento social recaiu sobre uma bagagem ideológica no nosso país e isso também ocorreu na região. Quem adota essa postura automaticamente é lido de diversas formas pelo outro. Para o outro eu poderia ser quem acreditava na ciência e respeitava as normas, sendo responsável com esses cuidados, ou eu poderia ser a pessoa “exagerada”, “esquerdopata”, “nojentinha”.

A palavra “exagerada” ouvi diversas vezes pelas pessoas do bairro e outras expressões como, “não precisa ter medo de mim não”, ou “não vou te passar corona, fica tranquila”; b) ser moradora da região há 25 anos, o que me fazia ter certa familiaridade e fácil acesso às interlocuções. Temia que isso, de certa forma, fosse algo que poderia aparecer na forma com a qual descreveria e interpretaria as dinâmicas da região. Em relação aos outros da região, que já me conheciam ou conheciam minha família, eu não era apenas a pesquisadora, cientista ou curiosa. Eu era “filha de Silvana e do Samuel”, ou “neta da Dona Valdira ou do Seo Paulo”, moradores antigos de um dos bairros da região e muito conhecidos. Eu era também “a menina que estuda na UEL”, “a menina que ganhou a bolsa”. Para colegas e

amigos, eu era a amiga da escola ou quem tinha estudado com eles. Ou eu poderia ser a “menina que pegava ônibus comigo toda manhã”.

Esse misto de sensações, posicionamentos, dúvidas e autoidentificações permearam as escolhas dos caminhos metodológicos. Sendo assim, não se pode deixar de pensar na possibilidade de analisar criticamente a realidade observada, já que o resultado de uma pesquisa se toma em valor pelo teor de responsabilidade social inerentemente ligada ao conhecimento produzido e, pela possibilidade que esta tem em confrontar conceitos estabelecidos no senso comum e na própria teoria. “É neste movimento que se percebe a construção do conhecimento científico.” (PEIRANO, 1992, p.04).

Além disso, posso dizer que alguns elementos da pesquisa participativa, tais como o estranhamento e desnaturalização, contribuíram para mim que sou moradora do bairro há 25 anos e já tenho também minhas relações aqui construídas por laços e sociabilidades, em constituir uma outra relação com o ambiente (região e escola), relação agora entre pesquisado e o pesquisador. Aos poucos fui percebendo a importância desse processo para mim e passei a compreender melhor esse exercício de coleta de dados, sabendo das minhas vantagens e as desvantagens da proximidade com o objeto e o campo. Peirano (2014) nos alerta, nesse sentido, ao mostrar que, se tratando da pesquisa etnográfica, quando o pesquisador está sempre dentro de sua pesquisa de campo, essa não tem momento certo para começar e acabar.

Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar porque alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p.379).

Eu não vinha de fora, eu estava dentro, olhando de dentro. Magnani (2002) discorre sobre o uso do método etnográfico para analisar as grandes metrópoles e o contexto urbano, usa os termos “de perto, de dentro”. Para ele, assim pode-se “[...] evitar aquela dicotomia que opõe, no cenário das grandes metrópoles contemporâneas, o indivíduo e as megaestruturas urbanas.” (MAGNANI, 2002, p.07). Ele propõe que;

[...] inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe. (MAGNANI, 2002, p.07).

Além da perspectiva de dentro, me é necessário problematizar aqui a questão da familiaridade para compreender essa relação entre pesquisado e o pesquisador, vantagens e as desvantagens da proximidade com o objeto e o campo. Segundo Gilberto Velho (1987), o que é familiar mesmo não sendo conhecimento científico, representa certo tipo de conhecimento, o que é importante para compreender a realidade social.

No entanto, eu pesquisadora, me encontro dentro de um processo de organização de uma hierarquia social e de distribuição social de poder, que me compromete em estar acostumada a ver o familiar. Mas, meu conhecimento pode estar comprometido com minhas próprias noções ideológicas ou interpretativas (VELHO, 1987).

Acredito que seja possível transcender e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais domos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. (VELHO, 1987, p.131).

E nesse aspecto, levo em consideração a relativização das noções de distância para seguir essa pesquisa. A familiaridade para Gilberto Velho (1987), não necessariamente deve ser oposta as noções de exótico, mas sim de estranhamento. Assim, estou dentro desse processo de estranhar o familiar. De onde, de que lugar deveria partir as observações da etnografia? Nesse sentido, para realizar o campo e a coleta de dados de maneira direta, decidi fazer uso de algumas estratégias metodológicas que me permitiram conhecer essas juventudes em suas práticas, experiências e sociabilidades.

Não seria possível escolher um bairro ou dois bairros isolados da região para a realização da pesquisa, pois dessa forma a dinâmica da região poderia não aparecer na pesquisa, sendo essa uma das características principais da região. Então, levando em consideração que seria impossível, a realização de uma etnografia

contemplando todos os bairros durante esse percurso do Mestrado, preferi escolher pontos específicos da região.

Dito isso, em um primeiro momento busquei fazer essas escolhas priorizando os pontos de encontros mais recorrentes entre jovens da região Gleba Lindóia e lugares importantes para a construção de sociabilidades na região, sendo eles: a Avenida das Maritacas (região central do bairro); a Pepsi (lugar onde a população em geral vai para fazer exercícios físicos e onde jovens costumam se encontrar para andar de *skate*, conversar, flertar e geralmente se sentam nas escadarias que tem no local para fumar); o Supermercado 88, ponto de encontro significativo para os moradores da região; e algumas ruas da região onde observo a passagem e os diálogos de alguns jovens.

Além da observação por meio da etnografia, realizei a aplicação de um questionário *survey* com os jovens que vivem ou viveram suas respectivas juventudes na região Gleba Lindóia. O questionário³, juntamente com as entrevistas, captaram a caracterização sociológica dos jovens e auxiliaram a compreender melhor como eles se relacionam com os espaços urbanos, a fim de construir seus vínculos de sociabilidades e observar os lugares que esses sujeitos socioculturais frequentam na região.

O roteiro para a realização do questionário, e mais a frente base para as entrevistas, foi construído a partir dos eixos: Experiências com Colégio Estadual; Laços com a Região; Lugares que frequenta ou frequentava na região; Atividade que faz; e Experiências na pandemia. E, dentro desses eixos, questões a respeito de locomoção, família, relacionamentos, desafios na pandemia foram colocados. Além disso, o questionário se propôs a trazer o perfil sociocultural e econômico dos jovens, como religião, cor/raça, gênero, orientação sexual, gostos musicais e culturais (filmes, *influencer* que seguem nas redes sociais), quais redes sociais mais usam, se cursam, cursaram ou cursarão Ensino Superior, entre outras.

O recrutamento dos participantes para a pesquisa se deu por meio de uma rede de contatos entre a pesquisadora e os jovens da região, e desses jovens entre outros jovens da região. Significa dizer que adotei a estratégia de amostra bola de neve, ou seja, lancei mão de alguns informantes chave, a fim de chegar em pessoas com perfis que procurei para a pesquisa. (VINUTO, 2014).

³ O roteiro do questionário *survey* e para aprofundamento das entrevistas se encontra no APENDICE A desse trabalho.

Decidi adotar tal ferramenta metodológica, principalmente por conta do momento pandêmico vivido. Foi uma maneira estratégica de conseguir acessar jovens da região sem necessariamente expô-los à Covid-19. Isso também se aplica a pesquisadora e aos informantes chave da pesquisa. A amostragem bola de neve me permitiu chegar a informantes de maneira virtual, e não necessariamente de maneira presencial. Isso de fato, era uma das maiores preocupações de uma realização de pesquisa de campo durante a pandemia do Covid-19, pois foi o principal motivo que o Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UEL se atentou em relação a minha pesquisa de campo.

Os informantes chave para a disparada dos *links* do questionário *survey* foram jovens que são amigos e conhecidos com os quais eu, pesquisadora, tenho contato de maneira prática pelas redes sociais. Sendo assim, enviei o questionário a esses jovens, por meio do *WhatsApp* e *Instagram*, pedindo a eles a gentileza de repassarem o *link* do questionário *survey* a outros jovens da região que conheçam. Esses informantes chave aqui citados, por serem jovens da região, também foram chamados a responder o questionário, além de indicarem outras pessoas para responder.

Além disso, contei com o apoio indireto da professora de Sociologia do Colégio Estadual, que se localiza na região. Essa professora foi mais um dos informantes chave. Ela se prontificou a contribuir, enviando o *link* para alguns de seus alunos e ex-alunos do Ensino Médio, moradores da região, pedindo também para que esses jovens repassem o questionário para outros colegas que residiam no bairro. Os questionários foram disponibilizados e enviados aos jovens por meio da plataforma *Google Forms*. A estratégia rendeu 33 jovens respondentes.

As entrevistas se deram após a aplicação desses questionários, pois neles perguntei se esses jovens tinham o interesse em participar, através do *Google Meet* ou *Whatsapp*, de uma entrevista de modo a detalhar e comentar questões já conhecidas pelos respondentes. Os que tivessem interesse puderam deixar um contato (e-mail ou número de telefone; *Whatsapp*). Dos 33 respondentes, 12 deixaram seus contatos. Entrei em contato com os 12 por *Whatsapp*, perguntando se estavam disponíveis para a realização de uma entrevista. Dos 12 respondentes, apenas 5 retornaram minhas mensagens e se colocaram à disposição.

As entrevistas em profundidade ocorreram: uma por *Google Meet* (chamada de vídeo) com dois jovens, Elizandra e Matheus; e as outras três por

WhatsApp, (mensagens de textos e áudios), com Filipe (20 anos, preto, Auxiliar de Laboratório), Ingrid (21 anos, preta, não exercendo trabalho remunerado e estudante) e Karen (20 anos, branca, não exercendo trabalho remunerado)⁴. Nessa pesquisa farei uso apenas das 3 pesquisas que ocorreram pelo *WhatsApp*. Essas entrevistas auxiliaram a entender o porquê frequentam ou frequentavam alguns espaços pela região e fora da região, como esses jovens chegaram a esses lugares, que experiências ali vivem ou viveram. Em síntese, através delas pude ouvir esses jovens de maneira mais direta sobre suas práticas e sociabilidades.

Importante ressaltar que antes da aplicação dos procedimentos metodológicos para as coletas de dados (questionário, observações e entrevistas), a pesquisa passou por avaliação e aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, com devido cadastro através da Plataforma Brasil. O primeiro Parecer do Projeto, nº 4.469.863 da pesquisa se deu no dia 16 de dezembro de 2020, no qual respondemos algumas pendências sobre o projeto. Assim, continuamente nos Pareceres: nº 4.517.507, nº 4.550.899, nº 4.606.437. Até que no quinto Parecer, nº 4.627.883, conseguimos a aprovação definitiva da pesquisa e do projeto. Este quinto Parecer estará disponível no Anexo D.

Posso dizer que critério de seleção dos jovens que participaram de todos os processos de coleta de dados foi aleatório. Em todo caso, a coleta apresentou diversidade de perfis interessante que será trazido à tona na Seção 3 onde apresentarei as Juventudes da Região Gleba Lindóia. Através da seleção diversa desses perfis foi possível traçar padrões de comportamentos ou diferenças entre eles em relação às suas experiências.

No contato com esse texto, o leitor vai se deparar com uma abordagem mista de dados. Verá que as entrevistas serão usadas durante toda a construção da pesquisa, para que possamos contextualizar o campo empírico, juntamente com as observações participantes da etnografia. Já os dados dos questionários serão tratados apenas a partir da Seção 3.

⁴ A caracterização sociológica completa desses participantes das entrevistas estão presentes na seção 3, mais especificamente na Seção 3.2.1 em “Caracterização Sociológica das Juventudes da Região Gleba Lindóia.”

2 A REGIÃO GLEBA LINDÓIA

Londrina é uma cidade com uma população estimada em 580.870 mil habitantes, sendo a população urbana 493.520 mil habitantes (IPARDES, 2022). De acordo com o site da Câmara Municipal de Londrina⁵, é a segunda cidade mais populosa do Paraná e a quarta da região Sul do Brasil. A cidade tem grande influência do norte do Paraná e importante polo de desenvolvimento regional e nacional. Economicamente as atividades mais desenvolvidas na região são o comércio e agroindústrias.

A cidade possui 288 pré-escolas, 211 escolas de nível fundamental e 67 escolas de nível médio, além de se constituir uma cidade universitária. Cerca de 25 mil estudantes universitários frequentam as 10 faculdades e universidades da cidade. Entre as quais podemos destacar a UEL (Universidade Estadual de Londrina). (CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA, 2021).

Culturalmente a cidade carrega importantes eventos em seu nome, como o FILO (Festival Internacional de Teatro), o Festival de Dança de Londrina, o Festival de Música de Londrina, LONDRIX (Festival Literário de Londrina), Mostra Londrina de Cinema, o Projeto *Sexta na Concha*, entre outros. O Projeto *Sexta na Concha*, sem dúvidas, é um dos projetos culturais que mais atraiu a presença de jovens da cidade e da região, pois:

Todas as sextas-feiras a cidade oferece cultura grátis e de qualidade aos londrinenses. O projeto *Sexta na Concha* disponibiliza uma programação cultural diversificada e alternativa na Praça Primeiro de Maio, onde fica um dos espaços mais conhecidos de Londrina, a Concha Acústica. A programação vai desde espetáculos de choro a apresentações de rap, e acontece durante todo o ano, no finalzinho da tarde, enriquecendo o *happy hour* dos londrinenses e fechando a semana de trabalho com uma boa pedida cultural. (CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA, Acesso: abril de 2021).

Com o momento de pandemia essas atrações culturais sofreram impactos e não ocorreram presencialmente em detrimento as leis municipais de distanciamento social e não aglomerações. Mas, seguindo caminho em relação as atividades para as

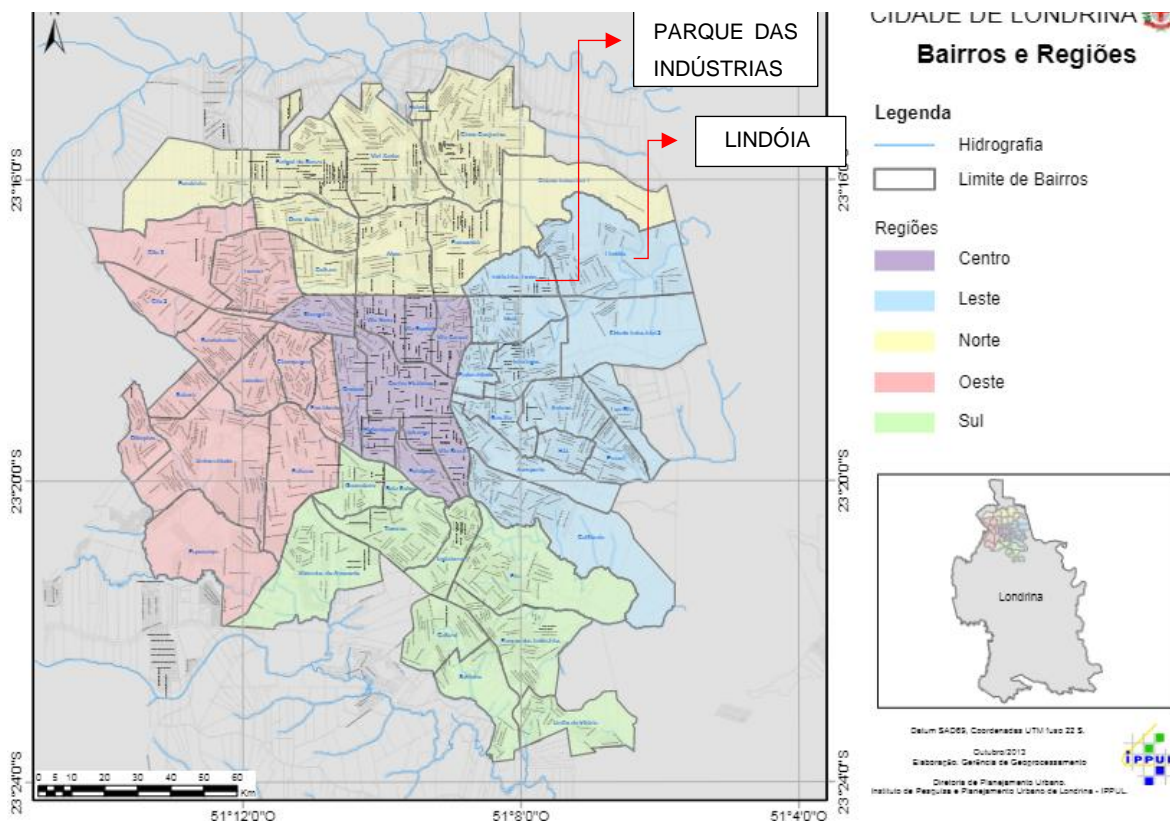
⁵ Acesso em abril/maio de 2021.

juventudes que existem na cidade, podemos ressaltar o projeto Viva Vida⁶ que tem como foco a constituição de espaço de convivência, formação para participação e cidadania, desenvolvimento do protagonismo e da autonomia de crianças e adolescentes, entre outros.

Localizada na região leste da cidade de Londrina, no estado do Paraná, a Região Gleba Lindóia, segundo o mapa de População por território de abrangência das Unidades de Saúde, espaço urbano de Londrina, atualizado em 2018, comporta de 10.000 a 20.000 habitantes atendidos pela UBS da região. Importante ressaltar que essa é a única UBS (Unidade Básica de Saúde) na região para atender todos os bairros, sendo eles: Parque das Indústrias Leves, Indusvile, Lindóia, Mister Thomas, Vila Isabel, Jardim Alemanha, Vila Romana, Jardim Urca e Eucaliptos. A caracterização que tomo como principal para recortar a região que a pesquisa se desenvolve é o fato dela estar localizada do lado esquerdo da Rodovia BR-369 - vindo da direção central de Londrina –, rodovia que dá acesso para entrada na região.

No MAPA 1, abaixo, é possível identificar onde a região da pesquisa está localizada dentro de Londrina-PR. Note-se que durante essas explanações eu trato Gleba Lindóia como região e não como bairro. Os mapas da cidade identificam a região onde estão localizados esses bairros apenas como Lindóia (bairro), tirando o bairro Indústrias Leves, que chamo de Parque das Indústrias nessa pesquisa, tais como os moradores se referem a ele. Pode parecer confuso para o leitor essa identificação, já que também existe o bairro Lindóia dentro da Região Gleba Lindóia. Nesse aspecto, é importante destacar que dentro de Lindóia (bairro) nesses mapas municipais, existe a presença de delimitações dos outros bairros (já citados) que compõem a região e não estão categorizados nos mapas. Lindóia, por exemplo, é um bairro, Vila Romana outro bairro, Vila Isabel outro bairro. Na maioria das vezes que

⁶Informações retiradas do site da Prefeitura de Londrina: http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1041&Itemid=1178, Acesso: maio de 2018.

1 - **IMAGEM 6:** MAPA 1 - Bairros e Regiões de Londrina

FONTE: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), 2013.

moradores se referem a região como Lindóia somente quando precisam explicar para outras pessoas de fora da região onde moram.

Logo que se chega na região torna-se notável uma grande Avenida que corta todos os bairros e dá acesso a eles, a Avenida das Maritacas. O “centro” da região está localizado na Avenida das Maritacas. Nessa avenida e envolta dela se encontram supermercados, as sorveterias, as lanchonetes, os restaurantes, as farmácias, as padarias, pontos de ônibus que passam mais ônibus, o posto de gasolina, as distribuidoras de bebidas, os *petshops* etc. Nela também se encontra um dos postos de saúde (UBS, Lindóia) que atende a região. Portanto, trata-se de um espaço muito frequentado e de grande interação de sociabilidade entre todos. Posso dizer que a Avenida das Maritacas é um grande ponto de encontro e de mobilidade entre os moradores da região.

Todos os bairros têm alguma ligação com essa Avenida. Porém, o bairro Lindóia em si é o que tem a localização mais acessível à Avenida das Maritacas. No Lindóia também que se encontra o Colégio Estadual Carlos de Almeida que atende a

região. Em alguns bairros da região o acesso fica mais dificultado pela distância em que os moradores encontram para chegar até esta Avenida. O Vila Romana, por exemplo, tem seu começo logo na Avenida das Maritacas. Mas, depois do meio do conjunto esse acesso dificulta. Ao conversar com uma jovem que mora nas últimas ruas do Vila Romana ela retrata que: “*É bem difícil para minha mãe pegar ônibus todos os dias por que ela tem que subir a rua toda...*” Esse é o caso dos outros bairros também. Observava que alguns jovens andavam de 2 km a 4 km por dia para ir à escola no começo de 2020. Isso antes da pandemia, por exemplo.

Foi um desafio encontrar informações relevantes sobre a região academicamente. Durante o trabalho de estado da arte dessa pesquisa não pude contar com artigos específicos sobre a formação da Região Gleba Lindóia em si. A maioria das produções importantes sobre a formação da cidade de Londrina se concentra no centro da cidade, ao espaço conhecido como quadrilátero central (SILVA; MORAES; MEDEIROS, 2014). Porém, o que nos ajuda a compreender um pouco sobre o processo de formação dessa região é o processo de formação da região norte de Londrina-Pr.

Medeiros (2014) apresenta que no final da década de 1960 e no início dos anos 1970 houve um crescimento físico-territorial grande na cidade de Londrina por parte da iniciativa privada, através da comercialização de lotes urbanos que, por conta da grande demanda por consumo de moradias, até os pequenos produtores rurais loteavam parte de suas terras. Com a população que vinha do campo, o crescimento populacional urbano da cidade aumentou, o que fez com que nesse período (1970) “houvessem projetos de moradia, elaborados pelo poder público, destinados à população de menor poder aquisitivo, construindo diversos conjuntos habitacionais”. (MEDEIROS, 2014, p.45).

Já nos anos 1980 a expansão de loteamentos de iniciativa privada se davam em alguns vazios que os conjuntos da década de 1970 deixava. Porém, esse período foi marcado por conflitos sociais em torno de moradias e por ocupações e formações de favelas. Apenas nos anos 1990 é que a autora (MEDEIROS, 2014) cita a zona leste, local onde a Região Gleba Lindóia está localizada como parte de uma expansão urbana considerada, junto com um processo de verticalização da cidade. Ela coloca que;

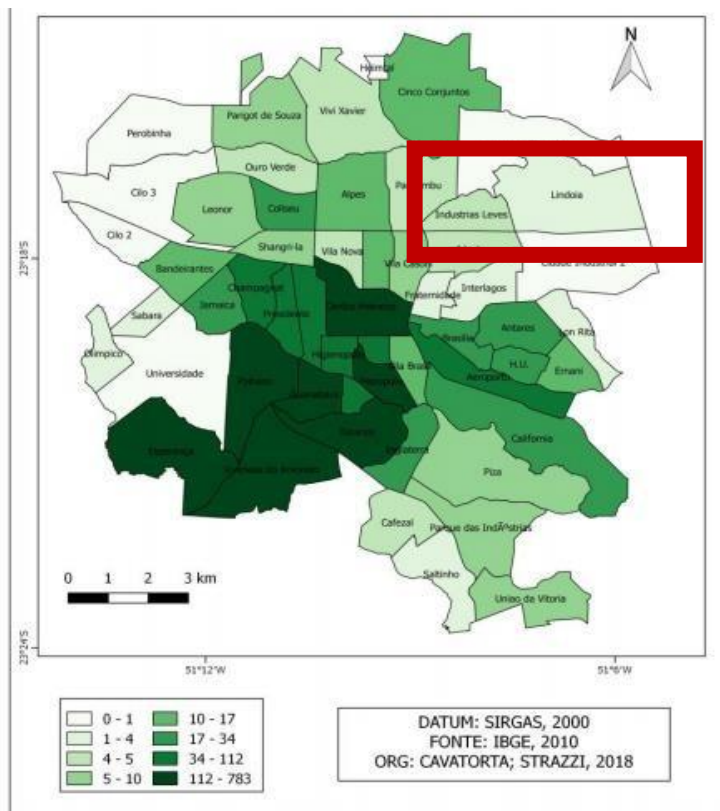
A partir dos anos de 1990 até o ano 2000, houve uma dispersão dos conjuntos habitacionais que se expandiram para todo o entorno da malha urbana, nos sentidos leste, oeste, sul e uma concentração maior na porção norte. Porém, a zona norte recebeu investimentos privados na construção de residenciais destinados à classe média, desencadeando também ali um processo de verticalização. O processo de expansão urbana prosseguiu em Londrina nas primeiras décadas dos anos 2000 Londrina, via abertura de loteamentos, verticalização, ocupações irregulares e conjuntos habitacionais, este último em menor escala se comparado às décadas anteriores. (MEDEIROS, 2014, p.46).

Nesse aspecto, podemos dizer que é possível ver, de forma geral, como foi o crescimento e expansão da região pesquisada. Ao conversar com moradores da região, que vivem há mais de 50 anos, nota-se que houve o crescimento dos bairros em volta de uma região que ainda era rural no início dos anos 1970. Uma moradora que vive em uma chácara na região há mais de 40 anos me relatou que;

Mudei pra a chácara quando ainda tinha 4 anos de idade...meus pais vieram de Sertanópolis para cá por que meu bisavô vendeu a fazenda que nós tinha lá e deu a herança pra minha avó que comprou essa chacara pros filhos... ainda quando eu era moça isso aqui era tudo plantação...esse bairro aí e até lá em cima do Lindóia era barro, plantação de algodão...com o tempo esses bairro foram se formando aqui em volta e agora nem é mais chacara né (risos) já é cidade...(Depoimento Coletado em etnografia, 2021).

Mais recentemente e especificamente, dados de cunho socioeconômicos a respeito da região, em um artigo publicado em 2018 sobre uma análise da articulação de rendimento e alfabetização entre os bairros da cidade, traz algumas figuras de mapas e dados para melhor compreensão de como está a região recentemente. Na FIGURA 1 é possível observar que a região destacada como Lindóia tem de 1 a 4 pessoas que tem rendimento de até 20 salários-mínimos no bairro. Em relação ao restante dos bairros de Londrina, ela é uma das regiões da cidade que tem menos pessoas que recebem mais de 20 salários-mínimos. (CAVATORTA, STRAZZI, 2018).

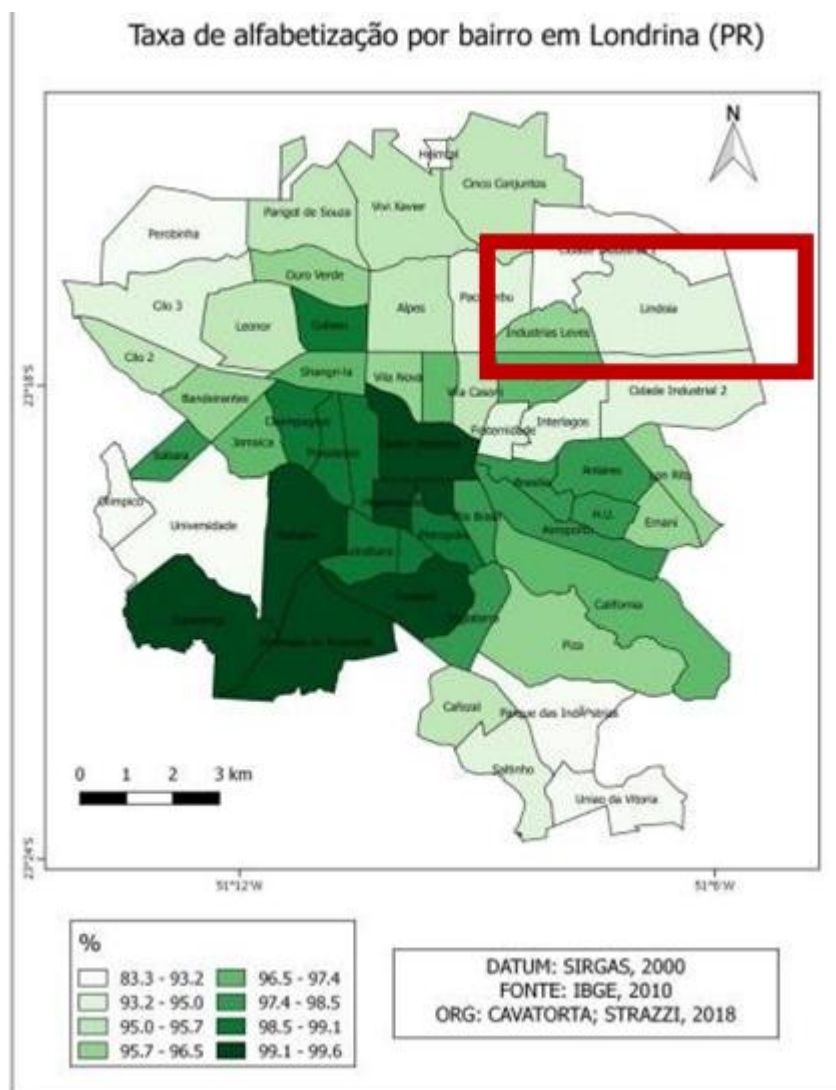
Figura 1 - Rendimento por salário e por bairro de Londrina (PR)



FONTE: CAVATORTA, STRAZZI, 2018.

Mais à frente (Figura 2), o artigo mostra que a Região Lindóia tem taxas de 93.2% – 95.0% em relação a alfabetização por bairro na cidade de Londrina. Por mais que os níveis de alfabetização não sejam baixos, notei que em relação a outros bairros, a região Lindóia se destaca entre as regiões com menores índices de alfabetização. Segundo os autores, “consequentemente, os mesmos bairros mencionados que apresentam maior número de pessoas que ganham acima de 20 salários, são os mesmos que apresentam as maiores taxas de alfabetização.” (CAVATORTA, STRAZZI, 2018, p. 09).

Figura 2 - Alfabetização por bairro de Londrina (PR)



FONTE: CAVATORTA, STRAZZI, 2018.

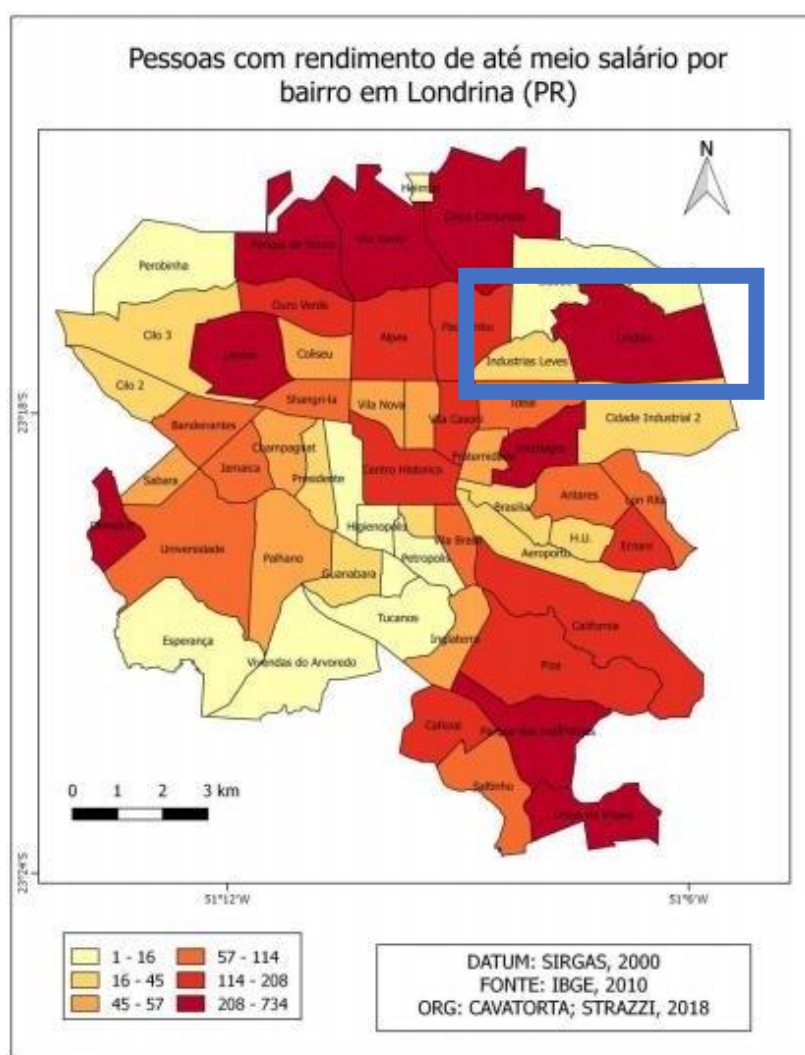
Ao observar a Figura 3, vemos que de 208 a 734 pessoas têm rendimento de meio salário-mínimo na Região caracterizada como Lindóia. Sendo assim;

Em contrapartida, os bairros que apresentam o maior número de pessoas com rendimento de até $\frac{1}{2}$ salário (ver Figura 3), estão localizados nas áreas periféricas da cidade e, conseqüentemente, são os que apresentam as menores taxas de alfabetização entre os bairros de Londrina. São os bairros Vivi Xavier, Cinco Conjuntos e Parigot de Souza, localizados nas áreas periféricas da Região Norte; o Lindóia e Interlagos, localizados nas áreas periféricas da Região Leste; o Olímpico, na região oeste; e o Parque das Indústrias e União da Vitória, ambos localizados no extremo sul da cidade. Em termos de infraestrutura e aspectos socioeconômicos, estes são considerados bairros menos favorecidos da cidade, lugares onde reside a classe

trabalhadora, a parcela da população mais pobre da cidade, e até mesmo a classe média baixa. (CAVATORTA, STRAZZI, 2018, p. 11-12).

Um ponto importante destacado pelos autores é o fato da região Lindóia estar na periferia da cidade de Londrina. Porém, a organização do espaço urbano da cidade de Londrina nos mostra que estar à periferia não é sinônimo de ser uma região menos favorecida economicamente, pois os bairros Tucano, Palhano e Aeroporto estão localizados em zonas periféricas e nesses têm predominado a presença de condomínios de luxo. Essa é uma dinâmica bastante presente na paisagem urbana de cidades do mesmo porte de Londrina (CAVATORTA, STRAZZI, 2018).

Figura 3 - Rendimento de até meio salário-mínimo por bairro de Londrina (PR)



FONTE: CAVATORTA, STRAZZI, 2018.

Em relação à caracterização da região Lindóia como periferia, também temos que nos lembrar de algumas questões relevantes ao termo “periférico” e o sentido que esse termo carrega.

Anete Ivo (2010) nos traz importantes considerações sobre a desnaturalização do termo “periferia” e “periférico”. Ela coloca que a condição de “periférico” não é natural. Mas, “representa um ponto de vista do “outro”, ou seja, dos atores hegemônicos sobre o espaço construído e normatizado das cidades.” (IVO, 2010, p. 09). Além disso, a autora também ressalta sobre o fato da condição de periferia não estar ligada somente às questões de localização no espaço urbano, ou seja, nem sempre o que se encontra distante do centro pode ser entendido como “periferia”. Para entendermos melhor:

Se, antes, tais espaços foram analisados a partir da configuração dos mercados informais, das lutas por moradia e pelas condições mínimas de reprodução social dos trabalhadores, hoje a essas questões se agregam outras, que expressam vivências controvertidas, amparadas e combinadas em normas compartilhadas de valores e disciplinamento extremamente complexas, nas fronteiras entre a reprodução da vida, do trabalho, da ordem e do disciplinamento do Estado, mas também da autonomia que sugerem os novos sentidos da política. [...]. Isso não significa um simples exercício de “localização espacial” das classes, mas supõe considerar as variáveis do território e do espaço como elementos intrínsecos da “questão social” e da complexidade como ela se estrutura nas sociedades urbanas. Dessa perspectiva, as periferias se constituem como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural, que interagem e se mesclam com a cidade normatizada, racional, “legitimada”, ultrapassando velhas noções morais de culpabilidade da pobreza ou de territórios de riscos, que podem sugerir sentidos estigmatizados de criminalização da pobreza. (IVO, 2010, p. 09-11).

O que tenho observado até o momento é que essa busca por melhores condições de vida ou por acesso às diversas possibilidades da vida urbana, não necessariamente precisam estar ligadas ao fato das populações estarem organizadas em instituições ou articuladas politicamente, mas sim à apropriação dos diversos espaços da cidade, no caso dessa pesquisa, da região. Sem desconsiderar a relevância de tais articulações institucionais e políticas, a exemplo das mobilizações sociais em torno das Associações de Bairro.

E, nessa pesquisa, esse movimento está relacionado às maneiras que

esses jovens da região vivem suas experiências. Nestes contextos, podemos encontrar jovens que, em sua maioria, são pobres e trabalhadores, vivenciando formas frágeis e insuficientes de inclusão num contexto de uma nova desigualdade: que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para a maioria da população. (DAYRELL, 2005).

A dinâmica da região é bastante híbrida em relação às sociabilidades dos moradores. Por mais que os bairros sejam demarcados, os moradores costumam construir vínculos sociais de maneira muito homogênea, no sentido de que as pessoas e as famílias se misturam. Muitas pessoas se casam entre si na região e compõem suas próprias famílias. É o que retrata Filipe, jovem morador da cidade de 20 anos:

Eu moro com a minha mãe. E do lado de casa mora minha prima, meu tio e minha tia e do outro lado, pertinho de casa mora minha avó e meu avô. E gente tem uma relação boa, a gente convive bastante. E aqui perto tem outros primos também, só que esses primos eu não tenho tanto contato né...agora já com outros familiares que moram do lado de casa a gente é bem próximo. (Filipe, 20 anos).

É muito comum que grupos de amigos de jovens sejam compostos por cada um de um bairro diferente. É nesse sentido que observei que os jovens também se misturam dentro dos espaços presentes na região. Mas, falaremos disso mais a frente. Agora quero apresentar alguns pontos importantes de sociabilidade que percebi na observação participante. Além disso, esses pontos são muito significativos para os moradores, pois compõem a própria “atmosfera” que se tem neste campo analisado.

2.1 AVENIDA DAS MARITACAS: OBSERVAÇÕES SOBRE AS SOCIABILIDADES JUVENIS NO CENTRO DA REGIÃO

Ponto Central da região, a Avenida das Maritacas, como dito anteriormente, é bastante ocupada por vários comércios. Um dos principais comércios da região é a padaria Cristo Rei, bastante tradicional na região, localizada perto de um ponto de ônibus. Outro comércio bastante tradicional da região é Bazar da Rose, que também fica na mesma Avenida. Esse bazar é onde se faz as compras de início de ano letivo. Vê-se sempre um aluno ou outro comprando cartolinas e materiais para alguma atividade escolar.

Ultimamente nessa Avenida tem aumentado bastante o número de distribuidoras de bebidas. Com isso aumentou a aglomeração de jovens em volta dessas distribuidoras, que agora se tornaram ponto de encontro e de lazer, principalmente às sextas-feiras e sábados. Nestas ocasiões, é possível observar uma movimentação bastante grande no Joker's, distribuidora de bebidas que fica bem próxima ao Supermercado 88.

Falo desses comércios, pois são pontos muito importantes de sociabilidade, não apenas de jovens, mas de todos os moradores da região. São marcas registradas nas memórias de muitas pessoas com quem nos relacionamos no cotidiano do bairro. Durante o período de pandemia, onde as pessoas estavam se resguardando em suas casas, esses comércios faziam o papel de pontos de encontros, compreendidos por algumas delas como espaços mais seguros do ponto de vista sanitário. Eu mesma, ao ir ao supermercado, encontrava colegas e amigos que não via em outros lugares. Por lá conversávamos sobre a vida e alimentávamos nossas sociabilidades tão afetadas pela condição imposta pela Covid-19. Observei essa mesma dinâmica social com outros moradores e jovens.

Esse é o caso recorrente no Supermercado 88, por exemplo, com um dos símbolos comerciais mais potente região. Pertencente à uma família tradicional da região, os moradores sempre comentam sobre outros terrenos na Avenida das Maritacas que pertencem à essa mesma família. Voltando à questão da sociabilidade, é curioso que a própria propaganda que passa na rádio FM sobre o referido estabelecimento reforça a ideia de que lá é o lugar onde se encontra todo mundo. E, de fato, no meu caso, é quase impossível passar pelo Supermercado sem encontrar um tio, uma colega, um casal de amigos, uma professora da época do Colégio etc.

Ainda, na Avenida das Maritacas, observei vários grupos de jovens andando pelas calçadas durante a tarde e indo em direção à Pepsi. Alguns deles com *skates* nas mãos. Em outro dia, um grupo corria com carrinho de Supermercado pela calçada da mesma Avenida, também em direção à Pepsi. Pepsi é um local que fica de frente com o bairro Lindóia e ao lado do Parque das Indústrias, apelidado com esse nome pelos moradores da região há muito tempo, pois nos anos 2000, nesse mesmo local, foi parcialmente construída uma fábrica da empresa *Pepsi*, que acabou por não ser finalizada, utilizada ou inaugurada. Porém, por algum tempo, a estrutura manteve uma placa com o nome, em forma de logo da empresa Pepsi. Isso, além do ambiente aberto propício para encontros, marcou socioculturalmente aquele local.

Durante o passar dos anos, essa estrutura ficou “abandonada”, no sentido de que ninguém sabia muito bem a quem pertencia ou para o que seria utilizada. Muitos boatos de que essa estrutura daria origem à outro Supermercado, para concorrer com o Supermercado 88, sempre rondaram esse local. Atualmente onde se localizava essa estrutura hoje se encontra o IPEM (Instituto de Pesos e Medidas do Paraná).

Porém, não a estrutura, mas todo seu entorno, assim como o local em si, é conhecido como Pepsi pelos moradores. Nessa região, onde se encontram algumas indústrias espalhadas nesse grande gramado, a céu aberto, as ruas são pouco movimentadas e bastante planas. Por esse aspecto, acredito, se tornou o *point* principal onde os moradores fazem exercícios físicos (corridas, caminhadas, treinos funcionais, etc) e uso social para suas trocas cotidianas. No mesmo espaço, também foi construída uma academia ao ar livre pela Prefeitura Municipal de Londrina. É onde muitos jovens se encontram pelas escadarias para beber, conversar, fumar, aproveitando o local plano para andar também de *skate* ou patins.

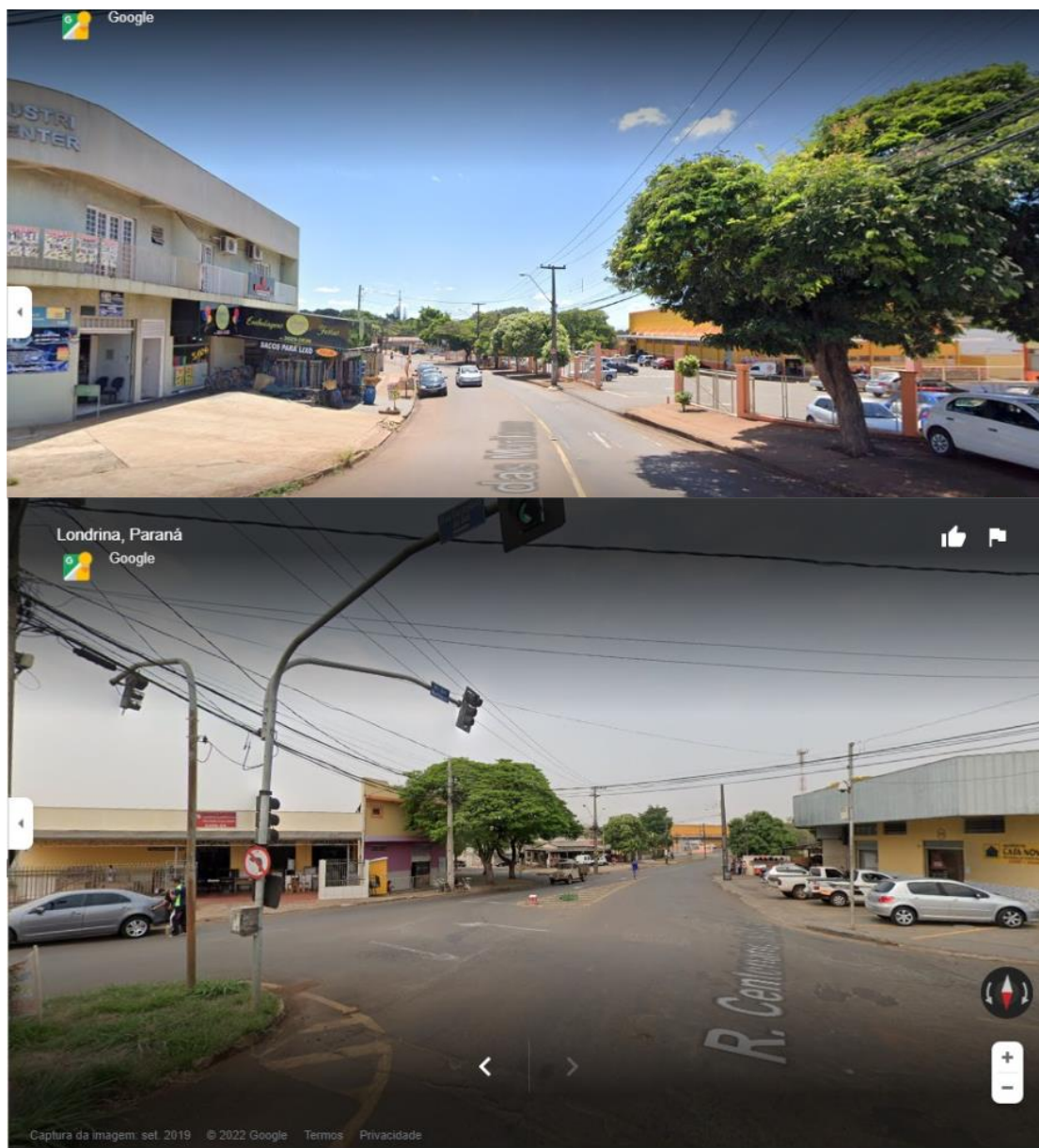
Na época das minhas observações, durante a pandemia, fiquei sabendo pelos próprios jovens, fato este reforçado pelos meus primos e vizinhos também jovens, que ocorria na Pepsi um baile *funk* algumas noites por semana. Tentei saber mais a fundo sobre o assunto. Até que Filipe, participante da pesquisa, me mostrou um *banner* em seu celular sobre o “rolê” que iria ter em uma das ruas da Pepsi. Ele me contou também que antes de realizarem esse “rolê na Pespi”, encontravam-se dentro do estacionamento do Supermercado 88. No entanto, segundo o entrevistado, chegou um momento em que esse local não pode mais ser usado pelos jovens da região, pois o dono passou a trancar os portões de entrada do estacionamento.

Pude passar de carro, uma ou duas vezes pela Pepsi, enquanto estava acontecendo esse baile. Observei que o “rolê” configurava-se pelo encontro de pessoas portando alguns carros que encostavam pelos arredores e na rua da Pepsi, que ligavam o som alto, sempre tocando *funk*. A aglomeração se dava com vários jovens com copos e garrafas de bebidas nas mãos. Esse era o “baile da Pespi”, que também não durou muito tempo, pois, segundo Filipe, a “polícia colou e foi a maior correria um dia aí”. (Filipe, no 2º sem/2020).

A ocupação da Pespi pelos jovens, não é um acontecimento apenas dos dias atuais, pois eu mesma quando adolescente costumava sempre ir até as escadas do local e caminhar pelas ruas ouvindo música com meus amigos. Acompanhava

amigas que iam até lá encontrar os meninos que iriam beijar ou “ficar”. Portanto, poder voltar ao local como pesquisadora e observar dinâmicas ainda parecidas com as experiências que tive é de certa forma interessante. Essas dinâmicas não apenas continuaram, mas também expandiram-se em relação à ocupação desses jovens, já que agora tem-se, inclusive, bailes no local. Mesmo hoje, com movimentação de outros moradores não jovens, ainda é um ponto importante para a região onde esses jovens podem se encontrar para viverem experiências socioculturais significativas, como as que também vivenciei.

Apresento, na sequência, algumas imagens para contextualização da região:

2IMAGEM 1: Avenida das Maritacas Sentido Bairros

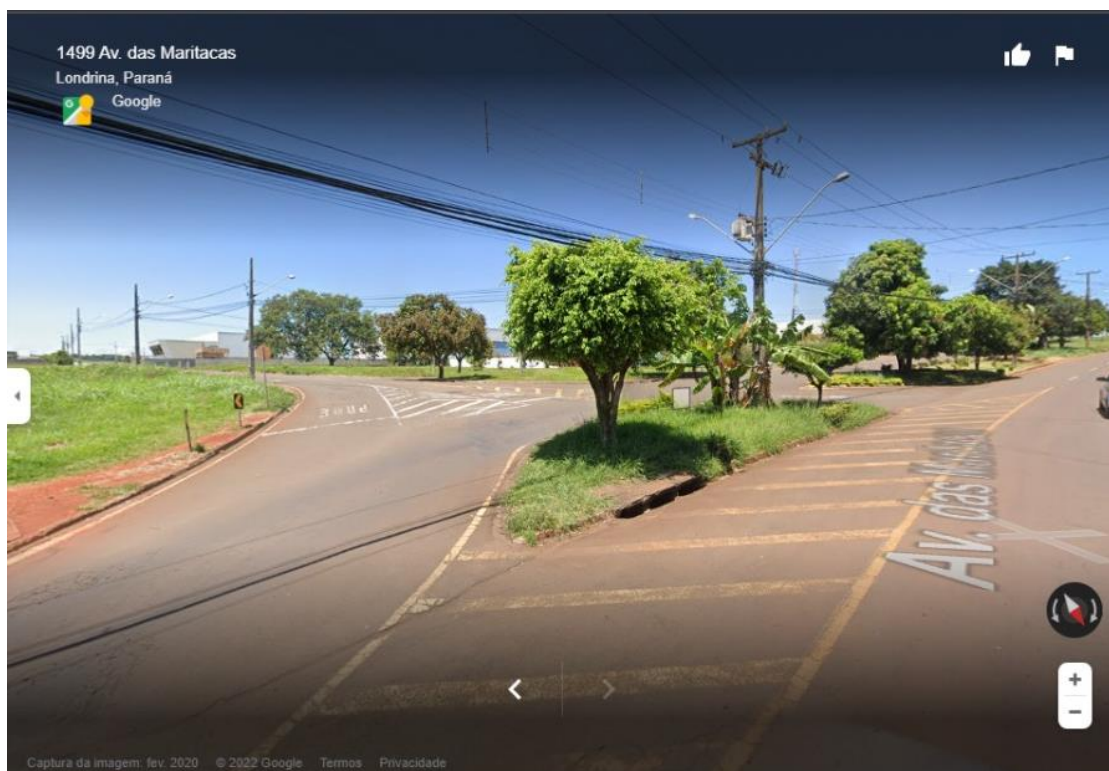
FONTE: Google Maps - Street View e 360°, 2021.

3IMAGEM 2: Avenida das Maritacas - Posto de Saúde

FONTE: Google Maps - Street View e 360°, 2021.

Supermercado 88**4 - IMAGEM 3: Supermercado 88 - Faixada**

FONTE: Google Maps - Street View e 360°, 2021.

PEPSI**5- IMAGEM 4: PEPSI - Entrada/Saída pela Avenida das Maritacas**

FONTE: Google Maps - Street View e 360°, 2021.

6 - IMAGEM 5: PEPSI - Aparelhos para Exercícios

Fonte: Fotografias efetuadas pela própria autora, 2021

3 APRESENTANDO AS JUVENTUDES DA REGIÃO GLEBA LINDÓIA

3.1 JUVENTUDES E JUVENTUDES DA REGIÃO GLEBA LINDÓIA

Não é fácil delimitar uma definição ou uma constatação única de uma categoria sociocultural tão complexa como a das juventudes. O importante, me parece, é tentar desmitificar compreensões de modelos pautados em dicotomias que cooperam para versões negativas ou homogêneas do “ser jovem”. É isso que temos como intenção nessa pesquisa, ou seja, trazer neste tópico as caracterizações dos jovens que participaram dessa pesquisa, ao passo que também os apresento.

Entendo aqui juventudes não apenas como um “sistema de valores e significados que estão atribuídos às juventudes e que expressam tanto os processos de internalização de normas como os processos de socialização” (AMARAL, 2011, p. 72). Assim como, pretendo falar de juventudes não apenas através de suas práticas culturais ou das culturas juvenis. Nosso objeto pretende ser problematizado junto às práticas culturais e sociais que envolvem o trabalho, o lazer, os arranjos familiares, a escola, a igreja e outras categorias importantes que me auxiliem a compreender as dinâmicas e práticas das juventudes em um aspecto cotidiano. Então, antes de apresentar as juventudes que participaram dessa pesquisa, quero trazer primeiramente como compreendo-as dentro desse processo.

Gropo (2011) traz, de maneira crítica, como a construção dos estudos sobre a condição juvenil se dá de maneira dualista, mesmo no modelo que prima pelo debate da moratória, do caráter experimental ou da visão culturalista juvenil. Segundo ele, ambos os “modelos clássicos, o funcionalista e o da moratória social, conceberam, de modo mais característico, a condição juvenil, principalmente como uma criação das instituições e processos sociais” (GROPPO, 2011, p.19). O autor (2011) ainda complementa que o modelo da moratória social também tendia a ver as juventudes como obra da “sabedoria social”, que reservou tempo e espaços especiais para que os jovens pudessem ensaiar e experimentar papéis sociais e novos valores.

Sendo assim, o problema da definição da condição juvenil e sua relação com a sociedade continuaria existindo. Uma alternativa dialética para a resolução desse problema passaria pela inversão do fator sociedade-juventudes por juventudes-sociedade, ou seja, a condição juvenil, ou melhor, as condições juvenis se constituem

por si mesmas a partir da livre composição de elementos sociais e culturais disponíveis. (GROPPO, 2011). Em em um trecho do próprio autor (2011), este argumento fica melhor explicitado;

[...] parte do suposto de que a condição juvenil se configura mesmo a partir de uma relação entre sociedade *versus* indivíduos e grupos juvenis. Entretanto, esta relação é dialética, ou seja, fundada numa contradição entre o movimento da integração/socialização e o movimento da autonomia/criatividade. Dito de outro modo, a condição juvenil é dialética porque está assentada sobre uma relação de contradição entre sociedade e juventudes. Esta contradição se expressa, historicamente, em ações de institucionalização da juventude, seguidas ou precedidas de ações ou resistências dos indivíduos e grupos, que são considerados ou se assumem como jovens. (GROPPO, 2011, p.20).

Pode-se, deste modo, interpretar que desde o início do “percurso das juventudes, na modernidade, houve possibilidades e concretas ações de protagonismo juvenil, criação de identidades diferenciadas, resistências e subculturas” (GROPPO, 2011). As juventudes podem até serem vistas como um momento determinado, mas não sob um viés único que a descreve como um ritual para a vida adulta. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto em que elas se desenvolvem e pelas trocas dinâmicas e complexas que esse meio proporciona à elas.

Alexandre Pereira (2007) ao trazer discussões que contrariariam o texto de Bourdieu de que “A juventude é apenas uma palavra”, compõe uma construção da discussão das juventudes nas Ciências Sociais. Mais uma vez, chama a atenção ao fato de que essa não é meramente um símbolo ou a comparação entre velho e o novo, não podendo ser desvinculada de condicionantes históricos e materiais. Pereira (2007) também nos aponta que os jovens podem ser entendidos dentro de um aspecto cultural da sociedade moderna. Nesse aspecto, o processo da valorização das juventudes contribui para a perspectiva das imagens sobre os jovens, sendo eles o centro da formação da própria sociedade, associada juntamente com valores de estilos de vida encontrados nas juventudes.

Historicamente, outras caracterizações foram dadas às adolescências e às juventudes, tais como os estudos estruturais-funcionalistas americanos sobre a cultura colegial. Coleman (1961) falava sobre como as relações específicas criadas em grupos de faixas etárias próximas criavam um mundo social a parte do mundo adulto. Feixa (2006) por outro lado, ao reorganizar um debate de como se criou uma

noção de juventudes na modernidade, mostra como a escola foi responsável no entendimento e configuração das categorias de infância e juventudes nos dias de hoje. Porém, Alexandre Barbosa Pereira (2007), nos aponta algo interessante sobre um processo bem mais complexo e profundo.

Se foi a escola a principal responsável pelo surgimento das categorias de infância e juventude como se configuram atualmente, pode-se dizer que também ocorre hoje o processo inverso, e, assim, os jovens e as crianças, que foram isolados desde o início dos tempos modernos para passarem por um período de formação moral e intelectual separado da sociedade dos adultos, estariam recriando tal espaço com suas novas demandas. (PEREIRA, 2007, p.2).

Esse ponto é relevante nessa pesquisa, pois temos uma Escola Estadual na região. Nessa escola se constroem vínculos importantes das sociabilidades entre os jovens da região, o que tratarei com especificidades mais adiante. Mas, continuando o debate a respeito da categoria “juventudes”, podemos dizer que os estudos sobre jovens e juventudes, fora do contexto escolar em si, tiveram ênfases no período pós-guerra, quando o termo cultura jovem começa a ganhar espaço.

A obra “Resistance Through Rituals: youth subcultures in post-war Britain” (1993 [1976]), escrita por autores da Universidade de Birmingham, Inglaterra, destaca que os primeiros fatores do aumento do mercado e do consumo no pós-guerra que propiciaram o crescimento da indústria de lazer voltada para às juventudes. Tal evento teria criado as condições para o desenvolvimento daquele que consideram o segundo fator responsável pelo destaque das juventudes: “a emergência dos meios de comunicação de massa, dos entretenimentos de massa, da arte de massa e da cultura de massa” (CLARKE; HALL; JEFFERSON & ROBERTS; apud PEREIRA, 2007, p.03).

Nesse caso, falando sobre esse aspecto do comportamento de jovens em contextos urbanos relacionados ao consumo, não posso deixar de citar uma das abordagens mais discutidas e que até hoje permeia a mídia e o imaginário popular para caracterizar práticas das juventudes, ou seja, as chamadas tribos urbanas. Eu que nasci em 1995 e vivi minha adolescência nos anos 2000, percebi na prática que nesse período sempre aparecia um adulto para me perguntar “de que tribo você é?” O que me chama a atenção sobre esse termo é que, ao ser tão apropriado pela mídia, pouco se via naquele momento ele sendo usado para se entender como realmente os jovens se percebiam na sociedade. Suas vozes eram bastante ignoradas e/ou

invisibilizadas.

Foi a obra de Michel Maffesoli (1987) "O tempo das tribos", que realocou o nomadismo como base para se compreender os comportamentos dos jovens nos centros urbanos:

O ponto central era mostrar o lado "afetual" de microgrupos caracterizados como um tipo de comunidade emocional: são efêmeros, de inscrição local, desprovidos de organização. Com essa postura, o autor trazia para o campo da análise social a perspectiva que então caracterizava uma série de transformações que vinham ocorrendo no campo da literatura, da arquitetura, da moda, das comunicações, da produção cultural, como "pós-modernas". No caso da emergência desses pequenos grupos, voláteis, altamente diferenciados, a novidade que apresentavam era sua contraposição à homogeneidade e ao individualismo característicos da sociedade de massas, bem como às identidades bem-marcadas da modernidade. (MAGNANI, 2010, p.15).

Magnani (2010), fez uma crítica à utilização da expressão "tribos urbanas". Nessa crítica ele mostra que existem certas limitações no uso desse termo para a análise. Mesmo que o termo tenha sido aproveitado para compreender algumas questões, é importante lembrar que uma das suas principais preocupações é que ao se utilizar do mesmo termo dos estudos mais tradicionais da etnologia para categorizar comportamento de jovens em uma metrópole, vê-se uma contradição. Pois, se faz aludir a grupos pequenos e delimitados, com regras e costumes particulares. Isso se confunde com a característica mais massificada que condiz e guia certos comportamentos em metrópoles. Além de carregar alguma carga de preconceitos em leituras que veem disputas de gangues como "conflitos tribais".

As especificidades também começam a ser problematizadas como variáveis para conceituar juventudes, principalmente com o uso do conceito de culturas juvenis. Na Antropologia das Juventudes, o conceito foi envolto de uma discussão sobre gênero e classes sociais, especialmente por Margulis & Urresti (1996), os autores falam sobre certa moratória social que existe dentro desse processo. Mas, essa moratória não acontece de maneira igual para todos os jovens. A moratória, ou seja, esse tempo que se tem para aproveitar da condição de ser juventudes para "cometer erros e assumir riscos", não funciona de maneira igual para jovens de classes populares que precisam começar a trabalhar muito cedo, por exemplo.

Feixa (2004) trouxe a discussão clássica e permeável até os dias de hoje

na produção de conhecimentos sobre juventudes, sobretudo quando problematiza a interação natureza e cultura na definição social das idades, ou seja, a polêmica faixa-etária. Nesse caso, o autor enfatiza que idade social não corresponde necessariamente com a idade natural, ou biológica. Por outro lado, também podemos pensar em como a idade estabelece certas formações de identidades. Daí a questão das juventudes e o paralelo com as culturas juvenis. Além disso, mais a frente, ele (2004) fala sobre o termo “culturas juvenis” que;

[...] implica também uma mudança na forma de encarar o problema, que transfere a ênfase da marginalidade para a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o ócio, das imagens para os atores. (FEIXA 2004, p.06; tradução Magnani). O autor prossegue dizendo que o termo “culturas juvenis” aponta mais para as formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva, mediante estilos de vida distintivos, tendo como referência principalmente o tempo livre. (MAGNANI, 2010,p.16).

Nesse caminho, a importância da percepção da palavra no plural “juventudes”, por remeter-se ao fato de que não se pode compreender as juventudes como aspecto homogêneo e inflexível, como nos faz pensar Juarez Dayrell (2003). Precisamos entendê-la de maneira heterogênea e que incorporam as mais diversas representações das juventudes. A diversidade que se dá neste momento se encontra nas variadas faixas etárias, nas condições sociais desiguais, nos modos culturais diversos, nas multiplicidades das questões de gênero e questões regionais, entre outros tantos marcadores sociais e culturais de diferenças e de desigualdades:

A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (DAYRELL, 2003, p.24).

Em sua conclusão, Dayrell (2003) nos conta que as trajetórias desses jovens presentes em suas pesquisas questionam a visão romântica das juventudes. As realidades dos *rappers* e dos *funkeiros* pesquisados, por exemplo, evidenciam que as juventudes não correspondem a essa imagem. Ao contrário, é um momento duro, de dificuldades concretas de sobrevivência, de tensões com as instituições, como no caso do trabalho e da escola, retratados no artigo do mesmo autor “O jovem como

sujeito social”.

Observamos, até aqui, que os jovens podem ser entendidos dentro de um aspecto cultural da sociedade moderna. Além disso, o processo da valorização das juventudes contribui para a perspectiva da imagem sobre os jovens, sendo eles o centro da formação da própria sociedade, associada juntamente com valores de estilos de vida encontrados nas juventudes, com a preocupação das instituições com a formação dessa etapa da vida, entre outras.

Dito isso, posso dar os primeiros passos para a apresentação das juventudes da pesquisa. Importante ressaltar que todos os bairros são atendidos pelo colégio Colégio Estadual Carlos de Almeida, Colégio no qual a pesquisa foi configurada, não em relação a instituição em si, mas pelo que me chamou muito atenção. Observei que muito dos vínculos sociais, afetivos e amigáveis dos moradores daqui estavam muito envoltos da relação que tinham com o Colégio. E, ao me propor investigar esse ponto, outras demais tramas sociais apareceram nesta pesquisa sobre como as juventudes constroem suas sociabilidades.

Em uma conversa com a docente de Sociologia do Colégio Estadual, no segundo semestre de 2020, ela me retratou que esses jovens frequentam projetos sociais e formação profissional paralelos às aulas das instituições que ficam próximas a região; como a EPESMEL (Escola Profissional e Social do Menor de Londrina), fundada em maio de 1976, que fica na mesma região do Colégio e é administrada pelos Irmãos e Padres Josefinos de Murialdo. Ela não tem finalidade econômica e lucrativa, pois é beneficente, de natureza educacional, assistencial, cultural, de esporte e lazer, como a instituição se apresenta em seu site. E também a ADAMÁ empresa de produção de cultivo agrônômico, que administra o chamado Instituto ADAMÁ, como um projeto de responsabilidade social, voltado para a formação profissional de adolescentes, com atividades culturais e lúdicas.

Por isso, podemos dizer que esses jovens se caracterizam com estudantes trabalhadores. Ainda segundo a docente de Sociologia da referida escola localizada no Lindóia, em conversas informais realizadas no segundo semestre de 2020, geralmente os estudantes vão a aula em um turno e fazem estágios como menores aprendizes em outro (manhã/tarde e noite/manhã). Aqueles que não fazem os estágios vinculados a essas instituições profissionalizantes, acabam por trabalhar horas a mais do que o menor aprendiz, podendo trabalhar em horário comercial e ir a aula no período noturno.

Ela relatou⁷ também que o Colégio funciona muito como ponto de encontro entre os estudantes, principalmente no período da noturno. De noite os estudantes costumam se encontrar na Praça ao lado ou na Viela para fumar maconha ou cigarro, ou para conversarem antes de entrarem para aula. Eu pesquisadora, enquanto estudante do Colégio e moradora da região, posso dizer que essa Viela já é uma antiga conhecida dos arredores do Colégio. Ela liga a rua do Colégio, que fica no bairro Lindóia, ao conjunto Mister Thomas. E, não é de hoje que jovens costumam se reunir nela antes ou após a aula. Nos meus anos no Colégio, essa Viela também era bastante frequentada. Nos anos de Colégio de minha mãe e minha tia também.

Os alunos do período da manhã, segundo a mesma docente eram considerados “bons” alunos. “Se interessavam muito mais pela disciplina de Sociologia e levavam os estudos mais a sério. Diferente dos estudantes da noite, que geralmente eram mais dispersos”, pois, segundo ela esses alunos não tinham muito interesse pela disciplina. A professora dizia ter muita dificuldade de aplicar o conteúdo, pois estes chegavam cansados do trabalho e muitos manifestavam não ter interesse em continuar os estudos além do Ensino Médio. Quando os alunos da manhã tinham que se transferir para a noite, por conta de horários de emprego ou outros motivos, entravam em conflito com os que já estavam estudando no período noturno por conta dessas diferenças. (Relato colhido em 04/06/2020).

De fato, algumas dessas situações são sempre retratadas em escolas públicas, se tratando de jovens trabalhadores e, principalmente, no Ensino Médio. Posso dizer que a categoria juventudes ou o “ser jovem”, é perpassada por outras categorias e instituições as quais guiam tais sociabilidades na região escolhida para análise nesta dissertação. Sendo assim, trabalho e escola são uma dessas. Para as juventudes que se encontram em classes sociais menos favorecidas economicamente, como as juventudes das classes populares encontradas na pesquisa, a interface dessas duas variáveis (escola e trabalho) faz parte dos desafios pertinentes às suas realidades e ao processo complexo de suas construções como sujeitos históricos, culturais, políticos e sociais.

Nesse contexto, é importante que resgatemos o papel desses sujeitos na trama social. Isso significa que o nosso olhar pretende dar dimensão à esses sujeitos históricos, que não são passivos em relação às tais estruturas e imposições

⁷ Depoimento da professora de Sociologia do Colégio, localizado no Bairro Lindóia, colhido em 04/06/2020.

socioculturais, políticas e econômicas. É importante ressaltar que isso não significa que a estrutura não os afeta de acordo com o local social, cultural e político que esse se encontra. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção de conflitos, de recusas, de ressignificações, de recriações e de negociações em função de circunstâncias determinadas. Dayrell (2003), nos apresenta um incômodo pertinente à algumas noções presentes na discussão das juventudes modernas e suas expressões. Como ele mesmo diz:

[...] ao analisar a produção teórica sobre os grupos musicais juvenis no Brasil, pelo menos aquelas a que tivemos acesso, percebi uma tendência na descrição e análise dos grupos em si mesmos, possibilitando o conhecimento da sua realidade cotidiana, a forma como constroem o estilo, os significados que lhe atribuem e o que expressam no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Esses estudos muito contribuíram para problematizar a cultura juvenil contemporânea, evidenciando, por meio dela, os anseios e os dilemas vividos pela juventude brasileira. Contudo, apesar de suas contribuições, essa produção teórica apresenta uma lacuna. Ao construir o seu objeto, tais investigações recortam de tal forma a realidade dos jovens que dificultam a sua compreensão como sujeitos, na sua totalidade. (DAYRELL, 2003, p.40).

O referido autor (2003), reflete sociologicamente acerca dos jovens de sua pesquisa, chamando a atenção para as várias maneiras de se construírem como sujeitos. Uma delas se refere aos contextos de desumanização. Neste aspecto, argumenta os contextos em que o ser humano é “proibido de ser”, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana, como foi possível constatar em grande parte com os jovens pesquisados por ele.

Quando cada um desses jovens nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. Assim, o gênero, a raça, o fato de terem como pais trabalhadores desqualificados, grande parte deles com pouca escolaridade, dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. (DAYRELL, 2003, p.43).

Esses se constroem de acordo com as especificidades dos recursos de que dispõem em determinado contexto socioeconômico, numa dada realidade histórica. E, foi isso que o levou a se perguntar: esses jovens não estariam nos mostrando um jeito próprio de viver? (DAYRELL, 2003).

Nas pesquisas relacionadas à Antropologia Urbana, mais especificamente na obra “Os circuitos dos jovens urbanos”, José Guilherme Magnani (2010) nos traz que o enfoque de “ser jovem” foi tomado menos como uma categoria explicativa do que como um ponto de partida empírico para os recortes. Pois, para levar em consideração amplos recortes relacionados ao lazer, à sociabilidade, às posturas afirmativas, à religiosidade, não se poderia reduzir “essa multiplicidade visível na paisagem urbana a um comportamento padrão ditado por determinado recorte de faixa etária” (MAGNANI, 2010, p.14).

O que quero dizer é que as práticas culturais e as sociabilidades juvenis me auxiliam a compreender as especificidades da região e vice e versa. Não tem como separar uma da outra. Assim como Pereira (2017), nos faz refletir;

Por práticas culturais juvenis compreendo as atividades protagonizadas por sujeitos considerados jovens ou que carregam fortemente uma marca simbólica daquilo que as sociedades industrializadas e urbanas definem como juvenil. Essas práticas culturais seriam realizadas fundamentalmente no momento do denominado tempo livre ou de lazer. Desse modo, tento abordar determinadas atividades sociais e culturais que têm certa referência juvenil, mas que não necessariamente se restringem a uma faixa etária e mesmo podem ser praticadas por não jovens. (PEREIRA, 2017, p.13).

Por isso, nesse trabalho, entendo que jovens são sujeitos singulares de um momento histórico específico, determinados por uma trama de complexificações, mas que ao mesmo tempo seguem aspectos distintos de acordo com seu meio social (DAYRELL, 2003; GROppo, 2011).

Portanto, nesta pesquisa, procurarei pensar que os jovens têm trajetórias relevantes que precisam ser consideradas e pesquisadas persistentemente pelas Ciências Sociais. São histórias distintas, movidas também de acordo com seus desejos e intenções, com suas próprias singularidades e complexidades (DAYRELL, 2003). É, nesse sentido, que a literatura que foi desenvolvida até aqui me ajudou a entender que para compreender as juventudes da região Gleba Lindóia, teria de

entender antes suas dinâmicas, ou pelo menos captar, através das vozes e da observação das práticas dessas juventudes, as dinâmicas ali ocorridas.

3.1.1 Caracterização Sociológica Das Juventudes Da Região Gleba Lindóia: Dados Do Questionário

Nesta seção apresento os dados recolhidos em questionário *survey*, enviados aos jovens da região Gleba Lindóia, com a finalidade de captar a caracterização sociológica desses jovens através de seus perfis, enfocando dentre outros aspectos: maneiras de se relacionar com os espaços urbanos da região; modos que construíram seus vínculos de sociabilidades; mapeamentos dos lugares que esses jovens frequentam na região. Decidi aplicar um questionário, primeiramente por conta do momento pandêmico. Este questionário *survey* me possibilitou entrar em contato com os jovens de maneira segura em relação à exposição, levando em conta os riscos propiciados pela pandemia da Covid-19.

Em segundo lugar, as minhas intenções, planejadas quando eu tinha acesso as turmas de Ensino Médio do Colégio, eram apenas selecionar alguns jovens para entrevistas semiestruturadas. Porém, com o andar da carruagem na pandemia, infelizmente perdi os vínculos que tinha diretamente com essas turmas e tive que descolar os eixos de minha pesquisa. Foi nesse momento, quando tive que encontrar os jovens da região, que o questionário se mostrou um aliado também para mapeamento. Além do perfil, esta ferramenta metodológica me permitiu diagnosticar lugares que esses jovens frequentavam, suas experiências, gostos musicais, etc.

O questionário foi aplicado no período de 01/02/2021 a 28/02/2021, hospedado no link: <<https://forms.gle/rCmnbTtAe9HjtY2U7>>, com o seguinte texto introdutório:

QUADRO 1: Texto Introdutório do Questionário

ANTES DE INICIAR O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO, O/A RESPONDENTE PRECISA ESTAR ESCLARECIDO/A DE QUE:

- a) A pesquisa está sendo desenvolvida por ANA FLÁVIA NICOLAU CONRADO, aluna regular do Curso de Mestrado em Sociologia (PPGSOC/UEL), da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Profa. Dra. Ângela Maria de Sousa Lima;
- b) Para responder a esse questionário você levará, em média, 30 minutos;
- c) Esta primeira parte da pesquisa (questionário survey) será aplicada entre os dias 01 e 28 de fevereiro de 2021;
- d) A pesquisa objetiva registrar as percepções de jovens da Região Gleba Lindoia de Londrina, sobre suas condições juvenis e suas formas de manifestação, observando suas diferentes práticas e experiências de sociabilidades, especialmente as práticas juvenis que se articulam na relação bairro, lazer, culturas e escola pública;
- e) Os benefícios gerados pela pesquisa envolvem os conhecimentos produzidos sobre juventudes para os/as próprios jovens, para a escola pública da região e para as políticas públicas voltadas às juventudes da classe trabalhadora, pois o estudo pretende dar visibilidade e voz às suas condições, demandas, dificuldades, potencialidades, sabedorias, práticas culturais e percepções;
- f) Enfatizamos que todas as informações fornecidas serão mantidas em sigilo absoluto e confidencialidade. As respostas fornecidas serão armazenadas em sistema de registro dessa pesquisa e utilizadas única e exclusivamente para fins científicos na elaboração da dissertação, que no 2º semestre de 2022 estará acessível na íntegra no repositório da Biblioteca Geral da UEL, podendo ser acessada por meio do site oficial do PPGSOC/UEL;
- g) Você poderá desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Sem contar que para participar do estudo, não será necessário se identificar. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.
- h) Podem me contatar pelo número de telefone celular: (43) 99695-9117, no endereço de e-mail anaflaviaconrado@gmail.com, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Agradeço imensamente pelo apoio e contribuição!
Muito obrigada, desde já: Ana Flávia.

Nesse tempo de aplicação, o questionário obteve 33 respostas, sendo essas distribuídas entre questões fechadas e abertas. Dentro das perguntas objetivas, solicitamos as seguintes informações: nome que gostaria de ser identificado na pesquisa; Idade; Gênero; Orientação sexual; Cor/Raça; Religião; Se tem irmãos, se sim, quantos; Se é casado/a; Se tem filhos/as; Se está namorando; Se mora com a companheira ou com o companheiro; Se exerce trabalho remunerado (fora de casa ou home office), se sim, qual; Qual meio de transporte mais utiliza para se locomover dentro do município de Londrina.

Dentro das perguntas subjetivas, solicitamos as seguintes informações: Como costuma se referir à região; Se estudou ou estuda na Escola Estadual do bairro (Colégio Estadual Carlos de Almeida); Caso sim, em que período do dia faz (ou fez) o Ensino Médio (manhã, tarde, noite); Caso sim, qual o meio de transporte que usa ou usava para chegar à escola; Caso tenha estudado nessa escola: se fez muitas amizades no bairro através da escola; Caso tenha estudado nessa escola, o que faziam antes e depois das aulas; Caso tenha estudado nessa escola: que lugares frequentava com os amigos da escola e que lugares mais gostava de frequentar com eles (amigos); Se pretende fazer ou já fez Ensino Superior: se sim, qual curso; Que tipos de músicas gosta de ouvir; Que tipos de filmes gosta de assistir; Se segue algum influenciador digital: caso sim, qual; Qual rede social mais utiliza; Em qual bairro da região Gleba Lindóia mora; Quando veio morar nessa região, ou se nasceu e cresceu nela; Se a família também mora na região; Como é viver a juventude na região;

Ainda nos interessou saber: Que lugares da região costuma frequentar com seus amigos; Que atividades costuma desenvolver na região; O que faz geralmente nos finais de semana; Quais lugares da região frequenta como forma de lazer ou entretenimento; Fora do bairro, mas dentro de Londrina, quais são geralmente suas outras práticas de lazer; Como seus relacionamentos foram construídos na região, seus vínculos afetivos; Se frequenta alguma igreja da região e qual e caso sim, se participa de algum grupo de jovens na igreja; Se tem vontade de sair do bairro ou pretende continuar morando nele; O que você sentiu ou sente falta em seu bairro/região ou escola; O que você fazia antes da pandemia da Covid-19, em termos de lazer e entretenimento, que agora não consegue mais fazer no bairro; O que você não fazia antes da pandemia da Covid-19, em termos de lazer e entretenimento, que agora costuma fazer; Quais as maiores dificuldades trazidas pela pandemia da Covid-

19 para você e seu grupo familiar; Que lições tem tirado desta pandemia; Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre a relação entre juventudes e Gleba Lindoia.

Por meio desse recurso metodológico, os participantes poderiam discorrer se se sentiriam ou não a vontade para responder. Como consequência, o resultado foi bastante satisfatório em relação ao modo como responderam. Percebemos bastante empenho no trato com as questões, uns sendo mais detalhistas, outros mais objetivos. Na esperança do questionário ser um elo para arregimentar informantes para a entrevista em profundidade, deixamos no final dele o seguinte recado: “Caso aceite ser entrevistado/a pela referida pesquisadora, narrando mais detalhes sobre estas mesmas questões, deixe aqui seu contato (*Whatsapp* ou *e-mail*)”. Seguem as caracterizações de perfil dos 3 participantes que deixaram seus contatos e me concederam entrevistas por *Whatsapp*:

QUADRO 2: FILIPE - DADOS PERFIL - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:

QUESTÕES	RESPOSTAS
Qual seu nome? Ou por qual nome deseja ser identificado/a na pesquisa?	Filipe
Gênero	Masculino
Qual sua idade?	20
Orientação Sexual	Heterossexual
Cor/Raça	Preto
Religião	Evangélico
Tem irmãos?	Não
É casado/a?	Não
Tem filhos/as?	Não
Está namorando?	Sim
Mora com a companheira ou com o companheiro?	Não
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou trabalha em casa)? Se sim, qual?	Sim, auxiliar de laboratório, ótica Persona
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior?	Talvez
Que tipos de músicas gosta de ouvir?	Todos os tipos, principalmente as que te deixam pra cima
Que tipos de filmes gosta de assistir?	Todos os tipos desde romance a filmes de terror
Segue algum influenciador/a digital?	Não
Quais redes sociais você mais utiliza? Pode escolher mais de uma:	Facebook, Instagram, Whatsapp

Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro: Colégio Carlos de Almeida?	Sim
Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?	Sim

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindoia de Londrina-PR. **ELABORAÇÃO:** Própria autora.

QUADRO 3: INGRID – DADOS PERFIL – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:

QUESTÕES	RESPOSTAS
Qual seu nome? Ou por qual nome deseja ser identificado/a na pesquisa?	Ingrid
Gênero	Feminino
Qual sua idade?	21
Orientação Sexual	Heterossexual
Cor/Raça	Preto
Religião	Católico
Tem irmãos?	Sim, 2 irmãs
É casado/a?	Não
Tem filhos/as?	Não
Está namorando?	Sim
Mora com a companheira ou com o companheiro?	Não
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou trabalha em casa)? Se sim, qual?	Não
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior?	Sim
Que tipos de músicas gosta de ouvir?	Gospel
Que tipos de filmes gosta de assistir?	Ficção
Segue algum influenciador/a digital?	Sim, Lavínia Rocha, Raffa Kaliman
Quais redes sociais você mais utiliza? Pode escolher mais de uma	Facebook, Instagram, Whatsapp
Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro: Colégio Carlos de Almeida?	Sim
Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?	Não

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindóia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora

QUADRO 4: KAREN – DADOS PERFIL – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:

QUESTÕES	RESPOSTAS
Qual seu nome? Ou por qual nome deseja ser identificado/a na pesquisa?	Karen
Gênero	Feminino
Qual sua idade?	20
Orientação Sexual	Lésbica
Cor/Raça	Branca
Religião	Não sigo Religião
Tem irmã/os?	Sim, 3 irmãos
É casado/a?	Não
Tem filhos/as?	Não
Está namorando?	Não
Mora com a companheira ou com o companheiro?	Não
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou trabalha em casa)? Se sim, qual?	Não
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior?	Sim, Artes Visuais e Multimídia
Que tipos de músicas gosta de ouvir?	Pop, indie, rock, mpb, rap e eletrônica
Que tipos de filmes gosta de assistir?	Ficção científica, ação, drama, animação e comédia
Segue algum influenciador/a digital?	Sim, Malfeitona, Chavoso da USP, Jonas Maria, Nátaly Neri, Afroecologica, Dri Maria,....
Quais redes sociais você mais utiliza? Pode escolher mais de uma:	Instagram, Whatsapp, Tumblr
Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro: Colégio Carlos de Almeida?	Sim
Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?	Sem resposta

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindóia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora

Agora podemos apresentar como esses dados foram organizados. Tem-se que das 33 respostas obtidas, a faixa etária dos respondentes ficou entre 15 e 49 anos, distribuídos em: maioria com 20 anos (5 jovens); 25 anos (4 jovens); 16 anos (4 jovens); 18 anos (4 jovens); 17 anos (3 jovens); 21 anos (3 jovens); 19 anos (2 jovens), 22 anos (2 jovens);

Dos 33 participantes: 22 eram mulheres e 11 homens, sendo a maioria heterossexuais (24 jovens); 3 bissexuais; 2 lésbicas; 1 pansexual; 1 jovem disse que não sabia sua orientação sexual; um jovem respondeu que não gostava de rótulos e preferiu não responder. Dos 33 jovens respondentes, 15 se autodeclararam pardos, seguidos de 11 autodeclarados brancos e 7 autodeclarados pretos. Dos 33 jovens, 11 se declararam católicos, seguido por 7 evangélicos; 6 se declararam apenas cristãos e 6 também disseram não seguir religião; 1 jovem diz ter fé, porém não saber direito em que; 1 se declarou satanista lavey; e 1 preferiu não responder.

Foi possível notar também que os gostos relacionados aos filmes, às músicas e ao modo como seguem influenciadores digitais nas redes sociais, são bem diversos entre eles, sendo uns até bastante ecléticos. Nesse sentido, o público que respondeu a esse questionário não se encontrava dentro do que podemos chamar de “bolha”, seguindo um mesmo seguimento de perfil específico, pois os perfis mencionados por eles foram bastante diferenciados, em vários aspectos.

Cruzando os dados sobre idade, gênero, orientação sexual, cor/raça e religião, obtivemos algumas informações importantes sobre o público respondente. Das respostas relacionadas ao gênero e idade, a maioria da participação foi de mulheres (22). Em relação aos homens, obtivemos 11 respostas. Sendo que a maioria dos homens tem 20 anos (4 jovens) e a maioria das mulheres 18 anos (4 jovens). Seguido por 3 mulheres de 16 anos, 3 mulheres de 17 anos, 3 mulheres de 21 anos, e 3 mulheres de 25 anos; 2 mulheres de 19 anos; 1 mulher de 20 anos, 1 mulher de 22 anos, 1 mulher de 24 anos, 1 mulher de 49 anos. Homens foram apenas 1 15 anos, 1 de 16 anos, 1 de 22 anos, 1 de 24 anos, 1 de 25 anos, 1 de 26 anos e 1 de 28 anos.

Sobre as respostas relacionadas ao gênero e à orientação sexual, foram 15 mulheres héteros, 2 bissexuais, 2 lésbicas, 1 pansexual, 1 preferiu não responder. Dentre os homens foram: 9 héteros, 1 bissexual, 1 respondeu “nem eu sei”. Das respostas sobre gênero, cor e raça: 11 mulheres se autodeclararam pardas, 3 pretas e 8 brancas. Homens foram 4 se declarando pardos, 4 pretos e 3 brancos.

Sobre as respostas a respeito de gênero, religião e orientação sexual: 9 mulheres se autodeclararam católicas, 4 se denominaram cristãs, 1 disse que “tem fé, porém não sei direito em que”, 4 mulheres eram evangélicas, 3 mulheres não seguiam religião, 1 preferiu não responder. Dentre os homens, recebemos os seguintes retornos: 2 católicos, 4 cristãos, 3 evangélicos, 3 não seguiam religião, 1 satanista

Lavey.

Dentre os homens foram: 1 bissexual cristão e 1 evangélico; 8 heterossexuais católicos; 4 cristões; 4 não seguiam religião e 1 satanista Lavey. Nas respostas trazidas pelas mulheres: 1 se autodeclarou lésbica católica e 1 não seguia religião, 1 pansexual cristã. O/A jovem que declarou não saber sobre sua orientação sexual diz que não seguia religião. O/A que disse não gostar de rótulos em relação à sua orientação sexual disse ter fé, mas não sabia em que. O/A que preferiu não responder sobre sua orientação sexual se declarou católico.

Quando reunimos os dados sobre arranjos familiares e relacionamentos, percebemos que a grande maioria dos jovens tem irmãos: 31 jovens. Apenas 2 disseram que não possuíam irmãos. Significa afirmar que dentre eles, 93,9% tinham irmãos e 6,1% não tinham. A maioria tinham 1 e 2 irmãos, sendo 15 jovens apenas com 1 irmão e 11 jovens disseram ter 2 irmãos. Os dados mostraram que 1 jovem tinha 6 irmãos/irmãs e outro possuía 7 irmãos/irmãs.

A maioria não era casado ou casada. Das 33 respostas, 32 jovens disseram não serem casados, apenas 1 era casado, correspondendo à porcentagem de 97% não casado/casada e 3% casado/a. Sobre ter filhos, a maioria disse não ter filhos. De 33 respostas, 31 jovens responderam que não tinham filhos e 2 disseram ter. Das 33 respostas, 20 jovens disseram estar namorando e 13 escreveram não estar namorando no momento. Sobre morar com companheiro ou companheira, 28 disseram não morar com companheira ou companheiro e 5 disseram que sim.

No que diz respeito aos dados que relacionam trabalho e Ensino Superior, das 33 respostas obtidas, a grande maioria das pessoas exercia trabalho remunerado, ou seja, 24 jovens no total. Dentre eles, 9 não exerciam trabalho remunerado. Sobre ensino superior, 28 disseram que já fizeram Ensino Superior ou pretendiam fazer, 4 responderam que talvez fariam e apenas 1 não fez e não pretende estudar o Ensino Superior. Do montante, 15 responderam quais cursos fizeram. Dentre estes cursos, os que se destacaram são: Psicologia; Ciências Contábeis; Arquitetura e Urbanismo.

Para apresentação dos dados que seguem, usei um procedimento intitulado “grelhas”, que geralmente é utilizado em pesquisas qualitativas para registrar a maneira de organizá-los e codificá-los de forma mais didática. Utilizei para organizar os dados do questionário. Mais precisamente, essa codificação é conhecida por ser o 2º passo de um conjunto de técnicas da Análise de Conteúdo apresentada por Laurence Bardin (2016).

Segundo a autora, “qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor, controlado ou não por este, poderia ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo.” (BARDIN,1977, p.32). Nesse sentido, como as perguntas abertas do questionário mostraram muito conteúdo, detalhes e informações bastante subjetivas, adotei esse procedimento metodológico para organizar as informações que nossos respondentes nos propiciaram⁸.

3.2 COMPREENDENDO OS PROCESSOS DE SOCIABILIDADE E AS PRÁTICAS DAS JUVENTUDES DA REGIÃO

As grelhas abordadas nesta seção foram elaboradas para organizar questões temáticas de acordo com os eixos em que a pesquisa se configura (escola, bairro, sociabilidades e juventudes) e as categorias de cada eixo que o questionário buscou compreender, sendo eles: Experiências com Colégio Estadual; Laços com a Região; Lugares que frequenta ou frequentava na região; Atividade que realiza; e Experiências na pandemia. Ao passo que busco descrever e analisar esses dados obtidos em questionário, também trago as falas das entrevistas e até as observações etnográficas importantes. Portanto, posso dizer que realizei uma análise de dados mista nessa pesquisa.

3.2.1 Experiências Juvenis Com O Colégio Estadual

A primeira grelha (GRELHA 1) traz como eixo as experiências com o Colégio. Elegemos a relação com a Escola Estadual do bairro, porque uma das hipóteses dessa pesquisa é a de que o Colégio Estadual da região é um importante ponto na construção e manutenção das sociabilidades dos jovens. Por isso, queria descobrir se jovens que não estudaram nesse Colégio tiveram dificuldade em formar vínculos sociais ou não. Dentro desse eixo, consideramos quatro perguntas do

⁸ Os nomes usados das grelhas são nome que os participantes escolheram para serem identificados na pesquisa, sendo os próprios nomes ou nomes criados por eles. Por esse motivo, trouxe esses nomes para as grelhas para identificar as respostas de cada um nesse momento de defesa. Porém, ainda não decidi se levarei esses nomes para o texto final para publicação.

questionário: se estudou no Colégio Estadual localizado na região; se fez amizades no bairro ou na região, através dessa escola, o que fazia ou faz antes ou depois das aulas; e se teve dificuldade em criar vínculos sociais e de amizades na região por não ter estudado na escola.

QUADRO 5: GRELHA 1 - EIXO EXPÉRIÊNCIAS COM O COLÉGIO

EIXO: EXPÉRIÊNCIAS COM O COLÉGIO				
PARTICIPANTES	UR: ESTUDOU NO COLÉGIO EST.DA REGIÃO?	UR: FEZ AMIZADES NO BAIRRO OU NA REGIÃO, ATRAVÉS DA DESSA ESCOLA?	UR: O QUE FAZIA OU FAZ ANTES OU DEPOIS DAS AULAS COM AMIGOS OU AMIGAS?	UR: (condicional)SE TEVE DIFICULDADE EM CRIAR VÍNCULOS SOCIAIS E DE AMIZADES NA REGIÃO POR NÃO TER ESTUDADO NA ESCOLA.
Elizandra	Sim	Sim	Conversar e comer	
Gielli	Sim	Sim	Conversar	Sim
Rafael	Sim	Sim	Jogar	Não
Douglas	Sim	Sim	Tomava tubaína	Não
Alessandra	Sim	Sim	Sem resposta	
Sônia Meurer	Sim	Sim	Conversava a respeito de livros, filmes e músicas	
Milena Silva	Sim	Sim	Comer pastel na feira, comer algo na padaria, ficar na pracinha ao lado, fica no campo ao lado	
Breno Henrique da Costa Souza	Sim	Sim	Sair pra comer ou andar de bicicleta.	
Fábio	Sim	Sim	No fundamental íamos na praça ao lado da igreja, do médio para cima depois das aulas costumávamos nos encontrar na casa de algum amigo ou para conversar, assistir série, socializar no geral.	
João Vito rGiaretta, JV	Sim	Sim	Conversa	Não
Thiago	Sim	Sim	Jogar no	

			computador	
Junior Munhoz	Sim	Sim	Ir na casa um dos outros para conversar e jogar jogos em geral. Ir em lanchonetes da vila para conversar.	
Gabriel Henrique Inácio Venturin	Não	Sim	Sair pra conversar	
Tainá	Sim	Sim	Jogar truco no ônibus	Não
Diogão	Sim	Sim	CONVERSAR	Não
Karen Furtado	Sim	Sim	Se reunir para assistir filmes ou fazer algo ao ar livre	
Maria Eduarda Brandes da Silva	Sim	Sim	Fazemos nosso deveres através das ligações de WhatsApp	Não
Amanda	Sim	Sim	Se reunir	Não
Tatiane Correa	Sim	Sim	Tomar coca cola e conversar	Não
Leticia Nhan de Almeida Araújo	Sim	Não	Ir e voltar juntos	Um pouco
Vitória Costa Tochi	Sim	Sim	Conversávamos, comíamos ou quando tinha prova revisava matéria bem rápido.	
Mariana Mota	Sim	Sim	Comer pastel, conversar, ir almoçar na casa do outro	
Luiz Antônio Pedro Junior	Sim	Sim	Tomar coca cola, fumar um cigarro, planejar algum rolê, ir na Magic Lan House no Mister Thomas, tocar um violão junto com a galera, tocar com a banda	
Daniela Ortiz	Sim	Sim	Ir para casa pois trabalhávamos	Não
Anna Beatriz	Sim	Sim	Nada	
Ingrid	Sim	Sim	Tomar coca na padaria	Não
Heloisa	Sim	Sim	sempre saímos pra comer ou na casa de alguém.	

Giovanna	Sim	Sim	Conversar	
Giovanna	Sim	Sim	Eu volto pra casa pois tenho obrigações, meus amigos(a) alguns trabalham como menor aprendiz e outros ajudam em casa assim como eu.	
Fernanda Santana	Sim	Sim	Comer chips e pastelnas quintas	Não
Shirley	Sim	Sim	Ficar na praça	Sim
Filipe	Sim	Sim	Jogava bola, jogava videogame, anda vade bike	
Renata	Sim		Nada kk, cada um para sua casa.	

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região GlebaLindoia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora.

Podemos observar que a grande maioria dos participantes estudou neste Colégio Estadual e que também fez amizades através dessa escola. Apenas um participante Gabriel Henrique⁹, disse não ter escutado nesta escola. Porém, o mesmo não respondeu se teve ou não dificuldade em criar vínculos sociais e de amizades na região por não ter estudado nesta instituição.

Interessante observar que alguns jovens que estudaram nesse Colégio, ao serem questionados sobre “Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?” – pergunta que foi sinalizada que era condicionada apenas aos que não estudaram no Colégio – responderam que “Sim”, dando a entender que tiveram dificuldades de criar vínculos com a região mesmo criando amizades através da escola. Talvez por conta do controle exercido pela escola, que esses jovens que responderam que mesmo criando amizades através da escola, ainda tiveram dificuldades de construir esses vínculos com essas amizades. Pois, os mesmos ao serem perguntados sobre o que fazem/faziam depois ou antes das aulas, foram bem sucintos em suas respostas, diferente de outros respondentes que detalharam melhor suas experiências

⁹ Relembrando que esse foi o nome que o jovem escolheu para ser chamado na pesquisa.

nessa questão. Porém, a maioria que estudou no Colégio Estadual não disse ter tido dificuldade de construir vínculos.

Bem, comecemos do começo. Nessa pesquisa, mesmo buscando compreender as formas que esses jovens constituíram suas sociabilidades e como as desenvolvem na região, ainda temos que lembrar que a escola é uma instituição social. Buscando entender a experiência juvenil escolar contemporânea, Alexandre Barbosa Pereira (2016) a considera um aparato tecnológico, um dispositivo¹⁰, que organiza espacialmente as relações sociais, a disciplina e insere a escrita.

A presente pesquisa agora não tem a intenção principal de problematizar a instituição escolar ou a educação separadamente. Aqui pretendo interagir com a escola no intuito de se compreender os vínculos de sociabilidades das e entre as juventudes constituídas na região, como fora apresentado nas hipóteses.

Mas, discorrendo sobre o assunto, podemos dizer que entendemos a escola como um ambiente sociocultural. Segundo Dayrell (1996), a escola também pode ser concebida como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão, isso significa dizer que ela ao mesmo tempo que é marcada por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos, também se põe “uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos.” (DAYRELL. 1996, p.02).

Pereira (2016) nos fala sobre como as sociabilidades são construídas dentro da instituição escolar, mostrando que essas experiências escolares são múltiplas, contextuais e multifacetadas. Segundo o autor (2016), dentro dos espaços escolares, os pátios, as cantinas e as quadras esportivas são espaços onde as sociabilidades dos jovens se dão de formas mais prazerosas na escola. Nesses espaços encontram amigos e não são tão controlados pelas dinâmicas de disciplina.

Nesse sentido, podemos compreender que a maneira que esses jovens se apropriam e constroem seus vínculos de sociabilidade através da escola, também está marcada pelos controles exercidos pelo corpo administrativo, professores e funcionários. A instituição escolar, muitas vezes, se “fecha à vida externa e ao cotidiano, impedindo qualquer forma de diálogo com quem deveria ser o principal

¹⁰ Aqui entendido como o conceito de Foucault em *Microfísica do Poder*.

motivo de sua existência: os estudantes. Assim, ao negar o mundo dos jovens, a escola nega a si mesma.” (PEREIRA, 2016, p.129). Tudo isso dá forma à vida escolar.

É perceptível que esses jovens dão um significado às suas experiências com a escola, para além da sua importância institucional e curricular e a ligam às suas experiências sociais de construção de vínculos. Sposito (1994), ao trazer a questão de sociabilidade juvenil em relação ao espaço escolar, reconhece que os ex-alunos de uma escola na periferia de São Paulo e membros de grupos de RAP não encontram na escola reais possibilidades de assimilação do conhecimento e não constroem expectativas de ascensão profissional mediante a escolaridade. Mas, esses se apropriam de outras formas desse espaço, ao utilizarem o espaço escolar para realização de apresentações, debates, etc. Sobre escola e rua, a autora (1994) propunha que;

A eficácia dessa interação é variada, submetida, em grande parte, às orientações de diretores que ainda detêm o poder de controle do uso do espaço escolar. Não obstante as descontinuidades existentes e as dificuldades no estabelecimento dessa interlocução, o horizonte que se abre é ao menos promissor de uma nova forma de interação do universo escolar com a cultura e as práticas jovens que nascem na rua. (SPOSITO, 1994, p. 175).

Nesse sentido, dando continuidade à questão sobre o que fazem/faziam depois ou antes das aulas com seus amigos e amigas, a maioria das respostas foi: conversar; ficar na praça; comer pastel na feira nas quintas-feiras (feira que ocorre todas as quintas-feiras na rua acima de onde se localiza o Colégio Estadual).

Dayrell, (2007) ao buscar compreender as relações das juventudes contemporâneas com a escola, ressalta que a tendência das sociabilidades das juventudes, populares no caso de sua pesquisa, é de “ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade.” (DAYRELL, 2007, p.111). ver aspas. É o que também podemos encontrar nas respostas obtidas no questionário.

3.2.2 Laços Com e Na Região

A segunda grelha traz como eixo os laços com a região. Pensamos em explorar este eixo, porque o objetivo principal dessa pesquisa é registrar as percepções dos jovens moradores da Região Gleba Lindóia de Londrina, pela observação das suas diferentes práticas e experiências de sociabilidades. Esse objetivo estava ligado com a hipótese de que esses transitam ou transitaram em experiências culturais e de sociabilidades únicas construídas dentro desse pedaço da periferia do município. Portanto, precisaríamos compreender quais seus laços com a região. Dentro desse eixo, consideramos três perguntas do questionário: se nasceu na região ou quando veio morar nela; se tem familiares que moram na região; e como construiu seus relacionamentos na região.

QUADRO 6: GRELHA 2 - LAÇOS COM A REGIÃO

EIXO: LAÇOS COM A/NA REGIÃO			
PARTICIPANTES	UR: NASCEU NA REGIÃO OU QUANDO VEIO MORAR NELA	UR: SE TEM FAMILIARES QUE MORAM NA REGIÃO	UR: COMO CONSTRUIU SEUS RELACIONAMENTOS NA REGIÃO
Elizandra	Nasci e cresci	Sim, tios, avós e primos	Através da escola e amigos em comum
Gielli	Nasci nessa região	2 tios	sem resposta
Rafael	2008	Mae	Conhecendo o pessoal da rua
Douglas	2005	Tias e primas	Bem
Alessandra	Nasci na região	Avós, tias, primos	Na escola
Sônia Meurer	Nasci e morei até os 22 anos	Tios e primos	Através da escola e da igreja
Milena Silva	Em 2008 em uma mudança do estado de SP para o PR	País e irmãos, na Vila Romana	Principalmente por meio do colégio e por brincarna rua com as crianças.
Breno Henrique da Costa Souza	Nasci nela	Avós e tios(as) e primos(as)	sem resposta
Fábio	Nasci e cresci aqui	Primas	Através de sociais na casa dos amigos
João Vitor Giaretta, JV	Sim	Não	Sim
Thiago	Quando nasci meus pais já moravam em Londrina	Praticamente toda minha família mora em Londrina	sem resposta

Junior Munhoz	Nasci e cresci nela.	Pais, tias /os, primas/os.	De uma forma bem natural, boa parte surgindo a partir do Colégio Carlos de Almeida e da Escola Pedro Vergara
Gabriel Henrique Inácio Venturin	Desde que nasci	A família toda	Através do Colégio
Tainá	Com 1 ano de idade e moro aqui até hoje	Minha família que mora comigo apenas	Por conta da minha mãe ser professora e meu irmão ser conhecido
Diogão	Nasci nela	Toda a família	Nunca pensei sobre
Karen Furtado	Nasci e cresci aqui	Tenho primos /as, tios/tias e avó do lado paterno	Através da convivência aqui na minha rua, igreja, colégio e redes sociais
Maria Eduarda Brandes da Silva	Apenas cresci nela	Não	Através do Colégio
Amanda	Nasci e cresci nela	Primas e avó	Pelo colégio
Tatiane Correa	Nasci e cresci na região	Sim, avó materna, tios e primos maternos e paternos	Na escola
Leticia Nhan de Almeida Araújo	Em 2014, não nascimas cresci aqui	Não	Por meio da escola
Vitória Costa Tochi	Eu nasci aqui, e estou aqui desde sempre.	Sim, meus tios e avós.	A maioria vem de laços construídos no colégio, etambém na Epesmel.
Mariana Mota	Vim morar quando tinha 4 anos	Na região de Londrina, mas não nos bairros perto tenho meu irmão e cunhada	Estudei com a maioria das pessoas que tenho amizade

Luiz Antônio Pedro Junior	Nascido e Criado aqui	Tias, tios, primos	A base de coca-cola, muitas risadas, matar aula, dormir na sala de aula, e participar de vários rolês e grupos de pessoas diferentes
Daniela Ortiz	Vim para cá em 2011	Meus tios, conj eucaliptos	Convívio na salas de aula
Anna Beatriz	Nasci no Lindóia	Sim, tenho 1 tio (Lindóia), 2 tias (Lindoia), 1 primo (Lindóia), 2 primo (Vila Isabel) e meus avós por parte depai (Lindóia) e 1 tio,1 primo e minha vó (no Eucaliptos) por parte de mãe	Através do Colégio (Carlos de Almeida)
Ingrid	2010, não	Sim, tio, tia e primas	Colégio, ônibus escolar, igreja
Heloisa	desde que nasci	sim, avós, tias, tios,primos.	pela rede de amigos, todo mundo conhece todomundo.
Giovanna	Nasci e cresci nela.	Sim, avó, tias, tios,primo.	Por meio da escola.
Giovanna	Nasci e cresci poraqui.	Parentes por consideração, tios eavó.	A maioria conheci no projeto Instituto Adama,outros na escola hikoma e são esses que tenho levado pra vida.
Fernanda Santana	Sim	Tios, avós, primos,cunhado	Através da escola
Shirley	Em 1973	Pai, mãe, filho, primos, irmã,cunhado, sobrinha	Estudando juntos ou participando da igreja
Filipe	Nasci e cresci aqui	Meus dois avós, tenho tia e tios e diversos primos	Muito por conta dos laços do colégio, as amizadescontinuaram
Renata	nasci e cresci	sim, uma tia.	sem resposta

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região GlebaLindoia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora.

Inicialmente, podemos constatar que além das sociabilidades criadas através dos vínculos escolares, existe uma importante questão em torno das sociabilidades construídas através da família. Para além disso, quando narram como construíram seus vínculos afetivos, citam em peso a escola e em seguida a rua, a igreja. Frases como “todo mundo conhecendo todo mundo” e “de forma bem natural” nos ajudam a compreender uma dinâmica bastante agrupada da região: todo mundo conhece todo mundo.

Podemos ver também que apareceram a Epesmel e a Adamá como representantes dessa construção, citadas como importantes instituições que geram empregos para menores aprendizes na região. Ao falarmos sobre a construção de vínculos de sociabilidades de jovens em regiões periféricas, como a Gleba Lindoia em Londrina, temos que levar em consideração que para as juventudes os laços com os familiares tendem a repartir espaço com outras instituições, pois sabemos que as esferas de socialização do mundo do trabalho agora, além da escola, acabam por ocupar lugar de maneira bem rápida na vida dessas juventudes. (SPOSITO, 1994).

Na juventude, os laços com a família tendem a se tornar mais difusos ao lado de uma inserção mais forte em outras instituições que pode, muitas vezes, repercutir no próprio padrão socializador desenvolvido pelo grupo familiar de origem. Dentre as agências privilegiadas nesta fase da socialização secundária estaria a escola, encarregada de transmitir os valores sociais mais amplos e de preparar para a divisão social do trabalho. (SPOSITO, 1994, p.164).

A grande maioria dos jovens retrata que nasceu e cresceu na Região Gleba Lindóia. Além disso, podemos observar também que muitos deles têm tios, avós, primos, irmão, entre outros parentes na mesma região que moram neste local. Em entrevista, Filipe retrata que;

A maioria dos meus amigos são todos do colégio. A gente cresceu junto, estudou no Carlos de Almeida, alguns do Hikoma também, e alguns da igreja também, mas a maioria são tudo do colégio. (FILIPE, 20 anos).

A escola foi importante para que ele criasse vínculos de amizade. Embora enfatize a escola nesse processo, a igreja também não passou despercebida. Já Ingrid relata que cultiva amizades do Colégio há mais de 10 anos;

Todos os amigos que eu tenho ou foi pelo colégio, ou de amigos apresentando. Teve um tempo que eu andei no ônibus rural do colégio, que eu conheci bastante amigo pelo ônibus do colégio. É ... alguns amigos eu tenho até hoje, já faz mais de 10 anos. (INGRID, 20 anos).

Isso não descarta a possibilidade desses jovens terem criado amizades para além do bairro e da escola. Porém, nos ajuda a entender esse processo de sociabilidades gerais e específicas que ocorrem na região.

3.2.3 Experiências Juvenis Com Lugares e Atividades

As grelhas 3 e 4 são bastante próximas em relação às respostas. Por isso, as trouxe juntas nesse tópico para que possamos observá-las mais de perto. A terceira grelha traz como eixo lugares que frequenta ou frequentava na região. Pensamos em explorar este eixo, principalmente para mapear os pontos de encontros mais recorrentes entre jovens da região Gleba Lindóia. Além disso, também buscamos compreender melhor como eles se relacionavam com os espaços urbanos e como construíam seus vínculos de sociabilidades nesses espaços.

Dentro desse eixo, consideramos três perguntas do questionário: lugares que frequenta com amigos da escola; que lugares são estes frequentados na região; que lugares frequenta para se entreter (com ou sem os amigos).

Já a quarta grelha traz como eixo atividades que desenvolve na região e fora dela. Pensamos em explorar este eixo, principalmente para compreender a categoria do lazer, para pensar o tempo livre relacionado aos cotidianos, como práticas desenvolvidas, geralmente, na própria casa, na comunidade ou nos arredores.

Dentro desse eixo, consideramos três perguntas do questionário: atividades que desenvolve na região; atividades que desenvolve nos finais de semana; atividades que desenvolve fora da região.

QUADRO 7: GRELHA 3 - LUGARES QUE FREQUENTA OU FREQUENTAVA

EIXO: LUGARES QUE FREQUENTA OU FREQUENTAVA			
PARTICIPANTES	UR: COM AMIGOS DA ESCOLA	UR: NA REGIÃO	UR: PARA SE ENTRETER
Elizandra	Sorveteria, lanchonetes, shopping	Sorveteria no Lindóia geralmente a tarde	Sorveteria
Gielli	casa de amigos		
Rafael	Jogava sinuca no romana	Casa de amgs	Tia Ju, pepsi
Douglas	Shopping	Sorveteria do mestre	Pubs
Alessandra	sorveteria, shopping	natuice sorvetes e açai	
Sônia Meurer	Cinema, shopping	Frequentava 88 supermercado, Padaria Cristo Rei, Bazar da Rose, Sorveteria do Mestre, principalmente o horário da tarde	Atualmente não moro mais no bairro
Milena Silva	Lanchonetes, pr óprias residências, festas	Rafão Lanches, pastelaria, Pepsi. Sempre a noite	Pepsi e lanchonetes
Breno Henrique da Costa Souza	Shopping, cinema etc.	Sorveteria, Pepsi e praças no fim de tarde.	Pepsi, praças e sorveteria.
Fábio	Café com propósito, vitrola, centro de Londrina, Miejan, igapó, shoppings no geral, a Pepsi.	Sorveteria do mestre, Pepsi e Divinos lanche.	Somente a Pepsi
João Vitor Giaretta, JV	Não sei	Igreja 19h30 a 20h30	Igreja
Thiago	Na minha casa	Minha casa. Por volta das 19h horas	Praça em baixo da paróquia Cristo Bom Pastor
Junior Munhoz	Nossas casas, padarias e lanchonetes do bairro	Antes da pandemia costumava frequentar a padaria da rua centenário do sul nos sábados durante o dia.	Lanchonete e padarias
Gabriel Henrique Inácio Venturin	Lanchonetes e Padarias	Vou a casa de amigos.	Ir a Praça
Tainá	A casa deles	Geralmente quando saio vou para outras regiões da cidade	Supermercado
Diogão	Frente da casa do matheus :)	Casa do matheus, sábado todo	Supermercados.
Karen Furtado	As casas deles, Pepsi ouíamos para o shopping	Gramado do Três Figueiras, aos domingos à tarde e as vezes aos sábados à noite ando de bicicleta no Lindóia/Romana/Vila Isabel/Eucaliptos	Gramado do Três Figueiras, Pepsi, lanchonetes
Maria Eduarda Brandes da Silva	Shopping		igrejas, supermercados, lanchonetes.
Amanda	Casa de amigos	Pepsi, campinho	Lanchonetes
Tatiane Correa	Cyber Magic	Divinos dog período noturno e sorveteria do mestre período vespertino	Sorveteria do mestre

Leticia Nhan de Almeida Araújo	Não saia muito	Não saio	Supermercados
Vitória Costa Tochi	Geralmente não saíamos muito juntos, mas o lugar mais comum era o cinema, as vezes íamos à padaria comer e tomar refrigerante.	Geralmente a PEPSI é um ponto de encontro, o Gramado no final do TrêsFigueiras, e em algumas casas aqui perto no Eucaliptos, Vila Romana, Alemanha e Lindóia.	Pepsi, 88, Gramado.
Mariana Mota	Gostamos de ir nas casas um dos outros, ou até mesmo shopping	sem resposta	Academia
Luiz Antônio Pedro Junior	Magic Lan House, pracinha do lado do Carlão, morro da quadra do Colégio, padaria pertoda CS presentes	-Academia Melburn (Lindóia) de segunda a sexta às 20:30, e sábado às 10:00; -Bar do Nilson (Zoca) esporadicamente após o expediente ou aos domingos após a feira; -Bar da Raquel (Zoca), só quando o Bar do Nilson tá fechado; -Bar do Wilson (Romana), só quando o Nilson e a Raquel tá fechado; -Bar do Gibi (Lindóia), só quando o Nilson, a Raquel e o Wilson tá fechado; -Bar da Eleninha (Gesualdo/mistão), essa é a última alternativa quando os outros buteco tá fechado. -Choperia da CS presentes (Lindóia), somente nos dias em que a academia tá lotada; -Divinos dogs (Lindóia), pra quando quero trocar uma ideia com o Saul, ou quando ajanta num tá com a cara muito boa; -Tia Jú (Lindóia), pra quando a galera se reúne e resolve comer pizza; -Pizzaria 2000 (Indusville), só quando a Tia Ju tá fechada.	Bar do Nilson
Daniela Ortiz	A feira depois da aula	Sorveteira no final da tarde	Pepsi e lanchonetes
Anna Beatriz	Não costumo sair muito		
Ingrid	Casa deles	Minha casa, noite	Supermercados
Heloisa	Bares e festas.	As vezes vou na igreja só, que fica na região, no mais, costumo ir pra outros lugares.	igreja e mercado.

Giovanna	Praça, shopping, sorveteria, etc.	Durante a semana não saio.	Pepsi e praças.
Giovanna	Frequentamos a casa uma das outras, em pouca frequência.	Não costumo sair.	Muito raro mas frequento a Pepsi e as vezes levo as crianças num parquinho próximo a minha casa.
Fernanda Santana	Casa dos amigos	Jokers, divinos	Praça
Shirley	Lanchonetes, barzinhos	Igreja Indusville, lanchonetes, tipo Divinos, Quintal, Rafão, a noite	Igreja, Pepsi, e lanchonetes
Filipe	la geralmente na casadeles ou eles iam na minha	SEM RESPOSTA	Atualmente pela pandemia não estou saindo muito
Renata		igreja aos fins de semana	igreja e praça

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindoia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora.

QUADRO 8: GRELHA 4 - ATIVIDADES QUE DESENVOLVE

EIXO: ATIVIDADES QUE DESENVOLVE			
PARTICIPANTES	UR: QUE DESENVOLVENA REGIÃO	UR: NOS FINAIS DESEMANA	UR:FORA DA REGIÃO
Elizandra	Ir na casa de amigos e assistir filmes	Assisto séries e doramas	Sair para comer
Gielli	Ir na casa de amigos	Assisto filmes e saio	Cinema, restaurantes, bares, shoppings
Rafael	Sair pra beber com amgs	Bebo com os amgs	Ir a pubs
Douglas	Esportes e igreja	Bebo	Beber e comer
Alessandra	ir na casa dos amigos	sem resposta	sem resposta
Sônia Meurer	Ir à igreja, ir na sorveteria	Vou ao mercado e shopping	Shopping Boulevard, Zerão
Milena Silva	Ir na casa de amigos, comerem lanchonetes	Saio com amigos e assisto netflix	Ir ao centro da cidade, baladas noturnas, festas universitárias, áreas de lazer aberto
Breno Henrique da Costa Souza	Ir à igreja, ir na casa de amigos, ver filmes etc.	Ir à igreja	Ir no igapó, shopping ou irno centro.
Fábio	Social com os amigos (antes da pandemia)	Durmo, desenho, assisto série, leio, estudo	Shoppings e praças
João Vitor Giaretta, JV	Igreja, casa de amigos	Jogo	
Thiago	Beber com os amigos	Normalmente nada	Zerão

Junior Munhoz	Ir na casa dos amigos e assistir filmes.	Vou na casa dos amigos, faço compras no supermercado, jogo jogos e assistia séries em casa.	Gosto de correr no lago eno zirão
Gabriel Henrique Inácio Venturin	Sair para beber, Sair para dançar, Igreja, FIlmes, Etc...	Ficar em Casa ou ir emBares	Bares, Casas Noturnas.
Tainá	Nenhuma	Vou para a casa das minhas amigas	Pistas de skate
Diogão	Correr, somente	Durmo, corro e estudo	Jardim Botanico.
Karen Furtado	Das opções a cima eu só não vou à igreja	Limpo a casa e saio pra andar de bicicleta	Barzinhos, zirão, igapó eBoulevard
Maria Eduarda Brandes da Silva	Ir à igreja , assistir filmes	Vou a igreja	Ler
Amanda	Ir na casa de amigos	Visito amigos	Restaurante e shopping
Tatiane Correa	Ir a casa de amigos e supermercado	Descanso, vejo filmes eleio livros	Tomar açaí e conhecer hamburguerias
Leticia Nhan de Almeida Araújo	Ir na casa de amigos	Fico em casa	Não tenho
Vitória Costa Tochi	Faço a maioria das atividades acima tudo na região, principalmente ir na casa dos amigos, nos bairros citados na pergunta acima.	Fico em casa ou vou pra casa de amigos jogar truco, ou ver filmes e ouvir música.	Gosto muito de ir no cinema do Royal, no Zirão, no Burger King e no Calçadão.
Mariana Mota	Vou para academia	Descanso	Vou ao shopping
Luiz Antônio PedroJunior	Praticar esportes, ir na casa de amigos, sair pra beber com amigos, assistir Cobra Kay com os amigos, andar de moto com os amigos, sair prabeber com os amigos	Sair pra beber com osamigos	Sair pra beber com osamigos
Daniela Ortiz	Ir para a igreja	Passar um tempo com afamília	Fotógrafar no centro
Anna Beatriz	Mercado, sorveteria, lanche	sem resposta	Shopping
Ingrid	Assistir filmes	Assisto e durmo	Shopping, ir na casa de amigos
Heloisa	ir a igreja, comer algo, beber com os amigos.	Fico em casa ou saio pra beber e conversar	ir em barzinho ou restaurantes
Giovanna	Praticar esportes.	Fico em casa assisto filmes e as vezes saio em família.	Ir para o centro e etc.
Giovanna	Vou na igreja porém não é aqui na região, visito a casa de alguns amigos (a).	Fico em casa.	Festividades na Igreja, shopping, mas costumamosficar em casa na maioria das vezes.

Fernanda Santana	Sair pra beber com os amigos, assistir filmes	Saio com meu namorado	Shopping
Shirley	Ir a Igreja, lanchonetes, casa de amigos, caminhar na antiga Pepsi	Igreja, casa da família ou amigos	Barzinho e shopping
Filipe	Vou no casa dos amigos, beber fumar nargs e jogar play	Fico com a namorada geralmente	Saio para comer lanche, shopping, cinema
Renata	igreja/ casa de amigos	vou a igreja e fico com a família	casa de amigos/ shopping...

Os lugares que os jovens frequentavam tanto com amigos da escola, quanto para entreterimento fora dessa instituição, estão para além da região em si. Por mais que muitas respostas incluam a região Gleba Lindóia, podemos ver que estes não se limitam a vivenciar relações de lazer apenas dentro dessa, pois dizem sair também para outros lugares da cidade como *shoppings* e cinemas.

Em relação aos lugares que frequentavam na região Gleba Lindóia, como supermercados, lanchonetes, sorveterias, bares, praças, igreja e a Pepsi, aparecem nas respostas. Muitos deles costumam desenvolver essas ações com amigos, outros dizem apenas que vão às casas de amigos.

Sobre a construção de vínculos de sociabilidades, aqui podemos entender que na Região Gleba Lindóia as juventudes não são homogêneas. Porém, a dinâmica que esses jovens criam com a região constrói alguns padrões, relacionados aos lugares que frequentam e as atividades que desenvolvem, tanto fora quanto dentro da região. Observamos que perfis muito diferentes retratam atividades e lugares que frequentam muito parecidos. Por mais diversos que sejam, a dinâmica da região os une de certa forma.

Karen, ao descrever seu final de semana, retratou que:

Bom, aos finais de semana eu costumo sair com as minhas amigas para andar de bicicleta ou fazer algo ao ar livre, normalmente a noite nós fazemos um trajeto e andamos no Romana, Eucaliptos e Lindóia e às vezes aos domingos nós vamos em um gramado no Três Figueiras para passar a tarde. Durante a semana eu passeio com as minhas cachorras aqui na praça e no campo do Lindóia. Quando faço algo diferente é mais voltado para comida, então, ou eu como lanche aqui no Lindóia mesmo ou tomo sorvete (normalmente com a minha irmã ou minhas amigas). Acho que é isso, não costumo sair muito de casa, principalmente agora com a questão da pandemia. (Karen, 20 anos).

Karen demonstrou preocupação em relação à pandemia em sua fala. Porém, podemos perceber que a região é bastante utilizada por ela em relação às suas atividades de lazer. Além disso, cita sempre amigas e irmã que também são da região.

Já, Ingrid nos fala que por mais que saísse até para fora da região, essa sempre estava acompanhada de amigos da escola ou da igreja no bairro:

Dia de final de semana a gente saia sim, é...eu saia aqui no bairro mesmo ou a gente ia numa pracinha e ficava conversando. Ia comer lanche aqui no bairro mesmo e algumas vezes a gente ia no shopping, jogava boliche, saia para comer...ia no cinema. Era tudo amigo do colégio mesmo, ou da igreja. Os amigos da igreja eram os mesmos que ia no ônibus comigo e que iam na escola. (Ingrid, 21 anos).

Para falar de sociabilidades, gostaria de me ater primeiramente às reflexões de Simmel (1983). Sabemos que a sociabilidade é o objeto da Sociologia para Simmel (1983). Dentro dela está o conflito, que é uma das principais condições para a mudança social e para a própria sociabilidade. Nesse aspecto, a sociabilidade é lugar onde se pertence, se é acolhido.

Para o autor (1983), ela não consegue ser desenvolvida onde pessoas são muito diferentes. É fato que os jovens da pesquisa apresentam perfis muito diferentes. Porém, ao compartilharem as dinâmicas e as experiências de sociabilidades no bairro, assim como ao frequentarem os mesmos lugares ou lugares um tanto semelhantes, demonstram que a sociabilidade aqui se torna fluída. Ela é a forma mais pura e autônoma de sociabilidade e interação (SIMMEL, 1983).

Sobre essa relação que constroem com a região, lembra-nos o sentimento de pertencimento que a sociabilidade carrega, assim como a noção de pedaço, defendida por Magnani (2010), que nos dá uma boa visão do que estou falando. Tal categoria é compreendida por ele como:

[...] espaço de sociabilidade entre os bairros de uma periferia, esse não possui a proximidade ou intimidade do mundo da casa, mas também não reflete o anonimato das ruas, mesmo sendo público e de passagem (MAGNANI, 2010, p.17).

Significa entendê-lo como um lugar social e cultural, onde se estabelece uma rede de relações, laços de parentescos, vizinhanças e procedências. A partir disso, quem é do pedaço se sente protegido dentro dele, por conta dessas

características. Se apropriando desta categoria usada por Magnani, na obra “Um rolê pela cidade de riscos: leituras da pichação em São Paulo” (2018), Pereira trata o pedaço dentro da configuração da sua pesquisa, da seguinte forma;

[...] uma unidade identificada no qual existem linhas imaginárias que traçam fronteiras, construídas nos mapas políticos e na vida cotidiana dos moradores, linhas instáveis e flexíveis, pois essas além de delimitar territórios delimitam também relações, crenças, valores e memórias. (PEREIRA, 2018, p. 77-78).

Além disso, ao falarmos sobre a construção de vínculos de sociabilidades de jovens em regiões periféricas, como a Gleba Lindoia em Londrina, como já dissemos, temos que levar em consideração que nas juventudes os laços com os familiares tendem a repartir espaço com outras instituições, pois sabemos que as esferas de socialização do mundo do trabalho agora, além da escola, acabam por ocupar lugar de maneira bem rápida na vida dessas juventudes (SPOSITO, 1994).

Nesse aspecto, vemos que as sociabilidades aqui estão também para além da região em si. No entanto, por mais que estejam circulando em outras áreas da cidade, este carrega consigo amigos do bairro, da escola ou da igreja que conheceram na região. Por isso, a relevância de refletir acerca da relevância dessas experiências socioculturais para as memórias das juventudes da região.

4 EXPERIÊNCIAS JUVENIS DURANTE A PANDEMIA

Posso dizer que passei por momentos diversos em relação à pandemia no contexto da região. Nesse sentido, observei que lá em março de 2020, no início da pandemia da Covid-19, tivemos o que eu chamei de susto. A maioria das pessoas ficou, pelo menos até junho de 2020, sem fazer sair muito de casa. De onde meu campo partia? Da varanda de casa, acompanhava algumas sociabilidades a partir dessas relações do dia a dia.

Depois passamos pela flexibilização. Após julho de 2020, as coisas começaram a tomar outros rumos. Aí percebi que precisava alterar a minha maneira de ir a campo. Foi quando comecei, então, a pensar em uma estratégia que não me colocasse em risco e não colocasse em risco as vidas de outras pessoas que participariam da pesquisa.

Ao fazer observações no final de ano de 2020, pude notar que a dinâmica do bairro não mudou em si. As rotinas apenas se tornaram mais intensas do que normalmente eram. Tive dificuldades em observar jovens de fato em lugares específicos durante o dia. Durante a noite o movimento que me chamou a atenção. carros passando com som alto todas as noites na rua onde moro.

Mas, algumas coisas se alteraram. No entanto, mesmo com a pandemia encrudescendo e o número de mortos aumentando, nos dias que antecediam o Natal e o Ano Novo de 2020, o Supermercado 88, por exemplo, e outros lugares da região, como açougues e mercearias se encontravam lotados. Um movimento muito grande de carros nas ruas da região, principalmente na Avenida das Maritacas.

Porém, na véspera de Natal e do Ano Novo daquele mesmo ano, em específico, me surpreendeu uma tranquilidade e um silêncio que não esperava encontrar na região. Por ser moradora do bairro, observava que era um costume importante, há muito tempo, que famílias, crianças e jovens ficassem nas ruas e nas calçadas conversando até altas horas da noite nessas datas festivas. As pessoas iam nas casas umas das outras visitar, passavam de carro nas casas dos outros, davam voltas no bairro ou saíam a pé para cumprimentarem amigos. No Ano Novo, em específico, durante a queima de fogos, os vizinhos costumam se reunir nas calçadas para assistir aos fogos. Tanto os fogos que davam para serem vistos lá do centro, quanto os fogos que os moradores da região costumam soltar.

Nesse mesmo final de ano de 2020, observei que além de não ter quase

queima de fogos na região, a dinâmica de vizinhos se encontrarem nas calçadas, conversarem e passarem de carro desejando Feliz Ano Novo não ocorreu. Alguns se aglomeraram nos supermercados. Outros parecem ter viajado ou se reservado em casa nas datas festivas daquele final de ano. Tudo se transformou num longo silêncio.

A questão da ausência da queima de fogos talvez também tenha ocorrido por conta de Decreto Municipal em Londrina, que proibiu desde 2018 a queima de fogos por causar barulho forte ou estampido devido a explosão¹¹. Mas, levando em consideração minha vivência como moradora, em 2018 e em 2019, mesmo com esta proibição municipal, foram muitos fogos soltos no bairro. Por isso, é de se imaginar que talvez o que levou os moradores a não soltarem fogos e não saírem tanto para fora de suas casas nesse momento não foi de fato esta lei. O clima de final de ano, vivido numa pandemia e com tantas perdas de entes queridos, somado à experiência do isolamento social, em certa medida, cooperou para algumas quebras de vínculos sociais e mudanças nas relações de sociabilidade.

Em breve observação, não etnográfica, apenas comparando com as festas de final de ano em 2021, posso dizer que em 2021 o movimento foi mais acentuado. As pessoas agora já vacinadas demonstraram que estavam mais a vontade para viajar ou receberem familiares, muito dos meus vizinhos e até a minha família receberam familiares em casa, ou foram até outras casas.

A quinta grelha traz como eixo experiências na pandemia. Esse eixo foi adicionado à pesquisa de forma a tentar compreender como as dinâmicas de sociabilidades se alteraram durante esse novo contexto, pois queria traçar melhor as atividades das juventudes durante o período pandêmico, levando em consideração que tal experiência social impactou significativamente as vidas de todos nós.

Dentro desse eixo, consideramos quatro perguntas do questionário: o que fazia antes da pandemia e não faz mais; o que não fazia antes da pandemia e agora faz; dificuldades trazidas pela pandemia da Covid-19 para você e seu grupo familiar; que lições você tem tirado desta pandemia.

¹¹ Essas informações recolhi em uma matéria na Folha de Londrina, de 28 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/sema-e-gm-recebem-denuncias-de-fogos-de-artificio-com-barulho-3041963e.html#:~:text=Em%20Londrina%2C%20desde%202018%20est%C3%A1,mil%20em%20caso%20de%20reincid%C3%Aancia.>

QUADRO 9: GRELHA 5 – EXPERIÊNCIAS NA PANDEMIA

EIXO: EXPERIÊNCIAS NA PANDEMIA				
PARTICIPANTES	UR: O QUE FAZIA ANTES DA PANDEMIA E NÃO FAZ MAIS	UR: O QUE NÃO FAZIA ANTES DA PANDEMIA E AGORA FAZ	UR: DIFICULDADES TRAZIDAS PELA PANDEMIA DA COVID-19 PARA VOCÊ E SEU GRUPO FAMILIAR	UR: QUE LIÇÕES VOCÊ TEM TIRADO DESTA PANDEMIA
Elizandra	Visitar amigos, conversar na rua	Jogos de celular, assistir muitos vídeos	Falta de visitas familiares e o distanciamento em si	O ser humano é capaz de coisas inimagináveis.
Gielli	SEM RESPOSTA	Ligar para amigos	Acesso aos lugares públicos (pessoas idosas mais tempo em casa com medo)	Lave as mãos, não importa quando ou onde.
Rafael	Saia pra beber	Conversas por vídeo	Pra mim arrumar clientes no estúdio	
Douglas	Nada	Nada	Confraternização	Não há amor na humanidade
Alessandra	Sem resposta	Sem resposta	problemas com a saúde mental	sem resposta
Sônia Meurer	Ir ao cinema	Não acrescentei nada a rotina	Não estou conseguindo visitar meus parentes, pois trabalho em local com grande contato com infectados ou possível, farmácia	A saúde é muito frágil, e as vezes temos que nos afastar de pessoas que amamos, para a segurança dos mesmos
Milena Silva	la na casa de amigos	Assistir séries e lives, ter mais acesso a redes sociais em horário comercial	Financeira e estabilidade emocional	Ter mais higiene durante e após estar em locais públicos, todos somos responsáveis de alguma maneira pela saúde do outro e precisamos ter mais empatia para não afetar o outro.
Breno Henrique da Costa Souza				
Fábio	Visitar os amigos	Retomei meu hábito de leitura, adquiri mais paciência para assistir vídeos, filmes e séries de longa duração	Creio que a maior dificuldade seja realmente a questão de ter que manter um distanciamento de pessoas com as quais costumávamos ter contato frequente,	Importância da família, a importância da arte como forma de lazer, seja ela música, filme, uma série... A importância da literatura, não só

			além da readaptação das atividades que eram feitas cotidianamente, ir ao mercado, igreja, eventos e similares.	fictícia mas também didática, já que estamos numa fase de adaptação do ensino remoto, a importância que tem essas pequenas coisas para mantermos a saúde mental! E acima de tudo isso, a importância de analisarmos a fundo as informações que chegam até nós através das redes sociais, creio que nunca houve um período com tanta disseminação de falsas notícias como estamos tendo nesses últimos anos! Enfim, valorizar pequenas coisas que as vezes na correria do dia a dia nem reparávamos, ou aptidão que tínhamos para algo e não sabíamos até acabar desenvolvendo em meio ao tédio do isolamento social.
João Vitor Giaretta, JV	Ir para escola	Lavar a casa	Saí	Nenhuma
Thiago	Acho que nada	Ouvir podcast	Por ser grupo de risco, meu pai não está podendo trabalhar e isso deixa ele estressado	Que doença mental deveria deixar de ser um tabu e ser melhor explicação para a população, para que essa possa ser tratada e não banalizada
Junior Munhoz	Rolês em grupo com os amigos.	Jogos online.	Medo e insegurança de se reunir com família e contagiar um próximo.	Que eu devo aproveitar mais minha convivência com as pessoas quando a pandemia acabar.
Gabriel Henrique Inácio Venturin	Sair com Amigos	Jogar mais no pc, ficar mais em casa	O crescente medo de doença	Que é muito difícil tirar um lado positivo dela.
Tainá	Treinava vôlei	Ir em bar	Ansiedade	Focar
Diogão	nada.	Continuou igual.	não mudou muito;	que as pessoas são egocêntricas e não compreendem que suas ações têm reflexos.

Karen Furtado	sair com os amigos com frequência, fazer alguma festa ou reunião	Assistir muitas séries/filmes, observar mais o céu e passar mais tempo com a minha mãe	Desemprego e crises psicológicas	Ter paciência
Maria Eduarda Brandes da Silva	Andar sem máscara na rua, poder ir ao cinema	Dança online	Não poder ter um contato físico	Ficar em casa e só sair em caso de emergência
Amanda	Ir no cinema		Isolamento	
Tatiane Correa	Visitar amigos	Vídeo chamadas	Ausência de trabalho da minha mãe que atua como diarista	Valorizar a família e a boa convivência família dentro de casa
Leticia Nhan de Almeida Araújo	Nada	Jogar no pc	Ficar em casa com muita gente	Aprender a me conhecer melhor
Vitória Costa Tochi	A maioria das coisas, pois não tem como .	Nas coisas online ficaram normais, a única mudança foram as aulas onlines .	Em questão de sair para o trabalho e ficar por muito tempo mesmo lugar	Que o isolamento total pode prejudicar a sua saúde mental, e como tudo a sua volta esta um caos .
Mariana Mota	Ir ao colégio	Academia e trabalhar em homeoffice	o medo, pois meu pai é motorista de ônibus	Apreendi muito a me conhecer melhor, me ouvir e entender que tudo tem seu tempo
Luiz Antônio Pedro Junior	Quermesse, com certeza é o que eu mais sinto falta, não tenho nem o que falar.	Ir no Bar do Nilson, por que o Bar do Zéquinha tá fechado desde o começo da pandemia	Minha mãe perdeu o emprego e fica o dia inteiro em casa, meu emprego virou home office e eu tbm fico o dia inteiro em casa, daí meu grupo família acha que eu tô na Disney fazendo nada o dia inteiro, e fica me pedindo pra fazer as coisas	Home office é muita bucha
Daniela Ortiz	Eu trabalhava pois agora perdi pra pandemia	Aula de inglês	Desemprego	Nada
Anna Beatriz	Or na casa de amigas e principalmente andarem sem máscara	sem resposta	Não poder ir para a escola e não poder mais entrar em	Que devemos valorizar mais os mínimos detalhes

			qualquer lugar (pois tenho uma irmã de 1 ano e por isso não saímos tanto É isso faz falta)	da vida como um abraço, um passeio com amigos e até mesmo ir para a escola kkkk
Ingrid	Festas		Aumento no preço de alimentos, falta de serviço	Me cuidar para cuidar da minha família
Heloisa	sem resposta	Ver shows, sair com os amigos.	ficamos mais distantes	valorizar o contato físico com as pessoas, valorizar poder sair e se divertir.
Giovanna	la viajar para o carnaval de algumas praias, churrasco com amigos, ir em chácaras, ir em shoppings, ir em festas e etc.	Praticar mais esportes, passar mais tempo na internet, fazer leituras.	Isolamento.	Gratidão a Deus pela nossa saúde.
Giovanna	Reunir-se com os amigos pra assistir filmes, fazer gincanas, passar as tardes conversando e comentando sobre temas atuais tudo sempre com supervisão de um responsável. Teatro (no Instituto Adama) não posso mais devido a idade.	Minha rotina ficou mais intensa com relação a afazeres domésticos e sempre com uma atenção redobrada nos meus dois irmãos mais novos.	Não poder se reunir com meus amigos e parentes, e as festividades da igreja.	Que tudo tem seu tempo. Sempre podemos melhorar. Falta amor e empatia nas pessoas.
Fernanda Santana	Nada	Nada	Não poder sair como antes	Que devemos valorizar cada segundo
Shirley	Visitar amigos	Jogar no celular e assistir mais séries	A preocupação por causa da idade dos meus pais	Que temos que nos cuidar, e cuidar dos outros sempre
Filipe	Saia para roles e ia comer lanche, saia bem mais frequentemente	Estudo online	A pandemia nos deixa muito isolado, nos tirando os prazeres de sair se divertir e outros diversos aspectos	A dar valor na vida, e valorizar aqueles que amamos
Renata	caminhar com os amigos, encontros em lanhonete...	reuniões online/ vídeos chamadas	SEM RESPOSTA	Que tudo é questão de tempo, e que devo viver ao máximo cada minuto com minha família

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindóia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora.

Analisar as complexidades vivenciadas pelas juventudes no Brasil atual,

abrange pensar nos espaços públicos e privados, nos espaços individuais e coletivos, nos símbolos, nos valores, nas microestruturas e na construção de uma identidade pessoal característica da pós-modernidade. Tais complexidades tornaram-se ainda mais multifacetadas no contexto da pandemia da Covid-19 no país, ainda mais se levarmos em conta a gestão política nacional baseada em princípios do negacionismo, sob os ditames de um governo de ultradireita, avesso à ciência e avesso à democratização das políticas sociais e culturais, dentre elas as políticas de juventudes.

Podemos observar na grelha 5 que a grande maioria dos jovens mostrou encontrar dificuldades adversas em relação à pandemia. A questão da distância dos família e amigos é muito presente nas respostas. Aparecem também questões relacionadas ao desemprego e à instabilidade financeira. Giovanna, por exemplo, retratou na Grelha 8 que as tarefas domésticas e sua rotina diária se intensificaram muito nesse novo contexto. Enquanto Filipe retratou que a pandemia está tirando dele alguns prazeres.

Embora não seja possível um aprofundamento tão grande neste momento em que a pandemia da Covid-19 também impacta significativamente na vida dessa pesquisadora, mesmo com dados tão ricos e diversos sobre as experiências desses jovens colhidos nesse trabalho de campo, podemos dizer que boa parte dessas experiências retratadas estão presentes, sob outros óculos de análise, em outras discussões importantes que estão se dando nas Ciências Sociais atualmente, a partir das questões pandêmicas.

Em um boletim publicado pela Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais)¹² “Isolamento e distanciamento social: o impacto do coronavírus na vida dos jovens brasileiros”¹³ João Batista de Menezes Bittencourt (2020) e Alexandre Barbosa Pereira (2020), fazem uma breve análise sobre os aspectos da pandemia que cruzam o cotidiano de jovens brasileiros, tanto dos que estão na periferia, quanto de classes mais privilegiadas economicamente. Eles levantam algumas matérias e situações midiáticas para fazer essa análise.

Logo de início, os mesmos autores (2020) trazem o contraponto entre a

¹² Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais; Boletim Cientistas Sociais e Coronavírus, Anpocs, 2020; A Anpocs tem disponibilizado em seu site esse material.

¹³ Boletim nº.74 - Ciências Sociais e Coronavírus, 01 de julho de 2020.

realidade de uma *digital influencer* de 34 anos, pertencente a uma classe social privilegiada que aglomerou com algumas amigas e apareceu em suas redes sociais dizendo “foda-se a vida”, com a realidade de um jovem da periferia de São Paulo, que cotidianamente é exposto à violência urbana.

A influencer vive em uma casa de 350 m² e a principal consequência de sua irresponsabilidade será a perda de alguns contratos milionários. Já Gessé, de 24 anos, leva-nos a questionar se a sua presença na rua é só o resultado de uma suposta irresponsabilidade juvenil. Aliás, esse é o segundo ponto, aos 34 anos, a influencer ainda pode valer-se do privilégio de realizar determinados atos de “rebeldia”. Ou seja, tem sua condição juvenil estendida sem que isso lhe cause maiores danos. Já jovens da periferia, como o próprio Gessé relata, podem não apenas, a qualquer momento, ser vítimas da violência urbana, como, provavelmente, muitos perderão precocemente o direito de usufruir de sua condição juvenil. (BITTENCOURT; PEREIRA, 2020, p. 02).

Os autores (2020) seguem trazendo demais discussões que surgiram na mídia a respeito do impacto que a pandemia teve na saúde mental e nos projetos de vida das juventudes, mostrando as angústias e as preocupações a respeito das dificuldades do ensino à distância, com o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), com vestibulares e com o fato de estarem distantes de amigos.

Mas de fato, o ponto mais interessante levantado pelos autores (2020) é quando mostram que as juventudes podem refletir, revelar desigualdades e diferenças e serem como um termômetro da vida social, ao expressar de “maneira acentuada os graus de satisfação e insatisfação decorrentes de mudanças bruscas; ela sintomatiza o tempo presente como nenhum outro segmento.” (BITTENCOURT; PEREIRA, 2020, p. 03).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes dos *finalmentes* dessa dissertação, gostaria de começar relatando sobre o processo de pesquisa e de escrita até aqui durante um período tão insólito que está sendo viver uma pandemia no Brasil diante de um governo negacionista e que não mede esforços para contemplar as classes dominantes, acentuando diversas desigualdades.

Pois, além de lidar com toda a questão de mudança de objeto e de adaptações de metodologias, como já citadas na introdução desse trabalho, durante o meu percurso no Mestrado tive de lidar notícias sobre a grande porcentagem de brasileiros que estavam desnutridos e passando fome, sobre o recorde da taxa de desemprego e acerca dos escândalos e crimes cometidos pelo (des)governo federal investigado até por uma *CPI da Covid*, dentre outras situações de incertezas que rondaram meu dia a dia. E como cientista social, moradora da periferia de Londrina-PR, presenciei situações sociais nesse cenário que comprometeram muito minha saúde mental.

No momento em que deposito a dissertação para banca de defesa são mais de 621.517 vidas ceifadas, desde o início da pandemia, pela gestão negacionista.¹⁴ No momento existe uma grande alta de novos casos, seguimos registrando mais de 30 mil casos diários conhecidos, por conta de novas variantes mais contagiosas (Omicron e Delta). Mas, ao menos, 75,53% da população já recebeu a primeira dose da vacina, enquanto 42,32% receberam ao menos duas doses¹⁵, um dado esperançoso em meio a tudo que está ocorrendo.

Além disso, em agosto de 2020, me encontrei em uma situação bastante delicada financeiramente, pois tive que deixar a bolsa CAPES que fazia uso e me desdobrar à procura de emprego, em um cenário tão complicado, tanto para a saúde de minha família - pois ainda não tinha chegado vacina para minha faixa etária e com a bolsa eu conseguia me manter dentro de casa e mais segura da contaminação do vírus - quanto em relação ao mercado de trabalho, tão escasso naquele momento.

¹⁴ CoronaVirus Brasil. Painel Coronavírus atualizado em 18/01/2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

¹⁵ BEM ESTAR, G1. Mapa da vacinação contra a covid-19 no Brasil. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

Posso dizer que a elaboração dessa dissertação não ocorreu de maneira comum em nenhum momento, como eu imaginei que ocorreria quando ingressei no Mestrado em julho de 2019. Para além disso, penso que dentro das minhas limitações eu consiga ter contemplado meu problema de pesquisa e meu objetivo.

Me propus a reponder como se dão as práticas culturais e as sociabilidades das juventudes da (e na) região da Gleba Lindóia e que modificações estas vivências sociais e culturais sofreram no contexto da pandemia da Covid-19. E, a partir disso, foi possível registrar, através de questionário distribuído pela plataforma *Google Forms* e por entrevistas semiestruturadas, as percepções de jovens da Região Gleba Lindóia de Londrina.

A pesquisa de campo, mesmo realizada sob diferentes adversidades provocadas pela pandemia da Covid-19, me deu sustentação para compreender sociologicamente e antropologicamente, aspectos relevantes da condição juvenil e suas experiências de sociabilidades, os modos como estes/as jovens se relacionam e se socializam a partir dos lugares que frequentam, atividades que desenvolvem, os laços que constroem na região, mostrando-me como a região e como as práticas juvenis se articulam entre escola e bairro.

Além disso, a observação participante e as anotações em caderno de campo, inspiradas pela etnografia, me possibilitaram enxergar as dinâmicas de aconteciam na Avenida das Maricatas, no Supermercados 88 e na Pepsi, de modo que não havia percebido antes, mesmo sendo moradora do bairro há tantos anos.

A hipótese testada demonstrou que as juventudes da região, em geral filhas da classe trabalhadora, transitam em experiências culturais e de sociabilidades comuns, mesmo que essas juventudes tenham seus perfis diversos. Respeitadas suas especificidades em múltiplos aspectos, encontramos pontos de encontros coletivos nas práticas cotidianas e nas memórias, lugares comuns, maneiras um tanto similares no modo como construíram laços e sociabilidades. A pesquisa me propiciou perceber certa dinâmica na região que as permitem circular dentro desse pedaço da periferia do município, adaptando espaços de convivência, como a Pespi que é citada tanto por jovens mais novos como por jovens considerados mais maduros em relação a idade.

Porém, foi percebido também que esses jovens não vivem suas experiências de lazer apenas na região. Mas, também se encontram e as vivem para fora da região, visitando *shoppings*, bares, cinemas etc. Mas mesmo distantes

geograficamente do bairro, carregam consigo os amigos e os afetos que construíram na região. Este elo é percebido através das lembranças que enfatizam o Colégio Estadual presente na região, a Igreja ou a família.

Assim, essa dissertação pode trazer, dentro de seus limites metodológicos e teóricos, um conhecimento mais aprofundado a respeito das dinâmicas presentes na Região Gleba Lindóia e de suas tantas juventudes. Esse conhecimento pode ser importante para os/as próprios jovens da região, que, muitas vezes, são considerados como homogêneos nas diversas experiências do dia a dia.

Há contribuições para a escola pública da região e para as políticas públicas voltadas às juventudes da classe trabalhadora, pois o estudo deu visibilidade e voz às suas condições, demandas, dificuldades, potencialidades, sabedorias, práticas culturais, percepções e experiências. Além disso, diante do fato da escassa produção científica acadêmica a respeito da Região Gleba Lindóia de Londrina-PR e de suas juventudes, essa pesquisa é um caminho para que outros estudos possam vir, especialmente diante de sua ainda pequena construção para o tema.

Acredito que algumas questões voltadas ao gênero, raça, orientação sexual e religião podem ainda ser melhor aprofundadas, de acordo com os dados recolhidos nessa pesquisa. Porém, contando com os desafios impostos pela pandemia e pelo limite de tempo para defesa dessa dissertação, não poderei fazer.

Mas, essa pesquisa pode abrir caminho para a publicação de artigos científicos e apresentações de trabalhos em eventos da área, espaços de trocas nos quais os temas aqui tratados poderão ser melhor aprofundados e recortados na medida que forem sendo reconstruídos à luz de novas teorias.

Dito isso, posso afirmar que essa pesquisa não se limita ao término dessa dissertação de Mestrado, já que, como fui aprovada no Doutorado de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOC) da UEL (Universidade Estadual de Londrina), com o objetivo de compreender sociologicamente os projetos de vida das juventudes, mais especificamente, as aproximações e os distanciamentos entre os discursos da BNCC-Ensino Médio (2018), sobre projeto de vida e as práticas culturais, as sociabilidades ressignificados pela experiência do contexto pandêmico de Covid-19, das próprias juventudes do Ensino Médio das escolas estaduais da rede pública do NRE/Londrina.

A proposta de pesquisa se deu pelo momento atual em que o Novo Ensino Médio passa a ser implantado em todo território nacional brasileiro a partir de 2022, a

meu ver, desconsiderando a pluralidade das práticas culturais das juventudes, as desigualdades de condições socioeconômicas da classe trabalhadora, os direitos fundamentais desses sujeitos e os diversos projetos de vidas concretas já demonstradas em pesquisas da área de Sociologia das Juventudes, como nessa dissertação, por exemplo.

Assim, encerro esse texto sem realmente encerrar a caminhada de investigação, apresentando os frutos e as continuidades que estão por vir por conta dessa dissertação, em curto prazo em forma de artigos científicos e dentro dos próximos quatro anos, em formato de tese de Doutorado.

Foi uma honra poder ecoar as vozes das juventudes da Região Gleba Lindóia, persistindo nesse propósito maior de contribuir cientificamente, através desse trabalho de Mestrado, para mostrar à academia, à comunidade e, sobretudo, ao poder público, como estas juventudes da classe trabalhadora precisam ser consideradas, ouvidas e convidadas para elaborarem, avaliarem e exercitarem seus direitos, através da efetivação de políticas públicas sociais, culturais e educacionais mais justas e mais democráticas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcio de Freitas. **Culturas juvenis e Experiência Social Modos de Ser Jovem na Periferia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Educação; Programa de Pós-graduação em Educação, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Tradução: Luís Anteno Reto; Augusto Pinheiro

BITTENCOURT, João Batista de M.; PEREIRA, Alexandre Barbosa. Isolamento e distanciamento social: o impacto do Coronavírus na vida dos jovens brasileiros. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, Boletimn.74, Ciências Sociais e Coronavírus. Julho, 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2405-boletim-cientistas-sociais-n-74>. Acesso em: abr 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Conheça Londrina, Educação**. Disponível em: <https://www1.cml.pr.gov.br/cml/site/educacao.xhtml>. Acesso em: maio 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. **Conheça Londrina, Cultura**. Disponível em: <https://www1.cml.pr.gov.br/cml/site/cultura.xhtml>. Acesso em: maio 2021.

CAVATORTA, Mateus Galvão; STRAZZI, Gabriel da Silva. Segregação territorial em Londrina (PR): uma análise da articulação de rendimento e alfabetização entre os bairros da cidade. **III Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: Desafios Contemporâneo**; Londrina: UEL, julho de 2019.

COLEMAN, James. **The Adolescent Society: the social life of the teenager and its impacts on education**. New York: Free Press of Glencoe, 1961.

CORONAVÍRUS BRASIL. **Painel Coronavírus atualizado em 18/01/2022**. Acesso em 18 jan de 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, p.40-53, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04> Acesso em: Fev 2020.

DAYRELL, Juarez. A Escola como espaço Sociocultural. In: DAYRELL, J. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. **A Música entra em cena: O rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez. A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, nº. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em dez 2020.

GAZETA DO POVO. **Números do Coronavírus: Entenda o avanço da Covid-19 no Brasil e no mundo.** Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/> Acesso em abr 2021.

GROPPO, Luís Antônio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. In: **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo** / Janice Tirelli Ponte de Sousa, Luís Antônio Groppo (organizadores), p.11-29. Florianópolis: UFSC, 2011.

G1; BEM ESTAR. **Mapa da vacinação contra a Covid-19 no Brasil.** Acesso em 18 jan de 2022. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno Estatístico Município de Londrina**, Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86000&btOk=ok>. Acesso em: 15 Jan 2022.

IPPUL, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. **Cidade de Londrina. Bairros e Regiões.** Diretoria de Planejamento Urbano, Outubro, 2013. Disponível em: http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/mapas_tematicos/bairros_regioes_a4.pdf. Acesso em: 08 jan 2022.

IVO, Anete B.L. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. **Caderno BRH**, Salvador; v.23, nº 58, p. 9-15, Jan./Abr:2010.

FEIXA, Carles. De Jóvenes, bandas y tribus. **Antropología de la juventud.** Barcelona, Ariel, 2006.

FEIXA, Carles. De jóvenes, bandas y tribus: Antropología de la juventud, Barcelona, Ariel, In: Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004, **Revista de Estudios de Juventud**, n. 64, marzo, Madrid, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. Sociologia: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, vol. XX, pp. 13-38. 2010.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia. **Rev. Bras**, São Paulo, v. 17, nº. 49, p. 11-29, Junho, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 Jan 2021.

MAFFESOLI , Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra.** Buenos Aires, Biblos,1996.

MEDEIROS, Talita Sauer. Uma outra cidade? A Avenida Saul Elkind, o

desenvolvimento comercial e a ascensão social dos moradores da zona norte de Londrina. IN: **Essa rua tem história: Memórias e sociabilidades da Saul Elkind**. 2014.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da Silva; MORAES, Daniela Reis de; Talita Sauer Madeiros. **Essa rua tem história: Memórias e sociabilidades da Saul Elkind**. Londrina: Unifil, 2014.

SIMMEL, Georg. **Grandes Cientistas Sociais. Sociologia** / organizador: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983. Tradução de Carlos Alberto Pavarelle.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, p.161-178, 1993 (Editado em nov. 1994).

PEIRANO, Mariza. 2008. "Etnografia, ou a teoria vivida". **V Reunião de Antropologia do Mercosul**, Florianópolis, v.6, nº.1 e nº 2, p. 209-218, julho de 2004.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>. Acesso em jan 2020.

PEREIRA, Alexandre B. A Juventude como Questão: alteridades e autoridades em escolas da periferia de São Paulo. **Revista Antropológicas**, Ano 20, p. 102-131, 2016.

PEREIRA, Alexandre B. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe**, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1203>. Acesso em dez 2020.

PEREIRA, Alexandre B. **"A maior Zoeira" na Escola: Experiências Juvenis na Periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Unifest, 2016.

PEREIRA, Alexandre B. As imaginações da cidade: práticas culturais juvenis e produção imagética. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 18, nº. 44, p. 11-37, jan/jul, 2017.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

WEBER, Max. **A "objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais**. São Paulo. Ática, 2006. Tradução: Gabriel Cohn

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO QUESTIONÁRIO (SURVEY)

Qual sua idade?
Sexo/gênero?
Orientação sexual?
Cor/Raça?
Religião?
Tem irmãos?
Se sim, quantos?
É casado?
Tem filhos?
Está namorando?
Mora com a companheira ou com o companheiro?
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou home office)? Se sim, qual?
Qual meio de transporte você mais utiliza para se locomover dentro do município de Londrina?
Por aqui ser uma região bem abrangente como você costuma se referir a ela?
Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro (Colégio Carlos de Almeida)? Caso sim, em que período do dia faz (ou fez) o Ensino Médio (manhã, tarde, noite)? Caso sim, qual o meio de transporte que usa ou usava para chegar à escola?
Caso tenha estudado nessa escola: fez muitas amizades no bairro através da escola?
Caso tenha estudado nessa escola: O que faziam antes e depois das aulas?
Caso tenha estudado nessa escola: Que lugares frequentava com os amigos da escola? Que lugares você mais gostava de frequentar com eles?
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior? Se sim, qual curso?
Que tipos de músicas gosta de ouvir?
Que tipos de filmes gosta de assistir?
Segue algum influenciador digital? Caso sim, qual?
Qual rede social você mais utiliza?
Em qual bairro da região Gleba Lindóia você mora?
Quando você veio morar nessa região? Nasceu e cresceu nela?
Sua família também mora na região?
Como é viver sua juventude na região?

Que lugares da região você costuma frequentar com seus amigos? (Citar nomes das localidades)
Que atividades (ir à igreja, praticar esportes, ir na casa de amigos, sair para beber com amigos, etc) você costuma desenvolver na região? ⁹⁵
O que faz geralmente nos finais de semana?
Quais lugares da região você frequenta como forma de lazer ou entretenimento? (supermercado, lanchonetes, Pepsi, praça, igreja, etc)
Fora do bairro, mas dentro de Londrina, quais são geralmente suas outras práticas de lazer?
Como seus relacionamentos foram construídos na região, seus vínculos afetivos? (amigos, família, igreja, escola, etc)
Você frequenta alguma igreja da região? Qual? Caso sim, participa de algum grupo de jovens na igreja?
Você tem vontade de sair do bairro ou pretende continuar morando nele?
O que você sentiu ou sente falta em seu bairro/região ou escola?
O que você fazia antes da pandemia da Covid-19, em termos de lazer e entretenimento, que agora não consegue mais fazer no bairro?
O que você não fazia antes da pandemia da Covid-19, em termos de lazer e entretenimento, que agora costuma fazer (presencialmente ou de modo online)?
Quais as maiores dificuldades trazidas pela pandemia da Covid-19 para você seu grupo familiar?
Que lições você tem tirado desta pandemia?
Mais alguma coisa que gostaria de acrescentar sobre a relação juventudes e Gleba Lindoia?
Caso aceite ser entrevistado/a pela referida pesquisadora, narrando mais detalhes sobre estas mesmas questões, deixe aqui seu contato de e-mail: _____

FONTE: PRÓPRIA AUTORA

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE¹⁶OU TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE (PARA CRIANÇAS/ADOLESCENTES ENTRE 12 E 17 ANOS)

Prezado(a) Jovem

Convidamos você para colaborar com a pesquisa ***PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA REGIÃO GLEBA LINDOIA DE LONDRINA/PR***, que está sendo desenvolvida por ANA FLÁVIANICOLAU CONRADO, aluna regular do Curso de Mestrado em Sociologia, da Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Profa. Dra. Ângela Maria de Sousa Lima.

Os principais objetivos da pesquisa são: registrar as percepções de jovens da Região Gleba Lindoia de Londrina, sobre sua condição juvenil e suas formas de manifestação; observar suas diferentes práticas e experiências de sociabilidades, ou seja, os modos como estes/as jovens se relacionam e se socializam; observar práticas juvenis que se articulam entre escola e bairro.

Os benefícios gerados pela pesquisa envolvem o conhecimento produzido sobre juventudes para os/as próprios jovens, para a escola pública da região e para as políticas voltadas às juventudes da classe trabalhadora, pois o estudo pretende dar visibilidade e voz às suas condições, demandas, dificuldades, potencialidades, sabedorias, práticas culturais e percepções.

Os riscos da sua participação nesta pesquisa, apesar de pequenos, podem estar ligados à exposição de suas experiências particulares, incômodos ou desconfortos pessoais. Caso sinta sua privacidade invadida, ou outra dificuldade, você poderá desistir a qualquer momento de participar sem nenhum prejuízo para você. Sem contar que para participar do estudo, não será necessário se identificar. Além disso, esses riscos também podem estar relacionados a possíveis reações emocionais ou constrangimento que você possa sentir, caso venha a recordar de algum acontecimento desagradável. A respeito disso, reforço o respeito à sua vontade de evitar qualquer assunto que não queira abordar, bem como encerrar a entrevista a qualquer momento sem nenhum prejuízo para você. Caso seja necessário, comprometo-me a proporcionar assistência imediata no que se refere aos danos que possam ser decorrentes da pesquisa, encaminhando e acompanhando

¹⁶ Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentado, atendendo, conforme normas da Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016.

aos serviços de atendimento psicológico disponíveis no município de Londrina e na UEL.

Sua colaboração e participação ocorrerão em forma de **questionário e entrevistas** semiestruturadas (por WhatsApp ou google meet) e através de interação com a pesquisadora Ana Flávia em sua observação participante nos entornos da escola e do bairro, onde a mesma também reside. Solicitamos também sua autorização para apresentar e publicar os resultados desta pesquisa apenas em periódicos e eventos científicos, com a garantia de manter o seu nome em sigilo e preservar sua identidade.

Esclarecemos que sua participação no estudo é totalmente voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora.

Esclarecemos ainda que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso).

Informamos que todas as informações fornecidas serão mantidas em sigilo absoluto e confidencialidade, a fim de preservar sua identidade. É necessário ressaltar que todas as respostas fornecidas serão armazenadas em sistema de registro dessa pesquisa e utilizadas única e exclusivamente para fins científicos, de modo a manter o sigilo e a confidencialidade. A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

A pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, na Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Além do mais, será garantido que o Artigo 18 do ECA: "É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor", seja atendido/a.

Assinatura da pesquisadora responsável
RG:

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, eu

_____ declaro o meu consentimento em participar da referida pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na

investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Londrina, _____ de _____ de ____

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá me contatar pelo número de telefone celular: (43)99695-9117, no endereço de e-mail anaflaviaconrado@gmail.com, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

ANEXO C – ENTREVISTAS

TABELA: FILIPE - DADOS PERFIL - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:

QUESTÕES	RESPOSTAS
Qual seu nome? Ou por qual nome deseja ser identificado/a na pesquisa?	Filipe
Gênero	Masculino
Qual sua idade?	20
Orientação Sexual	Heterossexual
Cor/Raça	Preto
Religião	Evangélico
Tem irmãos?	Não
É casado/a?	Não
Tem filhos?	Não
Está namorando?	Sim
Mora com a companheira ou com o companheiro?	Não
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou trabalha em casa)? Se sim, qual?	Sim, auxiliar de laboratório, ótica Persona
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior?	Talvez
Que tipos de músicas gosta de ouvir?	Todos os tipos, principalmente as que te deixam pra cima
Que tipos de filmes gosta de assistir?	Todos os tipos desde romance a filmes de terror
Segue algum influenciador/a digital?	Não
Quais redes sociais você mais utiliza? Pode escolher mais de uma:	Facebook, Instagram, Whatsapp
Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro: Colégio Carlos de Almeida?	Sim
Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?	Sim

FONTE: Questionário Survey: Práticas Culturais e Sociabilidades Juvenis na Região Gleba Lindoia de Londrina-PR.

ELABORAÇÃO: Própria autora

ENTREVISTA - FILIPE – WHATSAPP - ÁUDIO
12/05/2021 – Quarta Feira: das 18:54h às 20:13h.

F: Filipe (entrevistado)

A: Ana Flávia (pesquisadora)

F: Ana cheguei aqui ó, vou tomar um banho. Ai você me manda ai que eu respondo, como que vamo fazer? Você me manda uma pergunta e eu mando um audio? Você vai me mandar um monte de pergunta? Como que vai ser? Toma uma ducha ai você me manda.

A: Eu posso ir te perguntando e você vai respondendo, tipo uma entrevista mesmo, aos pouquinhos assim. É assim, são mais ou menos as mesmas perguntas daquele questionário que eu te enviei, lembra? Que você respondeu? Só que agora eu vou te fazer as perguntas por áudio e você pode ficar mais a vontade pra responder por áudio também. Então, vou começar perguntando pra você como que você construiu as suas relações aqui com a região? Como você conheceu as pessoas, seus amigos aqui da região hoje? Como que foi?

F: Bom a maioria das minhas amizades, que eu tenho por aqui, são quase todos pelo colégio né. Como é colégio de bairro né, Carlos de Almeida, a maioria dos meus amigos são todos do colégio. A gente cresceu junto, estudou no Carlos de Almeida, alguns do Hikoma também, e alguns da igreja também, mas a maioria são tudo do colégio.

A: E com esses amigos, quando vocês iam pro colégio, o que vocês costumavam fazer? Alguma coisa antes das aulas, alguma coisa depois da aula? Ou, não fazia nada? Como que era a ida e a vinda de vocês do colégio?

F: Então, esses amigos do colégio, na hora de ir, a gente não costumava fazer nada não né, porque eu estudava cedo. Mas na hora de voltar a gente tomava coca pra conversar, comer alguma coisa, mas era mais isso mesmo, de vez em quando. Ou as vezes eu ia na casa de um amigo meu, mas era isso mesmo, mais para conversar mesmo depois da aula.

A: Fala um pouquinho sobre sua relação com a igreja também? Você falou que fez alguns amigos na igreja né...Você ainda vai na igreja? Ainda frequenta ou não?

F: Não, na igreja eu não costumo ir mais não. Era mais antigamente mesmo, as amizades da igreja eu não mantive muito contato, agora as do colégio eu continuo conversando com bastante gente ainda.

A: Entendi Lipe, e nessa época do colégio, que você falou, que era mais na volta que vocês paravam pra conversar, ou iam na casa um do outro, você ia a pé pro colégio? Encontravam com eles no caminho ou iam de carro? Vocês trabalhavam na época? Você trabalhava ou ainda não?

F: Eu sempre fui a pé, é... geralmente eu encontrava ali com meus amigos, porque era caminho né, daí a gente se encontrava e ia a pé. Só no terceiro ano que eu ia de carro porque eu ganhava uma carona, no terceiro ano. É... mas pra voltar eu voltava embora a pé também, era só pra ir, mas só no terceiro ano, sempre no colégio eu fui a pé.

F: Não, eu na época eu não trabalhava. Só que meus amigos né, metade deles né, trabalhava sim, trabalhava meio período através da EPESMEL lá, maioria, trabalhava então meio período, mas eu não.

A: Bacana...eu vi no questionário que você respondeu que agora trabalha né, com quantos anos você começou trabalhar então, depois da escola?

F: Comecei com 19 anos né...é...tive um pouquinho de dificuldade no início pra achar serviço né, mas daí com indicação eu consegui trabalhar, e hoje eu to dois anos e meio no meu serviço. Mas foi depois, com 19 anos que eu comecei a trabalhar.

A: Ai, eu queria saber também, se você frequentava lugares aqui da região com seus amigos da escola. Aonde vocês gostavam mais de ir, é... nos finais de semana vocês gostavam de sair na época da

escola, ou depois da escola também. Ou se vocês costumam ir mais pro centro da cidade. Como que é?

F: Tão, no bairro a gente ia só pra... a gente ia comer lanche no bairro mesmo, ali no Lindóia né. Mas quando a gente queria sair mesmo a gente ia pro centro, ia pro shopping assistir um filme, comer um lanche lá no shopping. Aqui no bairro era de vez em quando né, o que eu fazia mais mesmo era ir na casa deles jogar...jogar bola, jogar videogame, eu ia na casa deles mais. Agora no bairro a gente só saia mesmo pra comer lanche, de vez em quando, uma vez por semana, uma vez a cada duas semanas. Mas quando a gente queria sair mesmo a gente ia pro shopping, pro cinema.

A: E agora que você já tá mais velho, é o mesmo esquema? Continua saindo mais...quando você quer sair mesmo, vai mais pro centro, aqui no bairro é mais lanchonete, é... casa de amigos, essas coisas mesmo?

A: E quando você...para ir pro centro, é... antes ou agora, como que era? Você costumava ir de ônibus, de carro? Você acha que é longe para chegar no centro? É ruim pra pegar ônibus se tinha que pegar?

F: Por conta da pandemia agora, recentemente, a gente não tá saindo né, pra shopping, pro cinema, infelizmente né. Então o que que a gente faz né, raramente, de vez em quando agora né, agora por causa da pandemia diminuiu agora né as frequências. Uma vez por mês assim eu saio comer um lanche com meus amigos, bem difícil, mas eu dou uma passada na casa deles também, diminuiu bastante por causa da pandemia, mas de vê em quando ainda eu dou passada, as vezes eles vem aqui também.

F: Ah, antigamente a gente ia de ônibus, não acho que tem dificuldade não, a gente não mora perto do centro, mas também não mora longe não. Antigamente então a gente ia de ônibus mesmo, agora no momento eu vou de carro né, porque eu comprei um carro e eu consigo ir de carro. Mas antigamente era de ônibus.

A: Entendi Lipe, então é mais shopping, nos finais de semana mesmo, agora na pandemia nem tanto...e aqui na região era mais pra sair pra comer lanche, e agora na pandemia nem tanto hahah. E eu vi aqui no questionário que você falou que nasceu e cresceu na região, você tem família na região?

F: Sim, eu moro com a minha mãe. E do lado de casa mora minha prima, meu tio e minha tia e do outro lado, pertinho de casa mora minha avó e meu avô. E gente tem uma relação boa, a gente convive bastante. E aqui perto tem outros primos também, só que esses primos eu não tenho tanto contato né...agora já com outros familiares que moram do lado de casa a gente é bem próximo.

A: Entendi. Agora falando mais uma vez do que você faz nos seus finais de semana, ou no meio da semana. Fala pra mim, quando você pensa em lazer, "ah vou sair pra me divertir", tem algum lugar aqui do bairro que você costuma ir, ou gosta de ir, em específico?

A: E fora do bairro? Em Londrina, tem lugares assim, específicos? Você já falou que gosta de...que vai bastante em shoppings e no cinema né, mas fora do bairro, antes da pandemia? Pode ser antes ou depois da pandemia

F: Tá tô pensando...

A: Tranquilo...

F: Ah o que eu sempre gostei de fazer, aqui no bairro não né, mas é ir assistir um filme no cinema. Sempre gostei muito de pegar um cinema, de comprar alguma coisa pra comer lá no Burguer King, um lanchinho lá no shopping, assistir um filme. Foi o que eu sempre gostei de fazer mesmo. Agora aqui no bairro, num... dificilmente dá para fazer alguma coisa aqui no bairro.

A: Entendi. Já que você...é difícil de achar alguma coisa para fazer aqui no bairro. O que que você sente...você sente falta de alguma coisa aqui no bairro? Alguma...algum lugar para ir, que não tenha, alguma coisa pra fazer, de alguma atividade, ou de algum lugar que você gostaria que tivesse aqui? Algum tipo de lugar pra ir pra você e seus amigos se divertirem, sente falta de alguma coisa?

A: Não precisa ser necessariamente pra se divertir, mas assim, por exemplo, eu moro no bairro também né, e eu sinto falta por exemplo de ter um caixa eletrônico aqui perto, mais perto de casa. Por que a gente precisa ir até o centro pra se deslocar né, você sente falta de algo assim?

F: Boa ideia. Ah, no bairro, como eu não faço muita coisa, mas acho que tem um pouquinho de tudo né. O que realmente faz falta aqui no bairro seria talvez um UPA né, por que é ruim a gente passa mal tem que ir lá longe né, já ia ajudar bastante se tivesse um aqui perto.

A: É verdade, precisa mesmo de um atendimento médico aqui mais perto de urgência né, a gente as vezes tem que ir muito longe.

F: Porque o que acontece, a gente sobre ali no postinho, ali no Lindóia, e eles sempre encaminha a gente lá para o centro. Aí vamos supor, se a pessoa não tem um carro, ou a pessoa está passando mal aí já vai ter que gastar dinheiro com Uber, eu sinto falta do atendimento aqui.

F: Eu sinto falta também dos bancos aqui né, ser tudo longe...se eu tiver que sacar alguma coisa, alguma coisa no cartão eu não consigo, tem que ir lá atravessar a cidade, e isso aí é ruim também, não tem nenhum banco, não tem...não tem caixa eletrônico, não tem nada aqui perto. Tem q ir lá no centro, lá na cidade.

A: É verdade, o postinho não tem ambulância né. E nesse aspecto, não só dessas dificuldades que você acabou de me falar, mas em relação assim, a sua vida, ao seu plano de vida, ao seu projeto de vida, você pretende sair do bairro, você pretende ficar aqui? Qual a sua pretensão em relação a isso assim? Você tem mais vontade de sair ou de ficar? De morar em algum lugar que tenha mais acesso a outras coisas? Ou você pretende ficar aqui? Pretende constituir família?

A: E um porquinho mais atrás, agora retornando, você me falou também sobre...que você está trabalhando há dois anos em uma empresa né? Você pode me falar um pouquinho mais dela, onde que ela fica, como que foram esses dois anos trabalhando lá?

F: Ah, eu gosto bastante do lugar que eu moro, mesmo sendo um pouco longe igual eu falei de banco, de hospital, talvez eu mudaria para o bairro de cima aqui, moraria no Lindóia, entendeu? Mas...eu acho que eu ficaria aqui tranquilo mesmo, porque no centro casa é muito caro e eu não gosto de morar em apartamento, queria ter minha casa própria então. Então, de lugar, eu acho um lugar bacana aqui, entendeu. Mas se eu pudesse mudar eu moraria um pouquinho ... aqui na região mesmo, mas um pouquinho mais para cima ali, no bairro de cima no Lindóia.

F: Tão, eu comecei trabalhar lá no centro na Ótica Persona, eu inicialmente entrei só pra cobrir férias né, mas eu me dediquei bastante lá, me esforcei e consegui ficar definitivo. Eles me contrataram, aí atualmente estou há dois anos lá, comecei como office boy, fazendo trabalho de rua, de entrega, fila de banco. Aí recentemente eu subi de cargo, agora eu fico lá dentro, dentro do laboratório, organizo pedido, faço pedido, mas agora como...por causa da pandemia que tiveram que dispensar alguns funcionários né, agora eu faço tudo, faço serviço de dentro, faço serviço de rua, faço tudo lá. E atualmente estou há dois anos lá.

A: Que bom que você conseguiu se manter lá né, principalmente nessa fase da pandemia. E já que a gente entrou nesse assunto, outra vez, me fala um pouquinho de como que está sendo essa época para você. O que mudou na sua vida, de antes da pandemia que você costumava fazer bastante e agora não faz mais, ou se as coisas continuaram como antes. Como você tem ido pro trabalho agora na pandemia, como você tem enfrentado?

F: Ah, a pandemia veio para mudar totalmente, radicalmente nossa vida né. Eu comecei a ir trabalhar de carro por conta da pandemia né, para evitar o contato de ir ao ônibus né. Porque antes eu não ia, porque tinha um gasto elevado, mas aí a pandemia forçou eu ir de carro, desde então eu estou trabalhando de carro. É... e os hábitos mudam né, a gente costumava sair pra casa de amigos, sair pra bastante lugar, agora mudou drasticamente tudo né, agora tem que ficar em casa, tem que evitar contato, tem que essa pandemia aí veio pra dificultar tudo né, muitos dos hábitos que eu tinha antigamente eu não consigo fazer mais.

A: Tem alguma dificuldade específica que você tem enfrentado nesse momento da pandemia, ou dificuldades né, e alguma lição que você tenha tirado de tudo isso, alguma coisa que você tem refletido sobre?

F: A lição que ficou pra aprender é que realmente você tem que valorizar as pessoas que você ama, porque, essa pandemia veio aí pra gente ver como que a vida do ser humano é frágil, como que qualquer coisa pode tirar, de repente, pode estar acontecendo alguma coisa na sua vida, e aí do nada pode mudar drasticamente né. Veio pra... essa pandemia veio para mostrar isso aí para a gente né, mas se deus quiser a gente vai vencer essa pandemia.

A: Verdade, vamos ver se logo, logo a gente consegue se vacinar né. Mas, eu acho que é isso Lipe, a gente já está terminando a nossa entrevista, pelo *WhatsApp*, tem mais alguma coisa para acrescentar, que você gostaria de acrescentar em relação a região, em relação a algum assunto que a gente falou, que você gostaria de falar mais?

F: Não Aninha, acho que é somente isso mesmo está, se precisar mais de alguma coisa, alguma pergunta, pode contar comigo, está bom?

A: Está bom então, obrigada! Brigado mesmo pela disposição, por ter parado um pouquinho do seu tempo pra me dar atenção. Assim que eu terminar essa pesquisa eu te conto dos resultados, eu te mando uma versão do texto, se eu precisar de mais alguma coisa eu entro em contato mesmo heim hahahaha. Até mais Lipe. Brigadão!

F: Fechou Ana É nós.

INGRID

TABELA: INGRID – DADOS PERFIL – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:

QUESTÕES	RESPOSTAS
Qual seu nome? Ou por qual nome deseja ser identificado/a na pesquisa?	Ingrid
Gênero	Feminino
Qual sua idade?	21
Orientação Sexual	Heterossexual
Cor/Raça	Preto
Religião	Católico
Tem irmãos?	Sim, 2 irmãs
É casado/a?	Não
Tem filhos?	Não
Está namorando?	Sim
Mora com a companheira ou com o companheiro?	Não
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou trabalha em casa)? Se sim, qual?	Não
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior?	Sim
Que tipos de músicas gosta de ouvir?	Gospel
Que tipos de filmes gosta de assistir?	Ficção
Segue algum influenciador/a digital?	Sim, Lavínia Rocha, Raffa Kaliman
Quais redes sociais você mais utiliza? Pode escolher mais de uma	Facebook, Instagram, Whatsapp
Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro: Colégio Carlos de Almeida?	Sim
Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?	Não

ENTREVISTA - INGRID - WHATSAPP
11/05/2021 – Terça Feira – das 11:06h às 17:06h.

OBS: A conversa com a Ingrid está incompleta por que ainda está acontecendo, ela levou a entrevista de maneira bem tranquila e está respondendo aos poucos, como uma conversa.

A: Ana Flávia (pesquisadora)

I: Entrevistada

A: Oie Guide! Tudo bem? Lindona, então, você deixou seu contato de e-mail lá no questionário se pudesse participar de entrevista né da minha pesquisa, será que voce consegue me responder algumas perguntas por áudio aqui?

A: Deixa eu te explicar certinho, a minha orientadora ela pediu pra que eu levasse pra minha banca de qualificação, que é assim, eu ainda não terminei a minha pesquisa né. Eu vou fazer, eu vou apresentar pra ... alguns professores ainda parte dela, e aí, é...a minha orientadora pediu pra que eu levasse pelo menos uma ou duas entrevistas, por que eu ainda não realizei as entrevistas. Daí, é...como eu já tenho o seu contato, e como é mais tranquilo conversar com você, ai eu pensei em você, você topa responder pra mim? São as mesmas perguntas do questionário, daí você pode me responder por áudio, te pergunto por audio e você pode ir me respondendo por áudio.

I: Oi, Blz, Faço sim. Só mandar kk

A: Beleza, eu vou falar por áudio, aí você vai me respondendo por áudio conforme for conseguindo hahaha. Como a gente já conseguiu algumas informações lá no questionário sobre você, então eu vou partir mais obre as perguntas da região ta? quando você ia pra escola com seus amigos, como que era? O que vocês faziam antes de ir pra escola, o que costumavam fazer depois? Vocês trabalhavam ou não? Como que era?

I: pode ir mandando. Tô indo pra aula. No intervalo ja respondo tudo...Normalmente quando eu ia pra escola eu encontrava com alguns amigos no meio do caminho a gente ia conversando. Depois quando acabava as aulas a gente ia bastante na padaria, só pra tomar uma coca e bater um papo. Alguns dos meus amigos trabalhavam e outros faziam cursos, eu fazia curso depois do colégio e só.

I: Eu e meus amigos, a gente se encontrava as vezes quando ia fazer trabalho de escola mesmo, por que como a gente fazia curso e trabalhava a gente não se encontrava muito, eram só com os trabalhos mesmo.

A: A que bacana! Você ta fazendo aula do que Guide? E como está sendo pra você sair do bairro na pandemia? Como você ta indo pra aula? De a pé, de ônibus? Fala um pouquinho disso também.

I: To fazendo autoescola, é...é lá perto do centro, ali perto da quintino. Aí eu tenho que sair de casa agora 12:45h, chego no terminal 13:20h, pego o outro ônibus pra ir pra lá 13:45h. E chego lá, acho que uns 20 minutos antes da aula, que a aula começa 14h. Tenho que sair bem mais cedo, por que os horários dos ônibus não batem muito certo com o da minha aula.

A: Ai você me fala um pouquinho também de como que você construiu seus laços na região, como que tem sido é...como que você conheceu as pessoas, como fez amizades. Me conta também sobre isso...se você tem familiares no bairro...

I: É...Todos os amigos que eu tenho ou foi pelo colégio, ou de amigos apresentando. Teve um tempo que eu andei no ônibus rural do colégio, que eu conheci bastante amigo pelo ônibus do colégio. É... alguns amigos eu tenho até hoje, já fazem mais de 10 anos. Família...eu só tenho uma tia e um tio e meus primos que mudou faz pouco tempo pra cá.

A: Qual curso que você e seus amigos faziam nessa época, você e seus amigos, era Epesmel?

I: Os meus amigos faziam Epesmel, na época eu fazia um curso de conexão digital, que minha mãe pagava pra mim.

A: Ah sim, entendi. Você disse que vocês e seus amigos não se encontravam muito, isso durante a semana? Ou nos finais de semana? Ou nos finais de semana vocês costumavam fazer outras coisas? É...ir pra outros lugares, ou fivacam aqui na região mesmo? Como que eram os finais de semana de vocês? Que atividades vocês faziam aqui no bairro, lugares que vocês frequentavam assim...Ou não? Era mais difícil de se ver? ---- E não necessariamente com os amigos da escola, se tem algum outro amigo que você não fez na escola, se você costumava sair mais no final de semana ou se eram realmente com os amigos da escola.

A: Pode ficar tranquila se não der tempo de ir respondendo durante o intervalo, depois que você sair você pode continuar me mandando mensagem, não precisa ter pressa, ai conforme vc for tendo tempo pra responder, pode ir respondendo tá?

I: Beleza. Vou na casa da minha amiga no intervalo, ai se precisar de outra pessoa ela responde. Ela era do bairro.

I: Dia de final de semana a gente saia sim, é...eu saia aqui no bairro mesmo ou a gente ia numa pracinha e ficava conversando. Ia comer lanche aqui no bairro mesmo e algumas vezes a gente ia no shopping, jogava boliche, saia pra comer...ia no cinema. Era tudo amigo do colégio mesmo, ou da igreja. Os amigos da igreja eram os mesmos que ia no ônibus comigo e que iam na escola.

A: Ah seria legal, eu posso mandar o questionário pra ela responder tbm.

I:Uhum. Manda que já encaminho pra ela

A: A que legal! Era uma galera da igreja então também né. Vocês iam na igreja. Qual igreja que vocês frequentavam aqui, vocês participavam de grupo de jovens, algo assim? -- E quando vocês saiam pra fazer alguma coisa aqui na região, pra andar aqui na região, vocês sentiam falta de alguma coisa no bairro, que vocês gostariam que tivesse, se sentiam seguros ou tinham medo de andar no bairro, algo assim?

I: Quando eu ia pra igreja eu era bem mais novinha, eu tinha uns 12 anos. Daí...eu morava lá no sítio, ai eu ia com meus amigos direto pra igreja, a gente fazia catequese, coroinha, eu cheguei a dar aula de coroinha mas dai eu sai da igreja e comecei a ir pra igreja evangélica.

A: Entendi, mesmo você saindo da igreja evangélica esses amigos continuaram andando com você e tals né. E a igreja evangélica que você ia era aqui no bairro mesmo? E você participava de bastante coisa, ou ia nos cultos mesmo com sua família?

I: Quando eu saia e era muito tarde e eu tinha que descer sozinha em casa eu tinha muito medo, que era muito escuro o bairro. Mas hoje em dia ta mais tranquilo em relação a iluminação, as coisas...E sim sai da igreja continuei amiga de todos, por que a gente pegava o mesmo ônibus pra ir pra escola. E eu ia na igreja evangélica do três figueiras também.

A: Eu também tinha esse medo a haha. Mas é, durante esse tempo ai no bairro né, você sentiu alguma diferença em relação a vir morar no vila romana? Por que você falou que pegava o ônibus rural né? --- E além disso, tem alguma coisa que você sente falta no bairro? Que você acha que deveria ter e não tem?

KAREN

TABELA: KAREN – DADOS PERFIL – QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS:

QUESTÕES	RESPOSTAS
Qual seu nome? Ou por qual nome deseja ser identificado/a na pesquisa?	Karen
Gênero	Feminino
Qual sua idade?	20
Orientação Sexual	Lésbica
Cor/Raça	Branca
Religião	Não sigo Religião
Tem irmãos?	Sim, 3 irmãos
É casado/a?	Não
Tem filhos?	Não
Está namorando?	Não
Mora com a companheira ou com o companheiro?	Não
Você exerce trabalho remunerado (fora de casa ou trabalha em casa)? Se sim, qual?	Não
Pretende fazer ou já fez Ensino Superior?	Sim, Artes Visuais e Multimídia
Que tipos de músicas gosta de ouvir?	Pop, indie, rock, mpb, rap e eletrônica
Que tipos de filmes gosta de assistir?	Ficção científica, ação, drama, animação e comédia
Segue algum influenciador/a digital?	Sim, Malfeitona, Chavoso da USP, Jonas Maria, Nátaly Neri, Afroecologica, Dri Maria,....
Quais redes sociais você mais utiliza? Pode escolher mais de uma:	Instagram, Whatsapp, Tumblr
Você estudou ou estuda na escola estadual do bairro: Colégio Carlos de Almeida?	Sim
Caso você não tenha estudado no Colégio Estadual Carlos de Almeida, isso lhe dificultou criar vínculos sociais e de amizades na região?	Sem resposta

ENTREVISTA – KAREN FURTADO – WHATSAPP - TEXTO
24/06/2021 – Quinta-feira: das 13:40h
até 25/06/2021 – Sexta-feira às 21:27h.

K: Karen Furtado (entrevistada)

A: Ana Flávia (pesquisadora)

A: Olá, boa tarde! Tudo bem? Aqui é Ana Flávia. Estou entrando em contato com você pois você participou da minha pesquisa uns meses atrás, sobre práticas culturais juvenis aqui na região Gleba Lindóia, e deixou seu contato. Gostaria de saber se você aceita participar de uma entrevista em grupo com outros jovens pelo google meet. E também se topa bater um papo comigo aqui pelo whatsapp mesmo...até mais!

K: Olá, boa tarde! Tudo sim e contigo? Ah sim. Então, eu tenho um pouco de dificuldade eu conversar em grupo mas se quiser conversar por aqui...

A: Tudo bem tbm! Entendo! Então podemos conversar por aqui mesmo hahahah.

- Mandei dois áudios tentando que a entrevistada ficasse a vontade para mandar áudios também, que foram:

A: Oi Keren, tudo bom? Mais uma vez, boa tarde, agora por áudio. Mas lembrado você, eu o que a gente vai conversar vai ser usado só pra meios científicos mesmo tá, você pode ficar tranquila, pode ficar a vontade que vai ser tudo anônimo. E eu queria conversar um pouquinho com você sobre o seu dia a dia, é... sobre qual sua relação aqui com o bairro, como você vai trabalhar, o seu dia a dia assim... Você consegue me contar um pouquinho?

A: Se fosse se sentir à vontade, pode mandar áudio ou pode me escrever mesmo ta? Tranquilo...

A conversa retornou ao texto:

A: Ah, e sem pressa tá, no seu tempo! Pode ficar tranquila pra me responder quando puder.

K: Bom, aos finais de semana eu costumo sair com as minhas amigas para andar de bicicleta ou fazer algo ao ar livre, normalmente a noite nós fazemos um trajeto e andamos no Romana, Eucaliptos e Lindóia e às vezes aos domingos nós vamos em um gramado no Três Figueiras para passar a tarde. Durante a semana eu passeio com as minhas cachorras aqui na praça e no campo do Lindóia. Quando faço algo diferente é mais voltado para comida, então, ou eu como lanche aqui no Lindóia mesmo ou tomo sorvete (normalmente com a minha irmã ou minhas amigas). Acho que é isso, não costumo sair muito de casa, principalmente agora com a questão da pandemia. Agradeço a compreensão!

A: Ahhh sim! Entendi, durante a semana você estuda tbm ou trabalha? Adotara ir lá no gramadao do três figueiras tbm hahahaha... E você quando sai andar de bicicleta costuma usar a Pepsi tbm?

K: No momento apenas estudo. Aaa lá é bem bom (o gramado do três figueiras). Às vezes, não gosto de ficar andando em círculos kkkk (sobre a pepsi)

A: O que você tá estudando no momento? Kkkkkkkkkkkkkk total (sobre a Pepsi)

K: Eu faço Artes visuais e multimídia na Unopar

A: Nossa que daora seu curso! As aulas estão sendo online?

K: Aaa obrigada! Estão sim

A: Entendi! Você falou que sair andar com suas amigas né, elas são da região mesmo? Conheceu elas por aqui?

K: Simm, é a minha vizinha (Lindóia) e a namorada dela (Romana).

A: Ahhh simmm... E você comentou um pouco sobre a pandemia, o que você acha que foi, ou está sendo mais desafiador pra vc nesse período?


K: Acredito que ter sanidade mental e conseguir emprego tá sendo bem complicado.

A: Sim, entendo! Tá bem difícil mesmo! Mas acho que é isso Karen... Tem algo que você sente falta aqui na região?

K: Acho que de um caixa eletrônico e algo de lazer, não sei, acho que pra quem não curte fazer exercícios físicos/natureza falta entretenimento. Minha irmã por exemplo sempre reclama que "não tem nada pra fazer" pra cá, porque aqui de ponto de referência é a Pepsi e só (na perspectiva dela é isso).

A: Sim sim! Eu concordo viu, queria mto um caixa eletrônico por aqui hahahahaha. E pra finalizar, mais alguma que você queira acrescentar?

K: Jgkgkhhkj. Ah, acredito que não. Espero que tu tire nota máxima na sua dissertação (se por acaso do destino for aberta ao público eu adoraria ver) e obrigada pela paciência. Espero que você tenha um bom final de semana!

A: Muito obrigada e muito obrigada por ter se disponibilizado mais uma vez! Com certeza vou te enviar uma cópia assim que tiver pronta!! Bom final de semana pra você também . Quando eu for apresentar te mando o link, e te falo da data tbm!

K: Enviou uma figurinha de um desenhinho de gente segurando uma florzinha.

**ANEXO D – PARECER SUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DE APROVAÇÃO
PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRÁTICAS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS NA REGIÃO GLEBA LINDOIA DE LONDRINA/PR **Pesquisador:** Ana Flavia Nicolau

Conrado **Área Temática:**

Versão: 5

CAAE: 40723120.2.0000.5231

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Londrina - UEL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.627.883

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: ESCOLA E BAIRRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: PRÁTICAS CULTURAIS E

SOCIABILIDADES JUVENIS NA REGIÃO GLEBA LINDOIA DE LONDRINA/PR.

Pesquisador

Responsável: Ana Flavia Nicolau Conrado. Pesquisa qualitativa, etnográfica e bibliográfica. Vinculada ao mestrado profissional de Sociologia. Orientadora profa. Ângela M de Souza. "Essa pesquisa soma-se a uma temática que vem se consolidando nas Ciências Sociais e se estendendo no campo da Sociologia da Educação, interfacetada às questões das desigualdades, dos pertencimentos e das diferenças na sociedade contemporânea em torno das problematizações sobre juventudes. É nesse sentido que pretendo registrar as percepções de jovens das classes populares acerca das suas diferentes práticas culturais e experiências de sociabilidade, especificando trocas, condições juvenis e formas de manifestação, mas compreendendo a escola e bairro e as demais malhas sociais e culturais a que estão imersas na Região Gleba Lindoia de Londrina, mais necessariamente nos bairros que

cercam a escola. Assim, a principal problematização gira em torno dos eixos escola, bairro, sociabilidades e juventudes. Nesse percurso, a pergunta que norteará a pesquisa é: Como se dão as práticas culturais e as sociabilidades das juventudes da (e na) região da Gleba Lindóia e que modificações estas vivências sociais e culturais sofreram no contexto da pandemia da Covid-19? A principal hipótese é de que essas juventudes, em geral filhas da classe trabalhadora, que estão nessa escola, em específico nessa região afastada do centro de Londrina/PR, transitam em experiências culturais e de sociabilidade únicas construídas

Página 01 de

historicamente) dentro desse pedaço da periferia do município. Outra hipótese que considero importante é que as juventudes encontram na escola pública espaços de expressão cultural e social limitados e, muitas vezes, contraditórios às suas próprias propostas, resultando em demarcações de múltiplas formas de desigualdades (de classe, de cor/raça, de sexo/gênero, socioespaciais, étnicas, religiosas, etc) que são reproduzidas dentro e f fora do contexto escolar e nas diversas esferas da vida social. Esse estudo ocorrerá através do que chamarei de práticas etnográficas, combinando um conjunto de técnicas e caminhos metodológicos que me auxiliará a afinar os olhares para perceber não apenas o Colégio, mas também seus arredores e os elos construídos pelas juventudes por meio da convivência que se inicia ou se fortalece no espaço escolar. O uso deste caminho metodológico me permitirá modificar, desestabilizar ou evidenciar novas formas de compreender o meu referencial teórico, dando vida e concretude para uma visão mais plural, diversa e desnaturalizada da categoria social juventudes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Segundo a pesquisadora: "Meu objetivo principal com a pesquisa é: Registrar as percepções dos jovens moradores da Região Gleba Lindóia de Londrina, pela

observação das suas diferentes práticas e experiências de sociabilidades, especificando trocas, condições juvenis e formas de manifestação na região, mas compreendendo a escola e bairro como correlacionantes entre as demais malhas sociais e culturais a que estão imersas. Objetivo Secundário:

- a) Fazer a construção sócio-histórica da região Gleba Lindóia, situando simbologias, espaços coletivos de trocas e de lazer; assim como a centralidade dessa escola pública na região;
- b) Problematizar as juventudes e suas práticas como campo de pesquisa nas Ciências Sociais, desvendando suas caracterizações na Região Gleba Lindóia.
- c) Compreender como as sociabilidades desses jovens são vivenciadas entre escola, bairro e outras instituições e outros espaços de encontros e trocas (estágios profissionalizantes; igrejas; mercado; viela; praças; farmácia; redes sociais etc.) durante a pandemia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

"Os riscos dessa pesquisa, apesar de pequenos, podem estar ligados à exposição das experiências particulares dos jovens, incômodos ou desconfortos pessoais. Esses podem sentir suas privacidades invadidas, ou outras dificuldades, e poderão desistir a qualquer momento de participar sem nenhum prejuízo para eles. Por mais que a participação na pesquisa não tenha necessidade de se identificar. Além disso, a realização de pesquisa de campo no momento da pandemia pode nos trazer dificuldades precisas de mobilidade para chegar a esses jovens. Além disso, a participação nessa pesquisa pode estar relacionada a possíveis reações emocionais ou constrangimento que o participante possa sentir, caso venha a recordar de algum acontecimento desagradável. A respeito disso, reforço o respeito à sua vontade de

evitar qualquer assunto que não queira abordar, bem como encerrar a entrevista a qualquer momento sem nenhum prejuízo ao participante. Caso seja necessário, comprometo-me a proporcionar assistência imediata no que se refere aos danos que possam ser decorrentes da pesquisa, encaminhando e acompanhando aos serviços de atendimento psicológico disponíveis no município de Londrina e na UEL. A autora apresenta a propositura de atendimento caso necessário.

Benefícios:

Os benefícios gerados pela pesquisa envolvem o conhecimento produzido sobre juventudes no Ensino Médio para os/as próprios jovens, para a escola pública da região e para as políticas voltadas às juventudes da classe trabalhadora, pois o estudo pretende dar visibilidade e voz às suas condições, demandas, dificuldades, potencialidades, sabedorias, práticas culturais e percepções.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Continuamos a achar desafiador e relevante considerarmos a percepção de jovens

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Resolvido. A autora apresentou calendário readequado com os novos prazos.

Recomendações:

Aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresentá-lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1673829.pdf	23/03/2021 16:42:57		Aceito
Outros	carta_resposta_parecer4606437.docx	23/03/2021 16:42:34	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
Outros	carta_resposta_parecer4550899.docx	22/03/2021 16:39:00	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito

TCLE / Termos de Assentimento /	termodeconsentimento_assentimento1.docx	12/02/2021 15:19:05	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
---------------------------------	---	------------------------	----------------------------	--------

Página 04 de

Justificativa de Ausência	termodeconsentimento_assentimento1.docx	12/02/2021 15:19:05	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_pais_responsaveis1.docx	12/02/2021 15:17:12	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa_ana_flavia_atualizado.docx	12/02/2021 15:06:06	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_anaflavia.pdf	12/02/2021 15:00:32	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade_e_sigilodoc	16/01/2021 01:37:59	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito
Outros	roteiro_questionario_survey.docx	16/01/2021 01:36:52	Ana Flavia Nicolau Conrado	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 05 de Abril de 2021

Assinado por:

Adriana Lourenço Soares Russo
(Coordenador(a))